

A EDUCAÇÃO, OS JOVENS E O MERCADO DE
TRABALHO ARTÍSTICO-CULTURAL EM PORTUGAL:
O DESAFIO

Carolina Martins Vaz

Dissertação de Mestrado
em Gestão Cultural

Orientadora:
Prof.^a Doutora Alexandra Fernandes
Professora Auxiliar do Departamento de Marketing, Operações e Gestão Geral
do ISCTE Business School

Setembro 2013

Agradecimentos

Aos meus avós paternos, por muito cedo me inculcaram na vida o gosto e o contacto com a cultura artística.

Aos meus pais, irmão, família e amigas por todo o enorme apoio.

À Professora Alexandra, pelo tempo e dedicação na elaboração deste trabalho.

A todos os que colaboraram na participação do estudo.

E a todos vocês, meus queridos *Masters!*

*A si, Avô Manel Zé, dedico-lhe
todo o meu futuro profissional...*

Ma-ri-qui!

Cartolina, Setembro 2013

RESUMO

A presente dissertação foca o desafio que os jovens enfrentam no mercado de trabalho no setor artístico-cultural em Portugal.

Considerando o panorama atual da cultura em Portugal e a sua importância socioeconómica, bem como o papel primordial que a arte tem na educação e formação do indivíduo (Educação Artística e Ensino Artístico), realizou-se um estudo que tem por finalidade analisar as trajetórias em termos escolares e profissionais, assim como a dimensão dos jovens ativos profissionalmente neste setor e as dificuldades conjunturais inerentes na prossecução dos seus objetivos e no desenvolvimento profissional.

Com os resultados desta pesquisa consciencializam-se os obstáculos e as dificuldades impeditivas da inserção no mercado de trabalho no setor artístico e cultural, como as reduzidas oportunidades para uma progressão de carreira ou desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Sector artístico-cultural, Educação Artística, Ensino Artístico, mercado de trabalho

ABSTRACT

This dissertation focuses on the challenges that young people facing in the labour market in the artistic and cultural sector in Portugal.

Considering the current situation of culture in Portugal and its socio-economic importance, as well as the role that art has on the education and training of the individual (Artistic Education and Arts Education), a study was conducted that aims the analysis of their scholar and professional trajectories as well as the dimension of the young professionally active in this sector and their difficulties in achieving their goals and professional development.

With the results of this research we became aware of the difficulties and obstacles that hinder the insertion in the labour market in the arts and cultural sector, such as the limited opportunities for career advancement or professional development.

Key-words: Artistic-cultural sector, Artistic Education, Arts Education, Labour market

Índice Geral

Introdução	01
<hr/>	
Parte I: Revisão Bibliográfica	03
<hr/>	
Capítulo 1: A Cultura em Portugal: breve sinopse teórica, histórica e socioeconómica	05
1.1 Enquadramento teórico	07
1.2 Enquadramento histórico	10
1.3 Enquadramento socioeconómico	14
Capítulo 2: A Arte nos Sistemas Educativos em Portugal	21
2.1 A importância da Arte na Educação	23
2.2 A Educação Artística e o Ensino Artístico	26
2.3 O Sistema Educativo em Portugal	30
2.3.1 O Ensino Básico e Secundário	31
2.3.2 O Ensino Artístico Especializado	34
2.3.3 O Ensino Profissional	39
2.3.4 O Ensino Superior	40
Parte II: Metodologia do trabalho	45
<hr/>	
Capítulo 3: Estudo Empírico	47
3.1 Definição do problema	49
3.2 Investigação e Método de Estudo	50
3.3 Técnicas de recolha de informação	50
3.4 Análise de resultados	51
3.5 Limitações do estudo	71
Conclusão	73
<hr/>	

Índice Geral (cont.)

Referências	75
Anexos	89
Anexo 1: Quadro da Dimensão e Contributo do Setor Cultural e Criativo para a Criação de Riqueza entre 2000 e 2006	91
Anexo 2: Empregos artísticos, técnico-artísticos e de mediação	93
Anexo 3: Algumas transformações induzidas nos empregos das atividades artísticas, culturais e de espetáculo nos últimos anos	97
Anexo 4: Apresentação dos perfis profissionais construídos para o setor das atividades artísticas, culturais e de espetáculo	105
Anexo 5: Questionário	107
Anexo 6: Tabelas de frequências dos resultados do questionário	117
Anexo 7: Todos os cursos Superiores respondidos pelos inquiridos no questionário	131

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Gráfico 1: Orçamento Inicial do Ministério da Cultura por Ano (1995 – 2011)	12
Gráfico 2: As grandes componentes do Setor Cultural e Criativo: contributo para a criação de riqueza (VAB)	16
Gráfico 3: Alunos matriculados em Artes, por disciplina, entre os anos letivos 1995/96 e 2007/08	42
Gráfico 4: Idade dos inquiridos	52
Gráfico 5: Regiões dos inquiridos	52
Gráfico 6: Reação dos Pais/Encarregados de educação	55
Gráfico 7: Nível de habilitação que os inquiridos têm atualmente, ou seja, o último que frequentaram	56
Gráfico 8: Licenciaturas	58
Gráfico 9: Mestrados	59
Gráfico 10: Razões da participação no concurso	60
Gráfico 11: Como os inquiridos arranjaram o trabalho	63
Gráfico 12: Dimensões com que os inquiridos se encontram menos satisfeitos	71

Índice de Quadros

Quadro 1: A composição do setor Cultural e Criativo	08
--	-----------

Índice de Tabelas

Tabela 1: Número de matrículas e transições (10º, 11º e 12º Anos) no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais no Ensino Secundário (público e privado), no ano letivo de 2010/2011	33
Tabela 2: Número de alunos matriculados no Ensino Artístico Especializado no Ensino Básico, no ano letivo de 2010/2011	35
Tabela 3: Número de alunos matriculados no Ensino Artístico Especializado no Ensino Secundário, por área, no ano letivo de 2010/2011	36
Tabela 4: Número de inscritos e matriculados em cursos nas áreas culturais e criativas no ano letivo de 2010/11	41

Introdução

Num momento em que as disciplinas artísticas ditas eruditas (a música, as artes plásticas, o teatro, a dança, etc.) já não se encontram sozinhas no domínio da cultura, a evolução da sociedade contemporânea veio dar espaço a novas práticas criativas e a novas culturas urbanas (ao design, à publicidade, à moda, etc.).

O setor cultural passou a abranger novas áreas de intervenção, deixando de ter apenas um peso intelectual e tornando-se num ativo económico à escala mundial, contribuindo positivamente para o crescimento das economias locais.

A sociedade necessitou cada vez mais de trabalhadores especializados, adotando as necessidades de profissionalização do setor às ofertas formativas tornando-as mais alargadas e diversificadas. Nos últimos anos, um número significativo de estabelecimentos escolares apostou fortemente na qualificação, trazendo um maior número de profissionais para o setor.

Paralelamente a este fenómeno, Portugal tem sofrido uma grave crise económica com consequências negativas para a cultura: a inexistência do Ministério da Cultura, os cortes orçamentais cada vez maiores, a falta de apoios, as dificuldades económico-financeiras de instituições e centros culturais e o descontentamento e desmotivação dos profissionais do setor. O país apresenta um quadro bastante desanimador que nos anuncia que nas atuais circunstâncias, as artes e a cultura passaram a ter um papel de menor relevo na estratégia de desenvolvimento do país, quando deveria contribuir para "alavancar a saída da crise"¹.

Esta dissertação debruça-se na atual problemática. Por um lado, existem profissionais qualificados para o setor, mas por outro, as oportunidades de trabalho em Portugal são cada vez menores, não sendo do conhecimento geral as suas condições laborais e os seus modos de vida.

O objeto de estudo deste trabalho foca-se na análise das trajetórias e dos percursos escolares e profissionais dos jovens portugueses neste setor que ainda têm esperança e que fazem com que continue a existir uma oferta cultural interessante e de qualidade, ainda que haja falta de apoios e escassez de recursos.

¹ Fonte: http://economico.sapo.pt/noticias/extincao-do-ministerio-da-cultura-e-certidao-de-obito-de-um-sector-morto_118168.html

A investigação tem como finalidade perceber numa primeira fase, a dimensão dos jovens que se formaram para o setor, o papel da família e da escola sobre a produção de talento, o papel dos circuitos de difusão e a construção social de subjetividade artística; numa segunda fase, a dimensão de jovens que trabalham atualmente numa área artística e/ou cultural, a estruturação da carreira profissional e as respetivas dificuldades conjunturais em trabalhar numa atividade que não é de fácil inserção ou de se manter no mercado de trabalho atualmente.

A estrutura da dissertação encontra-se dividida em três capítulos.

O primeiro, desenvolve-se em função de um breve enquadramento teórico e histórico da gestão da cultura em Portugal e de uma breve apresentação da sua importância na vida económica através de dois pilares estatísticos: *O Setor Cultural e Criativo em Portugal*, por Augusto Mateus & Associados (2006) e *Estatísticas da Cultura*, pelo Instituto Nacional de Estatística (2010).

O segundo, trata da diferença entre Educação Artística e Ensino Artístico. A Educação Artística é desenvolvida através do papel influenciador que a arte tem na idade escolar e de que modo influencia o crescimento e a formação pessoal. O Ensino Artístico é desenvolvido através da análise do Sistema Educativo em Portugal: Ensino Básico e Secundário, Ensino Artístico Especializado, Ensino Profissional e Ensino Superior.

O terceiro e último reporta-se à metodologia de investigação e à apresentação dos resultados obtidos na pesquisa, bem como as respetivas conclusões.

Parte I

Revisão Bibliográfica

Capítulo 1

A Cultura em Portugal: breve sinopse teórica, histórica e socioeconómica

- 1.1 Enquadramento teórico
- 1.2 Enquadramento histórico
- 1.3 Enquadramento socioeconómico

Capítulo 1: A Cultura em Portugal: Breve sinopse teórica, histórica e socioeconómica

1.1 Enquadramento teórico

A globalização está no coração da cultura moderna; as práticas culturais estão no coração da globalização.

John Tomlinson

A cultura pode ser entendida segundo diversas formas (Schafer, 1998). O seu conceito foi-se desenvolvendo e modificando com o decorrer do tempo. Deixou de ser apenas entendido como um “conjunto de obras e práticas de atividade intelectual ou especificamente artísticas, baseadas em criações e reproduções, leituras e audições, interpretações e contemplanções”, abrangendo também outros “campos semânticos” que se “orientam para o estudo das formas, modos ou estilos de vida dos diferentes grupos sociais” (Pais et al, 1994:14).

Segundo Eliot (1962: 21 *apud* Vilar, 2007), a cultura pode ser vista “enquanto desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, ou da sociedade como um todo”. Neste sentido, podemos analisá-la de três formas: enquanto “formação ou educação”, ou seja, tudo o que abraça o desenvolvimento da mente ou do intelecto; enquanto “identidade de um grupo ou civilização”, que retrata os valores, costumes, crenças e atitudes de um grupo social (seja ele étnico, religioso, político, entre outros) caracterizado através de símbolos e linguagens próprias; e enquanto “conjunto dos produtos do tríptico Artes/Humanidades/Ciência”, ou seja, das atividades intelectuais e artísticas da vida humana (Vilar, 2007:133-134).

Com a transição para o século XXI, o setor cultural foi marcadamente alterado através do crescimento do valor económico da produção cultural e de mudanças muito significativas na distribuição e consumo de bens e serviços culturais (Mateus & Associados, 2009). O avanço tecnológico e o fenómeno da globalização mundial vieram dar espaço às novas atividades criativas e às indústrias culturais (Alves, 2012),

ligando a criatividade à cultura, a cultura à economia e a tecnologia à criatividade (Mateus & Associados, 2009). Também as condições socioeconómicas das sociedades contemporâneas, tais como o modo de vida urbano, um maior rendimento familiar e mais educação, tiveram impacto nas mudanças deste setor (IQF, 2006).

A cultura passou então a ser vista numa “ótica de desenvolvimento sustentável das cidades modernas” sendo considerada uma atividade com valor económico na medida em que cria riqueza, gera emprego, dinamiza economias locais, qualifica territórios, atua como plataforma de troca de valores entre países e dinamiza o turismo (Rego, 2012:5).

No Quadro 1, explicitam-se as atividades do setor através de três grupos: Atividades Culturais nucleares, Indústrias Culturais e Atividades Criativas.

Quadro 1: A composição do setor Cultural e Criativo

Setores-âncora	Subsetores
Atividades Culturais nucleares	Artes Performativas Artes Visuais e Criação Literária Património Histórico e Cultural
Indústrias Culturais	Cinema e Vídeo Edição Música Rádio e Televisão Software Educativo e de Lazer
Atividades Criativas	Arquitetura Design Publicidade Serviços de Software Componentes Criativas em Outras Atividades

Fonte: Augusto Mateus & Associados, 2009

Esta crescente diversificação e massificação de novas práticas culturais trouxe como consequência o aparecimento de novas profissões que, conseqüentemente, geraram um maior volume de emprego (Mateus & Associados, 2009). Este fenómeno não só moldou as instituições a novos *modus operandi*, que adotaram um modelo mais empresarial (Alves, 2012), como alterou o próprio papel das entidades governamentais nas suas várias dimensões: central, regional e local (Vargas, 2011).

Neste sentido, a cultura afirmou-se como sendo uma das atividades mais importantes nos dias de hoje (Nunes, 2012).

Tornou-se então necessário adotar políticas culturais que promovam, qualifiquem e dinamizem a cultura a “nível da formação e da profissionalização, a nível dos equipamentos culturais, a nível dos territórios para melhoria da qualidade de vida das populações e valorização dos lugares na competição internacional” (Santos, 2007:1). Uma política cultural define o modo como as entidades governamentais perspetivam a cultura a nível nacional, regional e municipal, através da aplicação de iniciativas e práticas intelectuais e artísticas em que se apoiam e regulam “as artes, o património e o legado de um povo numa perspetiva criativa mas também de desenvolvimento económico e de promoção de justiça social.” (Nunes, 2012:12).

Nos últimos anos, as políticas culturais em Portugal orientaram-se por quatro vetores: pela “descentralização”, através do estabelecimento de redes de museus, bibliotecas e arquivos e do alargamento de equipamentos culturais em várias capitais de distrito; pela “internacionalização”, através da difusão da língua portuguesa no estrangeiro; pela “qualificação profissional”, através de uma grande aposta na educação e na formação profissional, mesmo comparando com os de outros setores; e pela “promoção da diversidade e de diferentes formas de cultura” (Santos & Lima, 2007 *apud* Ferreira, 2012:96).

Estes quatro vetores fundamentam-se no princípio da democratização cultural através da ampliação do número de praticantes culturais, do aumento a programação e da descentralização a oferta. Este termo ganhou grande importância e tornou-se uma prática imprescindível das políticas culturais dos governos portugueses (Gomes & Lourenço, 2009).

Esta “crescente diversidade das expressões artísticas, dos modos de acesso à cultura e das formas de relação e de receção dos bens culturais, reclama um olhar renovado sobre as formas de intervenção no âmbito das políticas culturais e sobre o

conceito de democratização cultural” (Gomes & Lourenço, 2009:14). Deste modo, viu-se a necessidade de uma urgente formação de públicos para a cultura (Ribeiro, 1998). As políticas culturais que se orientaram nesse sentido, têm-se regido por três linhas condutoras: “o incentivo à criação e requalificação de serviços educativos nos equipamentos culturais; o estímulo ao desenvolvimento de atividades desta natureza junto de agentes culturais e artísticos através de legislação específica; e as tentativas de reequacionamento da aprendizagem e do contacto com as artes nas escolas do ensino regular” (Gomes & Lourenço, 2009:14-15).

Como vemos, o setor cultural tem de ser entendido como parte integrante no desenvolvimento de um país e da sua sociedade (Miranda, 2012). É preciso adotar políticas culturais que “ofereçam condições de liberdade e de cidadania em sociedades democráticas”, fomentando a atividade cultural e dando iguais possibilidades a todos os cidadãos dos seus produtos e serviços (Lopes 2009b:2).

1.2 Enquadramento histórico

O panorama em Portugal é muito negro. Mesmo que se reconheça a boa vontade de alguns responsáveis políticos no sentido de alterar o presente estado das coisas, a situação afigura-se distante, quando não inatingível.

Vasco Graça Moura

O investimento público na cultura cresceu significativamente em todo o mundo a partir da década de 70. Em Portugal², esse fenómeno só aconteceu na década de 90. Até lá, a cultura aparecia relacionada à Educação ou à Ciência (Alves, 2012).

² Apesar da caracterização do setor cultural em Portugal ser carente e de menor dimensão face à evolução assistida no final do século XX, já nos finais dos anos 60 Portugal começou a receber criadores mundialmente conhecidos tal como Martha Graham (1967), Peter Brook (1978), Pina Bausch (1987), Bob Wilson (1993), entre outros. Posteriormente, muitos deles continuaram a passar por cá e inclusive continuaram a apresentar obras de forma cíclica, permitindo aos públicos acompanhar os seus percursos artísticos e colocando Portugal a par da criação contemporânea da altura. Deste modo, no que diz respeito a matéria de circulação de espetáculos internacionais, Portugal não esteve aquém da qualidade de programação artística de outras cidades europeias (Pinto Ribeiro, 1998).

Foi então com a ajuda de consideráveis fundos comunitários para a cultura que em 1995 se (re)criou³ o Ministério da Cultura, com a tomada de posse do XIII Governo Constitucional por António Guterres. Nessa altura, alguns acontecimentos culturais de iniciativa pública, tais como a Europália, Lisboa 94, Expo 98, Porto 2000, tiveram um impacto decisivo no desenvolvimento e na promoção da cultura e das artes nas políticas públicas portuguesas (IQF, 2006).

Mas foi a partir de 2005 que o cenário cultural português começou a ficar comprometido (Queirós, 2009). O Programa do XVII Governo Constitucional desse ano definiu publicamente que a cultura orientar-se-ia por três objetivos cruciais: “retirar o setor da cultura da asfixia financeira”, “retomar o impulso político para o desenvolvimento do tecido cultural português” e “conseguir um equilíbrio dinâmico entre a defesa e valorização do património cultural, o apoio à criação artística, a estruturação do território com equipamentos e redes culturais, a aposta na educação artística e na formação dos públicos, e a promoção internacional da cultura portuguesa”⁴. No que dizia respeito ao financiamento público, o programa definiu como prioridade “reafirmar o setor na afetação dos recursos disponíveis” e manter o objetivo “de 1% do Orçamento de Estado dedicado à despesa cultural”⁵.

Ao invés, assistimos ao “desaparecimento político quase total do Ministério da Cultura; asfixia financeira reforçada; revogação do Estatuto do Mecenato; intervenção autoritária e liquidação de trabalhos sustentados nos Teatros Nacionais Dona Maria e São Carlos e no Museu Nacional de Arte Antiga; confusões burocráticas mastodônticas com a alteração do estatuto de institutos públicos” (Seabra, 2008f). Como referiu Carrilho (2009), a “política cultural tornou-se assim cada vez mais invisível, ilegível e incompreensível, ameaçando fazer dos anos 2005/09 uma legislatura perdida para a cultura”.

Para muitos, a solução passava então pela substituição do Primeiro Ministro que, em 2009, dotou o Ministério da Cultura com o mais baixo orçamento de sempre (0,3%) (Araújo, 2010). Esse orçamento não só foi insignificante como comprometeu os poucos recursos disponíveis em prioridades injustificáveis. A promessa de alcançar o 1% do Orçamento de Estado não passou cada vez mais de uma miragem, atirando o Orçamento para a Cultura “para o nevoeiro sebastianista” (Araújo, 2010).

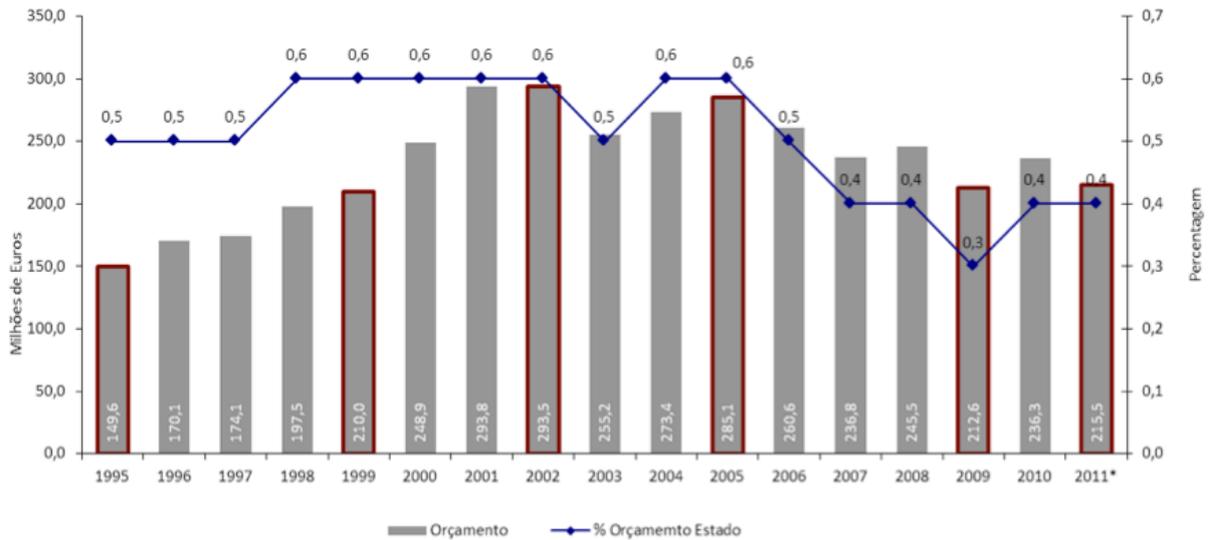
³ Entre 1983 e 1985 a cultura foi tutelada por um Ministério próprio.

⁴ Programa do XVII Governo Constitucional, p.54

⁵ Programa do XVII Governo Constitucional, p.54

Como se pode observar no Gráfico 1, a partir de 2005 até 2011, a promessa do 1% do Orçamento de Estado tornou-se cada vez mais irrealizável (Araújo, 2010).

Gráfico 1: Orçamento Inicial do Ministério da Cultura por Ano (1995 – 2011)



Fonte: GEPAC⁶

Desde o XIII Governo Constitucional, o país foi administrado por seis Governos e oito Ministros da Cultura. Com estas sucessivas alterações governamentais, não se verificaram impactos positivos sobre as definições e linhas orientadoras das políticas culturais (Santos, 2007). Frequentemente, alteraram-se as políticas culturais sem que as anteriormente definidas tivessem sido implementadas e devidamente avaliadas. Deste modo, é “difícil averiguar até que ponto um determinado objetivo de uma política cultural foi ou não atingido e com que nível de conseguimento e qual eficácia de cada uma das medidas que visou atingi-lo” (Melo, 1997:8).

Como refere Xavier (2013), as políticas culturais em Portugal passaram por três períodos: um período de estruturação (entre 1974 e 1995), um período de

⁶ Nota: Nos anos de 2001 e 2002 excluem-se os valores relativos ao setor da Comunicação Social; a partir de 2009 não está incluído o financiamento para as E.P.E. entretanto criadas (OPART, E.P.E., TNSJ, E.P.E. e TNDM II, E.P.E.), feito através do Ministério das Finanças; os dados de 2002 e de 2004 foram corrigidos; * SEC a partir de julho de 2011. Legenda: As barras com as margens escuras correspondem aos anos eleitorais (1995, 1999, 2002, 2005, 2009 e 2011).

aperfeiçoamento (entre 1996 e 2005) e um período de consolidação (de 2005 até hoje). Neste último período não se atingiram os objetivos esperados, uma vez que se acumularam os erros governamentais ao invés de os corrigir, agravando a situação cultural do país e comprometendo o funcionamento de casas e instituições culturais.

Em 2011, como solução à gravíssima crise que o país atravessava, aparece a ajuda de um resgate financeiro através da Troika⁷. Esta situação vinculou o país a políticas financeiras internacionais que comprometeram a atividade dos vários setores. Citando Araújo (2010), “se todas as áreas da vida social portuguesa vão sofrer um retrocesso brutal pela mão da Troika e dos seus serventuários nacionais, adivinhasse que a Cultura acabe por ser completamente destruída”.

Nesse mesmo ano, o Primeiro Ministro Pedro Passos Coelho⁸ decide abolir o Ministério da Cultura deixando o setor cultural na dependência de uma Secretaria de Estado através de seis objetivos: “reavaliar o papel do Estado na vida cultural, de modo a reorganizar e simplificar as estruturas do Estado na área cultural do ponto de vista do interesse público; valorizar o papel da cultura, da criação artística e da participação dos cidadãos enquanto fatores de criação de riqueza, de qualificação frente às exigências contemporâneas e da melhoria da qualidade de vida dos portugueses; salvaguardar o património material e imaterial; promover a educação artística e para a cultura em todos os setores da sociedade, em coordenação com entidades públicas e privadas; libertar o potencial das indústrias criativas e apoiar a implementação do negócio digital e das soluções de licenciamento que permitam equilibrar a necessidade de acesso à cultura com o reforço dos direitos dos criadores; apoiar, libertar e incentivar a criação artística, nas suas mais diversas áreas, tendo em conta que o Estado não é um produtor de cultura” (Programa do XIX Governo Constitucional, 2011:124). No que diz respeito a financiamento público, o Orçamento de Estado para a Cultura em 2013 é semelhante ao de 2012 (189,7 milhões de euros).

Tal como referiu Ribeiro (2011a), a cultura foi encarada pelos governos de todo o mundo como razão de Estado com potencial económico e devendo ser gerida de forma autónoma e sustentada por um Ministério próprio, não sendo aceitável que “um Governo possa remeter a Cultura para a dimensão técnico-profissional de uma Secretaria de Estado”.

⁷ Comité de três membros: Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia

⁸ Primeiro-Ministro do XIX Governo Constitucional (desde 2011 até aos dias de hoje).

Nos últimos anos verificou-se uma crescente desvalorização no setor cultural: secundarização do valor artístico, pressões económicas sobre as instituições e atividades, grandes cortes orçamentais por parte do Estado e programação vítima de critérios de popularidade e de influências (Jürgens, 2007). Houve uma falta de perspetiva no que diz respeito ao desenvolvimento do setor cultural e criativo e uma incapacidade em manter a democratização não só respeitante à fruição mas também à produção cultural (Gusmão, 2010).

Para alterar esta realidade e voltar a destacar o papel deste setor na sociedade portuguesa, importa abandonar o modelo que se utilizou nos últimos anos e implementar mudanças significativas com novas políticas culturais. (Ribeiro, 2011a). Independentemente de ser Ministério ou Secretaria de Estado, é necessário perspetivar para o futuro uma redefinição de prioridades: efetuar uma diferente alocação e otimização de recursos; criar sinergias entre instituições, agentes e atividades; atribuir autonomia financeira aos organismos e projetos criadores e difusores de atividades artísticas; e, por último, evitar que os jovens talentos abandonem o país (Magalhães, 2011).

A Cultura é um fenómeno dinâmico e, para que os cidadãos possam fruir corretamente das suas atividades, é necessário manter e garantir a sua sustentabilidade hoje e no futuro (Nunes, 2012).

1.3 Enquadramento socioeconómico

A aposta na cultura pode contribuir para o crescimento económico, competitividade, emprego, desenvolvimento sustentável e inovação.

John Howkins

A transição para o século XXI ligou a cultura à economia. As atividades que o setor cultural e criativo engloba são um grande fator de desenvolvimento a vários níveis: promovem a coesão e integração social, criam valores democráticos e sociais, aumentam a procura de bens culturais e principalmente geram “economia baseada no

conhecimento, que se tornou num dos mais poderosos motores de crescimento económico e de emprego na atualidade” (Mateus & Associados, 2010:28).

Como a cultura não tem apenas um valor material mas também imaterial, o investimento neste setor nem sempre requer uma justificação económica nos moldes tradicionais. Ou seja, há um conjunto de atividades humanas cujo valor não pode ser medido pelo valor do mercado (Nunes, 2012).

A criatividade e a cultura desempenham então um papel fundamental no desenvolvimento, sustentabilidade e competitividade entre países. Contribuem para a balança externa da economia portuguesa e ajudam as regiões a atrair investimento, talento criativo por parte dos mais jovens e turismo. Em Portugal, as atividades deste setor surgem nos anos 90 como “geradoras de um certo desenvolvimento económico, como um ramo da economia” (Alves, 2012:113).

Também o turismo ganhou um papel muito importante no desenvolvimento económico, gerando emprego e criando valores noutros setores de atividade. Tornou-se num fator de crescimento e alargamento de públicos para as instituições como e, de certo modo, ajudou também a promover o investimento no setor através do alargamento de parcerias público-privadas (Mateus & Associados, 2009).

O turismo cultural, é construído e consumido numa forma de apreciação cultural mobilizando públicos para atrações (museus, património, artes do espetáculo, entre muitas outras) de modo a ganharem conhecimento, experiência e acesso a culturas diferentes das suas contribuindo para o desenvolvimento e crescimento das próprias instituições. Tal como refere Canavilhas, deve-se “procurar responder às crescentes exigências de um público mais informado, mais exigente, ávido para conhecer novas formas de experiências artísticas” (2012:145).

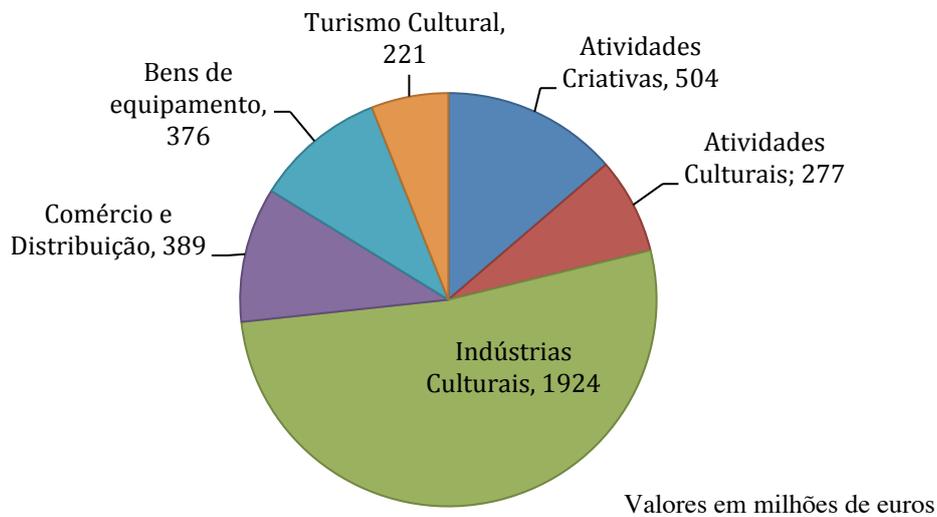
Analisaremos então a importância do setor em termos de criação de valor acrescentado segundo o estudo *O Setor Cultural e Criativo em Portugal*, por Augusto Mateus & Associados. Os dados apresentados são do ano de 2006, o que não permite perceber como o setor reagiu à recente crise económica.

O setor constitui-se cada vez mais por pequenas e micro empresas, o que faz de si um excelente motor para o crescimento de emprego. Em 2006 originou um valor acrescentado bruto (VAB) de cerca de 3,7 mil milhões de euros, o que representou 2,8% de toda a riqueza criada nesse ano em Portugal, valor que, citando Mateus “não

se pode deixar de considerar significativo e relevante, justificando a necessidade da construção de um novo olhar mais objetivo e atualizado sobre o papel da cultura e da criatividade na economia portuguesa” (2009:121).

No Gráfico 2, apresenta-se o VAB correspondente a cada atividade do setor.

Gráfico 2: As grandes componentes do Setor Cultural e Criativo: contributo para a criação de riqueza (VAB).



Fonte: Augusto Mateus & Associados

No período entre 2000 e 2006, o dinamismo da criação de riqueza do setor acompanhou o dinamismo da economia nacional, o que significa um crescimento cumulativo de 18,6%, ou seja, numa taxa média de crescimento anual de 2,9% (ver Anexo 1).

Para analisar a importância do setor relativamente à criação de emprego, recorreremos maioritariamente ao estudo *Estatísticas da Cultura* elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística. Os dados apresentados reportam-se ao ano de 2010.

O emprego neste setor pode ser direto ou indireto. Direto no sentido de emprego em “micro empresas de artes e ofícios tradicionais, nas indústrias culturais, nas organizações de produção e animação cultural nas áreas das artes e do

património” e indiretos no que respeita às “atividades e serviços associados ao desenvolvimento turístico, atividades de suporte às atividades culturais nomeadamente empresas criativas, gráficas, comunicação e marketing) (IQF, 2006:3).

Em 2010, as áreas Culturais e Criativas empregavam 81,1 mil pessoas (53,3% Homens e 46,7% Mulheres), sendo que 59,2% da população tinha entre 25 a 44 anos. Já entre 1991 e 2010 verificou-se um crescimento de 34% com um recenseamento de 32.362 e 43.416 trabalhadores⁹, respetivamente, em várias profissões culturais e artísticas (ver Anexo 2). Nos últimos anos, os empregos das atividades artísticas, culturais e de espetáculos sofreram algumas alterações (ver Anexo 3).

Entre 1985 e 1994 a evolução do emprego foi de 37,1% e entre 1995 e 2003 de 160,7%¹⁰. Os empregadores deste setor apresentam um nível de educação mais elevado do que noutros pois os trabalhadores com nível de ensino superior representavam 32,5% do total de emprego no setor, quando comparado com os valores para o total da União Europeia.

Esta é uma área que influencia positivamente o envolvimento dos jovens numa ótica de formação, educação e emprego pois o mercado de trabalho é mais flexível e orientado por pequenos e médios projetos com elevada mobilidade e o número de trabalhadores independentes – *freelancers* - é mais do dobro do que no total de trabalhadores a nível europeu.

A população empregada neste setor representava 1,6% do emprego total da economia do país (em 2000 representava 2,5% e em 2006 2,6%¹¹). Em 2006 foram recolhidos 45 perfis profissionais¹² sendo que 13 eram específicos e 32 comuns a outros setores de atividade (ver Anexo 4).

As atividades empregadoras que mais se destacaram, foram: 24,7% de comércio a retalho de bens culturais e recreativos, 19% de edição de livros, jornais e outras publicações, 14,5% de atividades cinematográficas, de vídeo e produção de

⁹ Fonte: Trabalho e Qualificação nas Atividades Culturais, Observatório das Atividades Culturais.

¹⁰ Fonte: O setor das Atividades Artísticas, Culturais e do Espetáculo em Portugal, IQF, 2006 (MTSS, Quadros de Pessoal (1985, 1989, 1994, 1995, 2000 e 2003)

¹¹ Fonte: Augusto Mateus & Associados, 2009

¹² Fonte: O setor das Atividades Artísticas, Culturais e do Espetáculo em Portugal, IQF, 2006

programas de televisão, de gravação de som e edição de música e 9% de atividades de teatro, música, dança e outras atividades artísticas literárias.

Em 2009 havia 51565 empresas com atividades culturais e criativas. Dessas, 27,9% eram de atividades das artes do espetáculo, 19,4% de atividades de arquitetura e 12% de empresas de comércio e retalho de bens culturais. Estas empresas geraram um volume de negócio de 6,2 mil milhões de Euros. Destas, evidenciam-se: as agências de publicidade, com uma faturação de 28,8% do total do setor; o comércio a retalho de jornais e revistas com 12,2%; a televisão com 8%; a edição de jornais e livros com 6,5% e 5,8%, respetivamente; e as artes do espetáculo com 4,4%.

Algumas das características do trabalho neste setor são a “flexibilidade, mobilidade, pluriatividade, intermitência, trabalho a tempo parcial, de curta duração, pouco remunerado ou mesmo voluntário, auto-emprego e *freelancing*” que resultam “quer da diversidade de formatos em que o emprego cultural se insere, quer da substituição da noção tradicional de organização/entidade empregadora pela noção de projeto” (IQF, 2006:41).

Todos estes indicadores acima apresentados revelam que o movimento artístico e cultural assume uma grande importância no crescimento do país. As atividades culturais contribuem para a inovação e competitividade e ganham cada vez mais um papel significativo nas atividades económicas geradoras de valor acrescentado e de empregabilidade jovem (IQF, 2006).

O peso económico da cultura já é reconhecido mas, apesar de todo este visível desenvolvimento, o contributo económico deste setor ainda se caracteriza pela “existência de dificuldades, limitações e insuficiências, significativas e não menosprezáveis” (Mateus & Associados, 2009:28). Essas fragilidades impedem que o setor atinja o desenvolvimento desejado e funcione na sua totalidade de acordo com o contexto europeu e coloca os seus agentes em situações de dependência económica e financeira que compromete o funcionamento da sua atividade (IQF, 2006). Para combater esta situação, o Estado necessita de uma “estabilidade política e financeira a médio/longo prazo de que este setor em particular (...) não conseguiu ainda beneficiar” (IQF, 2006:60).

Neste sentido, é essencial que a cultura seja entendida como investimento e não como despesa, ou seja, que a cultura passe a ser considerada uma área relevante e

imprescindível no desenvolvimento do país (Ribeiro, 2011b). Também é necessária uma articulação reforçada entre as políticas da Secretaria de Estado da Cultura, dos Ministérios da Educação e da Economia é necessária para que haja uma intervenção mais reguladora e uma aposta cada vez maior na mobilização de recursos e plataformas entre o sistema de ensino com o mercado de trabalho (Mateus & Associados, 2009).

Capítulo 2

A Arte nos Sistemas Educativos em Portugal

- 2.1** A importância da Arte na Educação
- 2.2** A Educação Artística e o Ensino Artístico
- 2.3** O Sistema Educativo em Portugal
 - 2.3.1** O Ensino Básico e Secundário
 - 2.3.2** O Ensino Artístico Especializado
 - 2.3.3** O Ensino Profissional
 - 2.3.4** O Ensino Superior

Capítulo 2: A Arte nos Sistemas Educativos em Portugal

2.1 A importância da Arte na Educação

Para definir Arte seria preciso definir Vida; o mesmo é dizer que é impossível definir Arte.

Abel Salazar ¹³

Durante toda a história da Humanidade, várias são as teorias e definições que sustentam o significado do que é a arte. E parece que até aos dias de hoje não se encontrou um, mas vários significados e funções. É desnecessário procurar uma definição geral para a arte. O seu conceito não é homogêneo, não é universal, nem é único (Nunes, 2004). É tão variado quanto as suas épocas e sistemas socioculturais em que se insere e “as teorias e definições que quaisquer autores tenham elaborado a respeito do que é arte – independentemente do seu valor lógico e teórico em si mesmas e no campo da reflexão em que se situam – só têm importância e pertinência para a descrição e análise daquilo que é realmente a experiência social da arte nas sociedades contemporâneas se os agentes culturais as tiverem incorporado nas suas atitudes e comportamentos” (Melo, 1994:14).

Ao longo do tempo, a arte tem sido uma prática e uma realidade em todas as manifestações culturais. A cultura dos povos e das sociedades foi sendo conhecida e comunicada através de muitas manifestações artísticas que evoluíram paralelamente com o Homem (Valente & Lourenço, 1999). Os estilos de representação, a visão e interpretação do mundo, os símbolos e os materiais utilizados pelos artistas têm a marca do seu tempo e da sua cultura. “A arte é, então, um documento histórico inalienável da ação do homem no mundo” (Nunes, 2004:8).

Quem pratica arte, comunica e expressa sentimentos de modo a buscar, para si próprio, significados, valores estéticos e riqueza de expressão. Por um lado, o artista

¹³ Fundação Calouste Gulbenkian (1992); Educação pela Arte: pensar no futuro, Lisboa, ACARTE, Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, p.14

profissional trabalha com o objetivo de atingir qualidade técnica e valor artístico e, por outro, o artista amador procura nas expressões artísticas formas de enriquecer a sua vida à parte dos objetivos de realização profissional (Leite, 2000).

Segundo Parsons (1987), todas as ações criativas são um processo de comunicação. Essa comunicação é portadora de sentido e a sua fruição é uma forma de a compreender. O artista (emissor) tem vontade de exprimir algo esteticamente (mensagem) e materializa essa ideia através de uma obra de arte (canal) para ser vista pelo público (recetor) (Nunes, 2004). Mas essa mensagem não é uma representação direta do mundo, ou seja, para que seja bem compreendida pelo recetor, é necessário que este domine a linguagem utilizada, compreenda a ambiguidade da obra e tenha capacidade de desobjetivação (Fróis & Marques, 1999).

Todo esse processo é uma desmontagem de aspetos denotativos (o que a obra representa objetivamente) e conotativos (o que a obra representa para além do seu significado). O recetor não só alcança a mensagem explícita do artista como interpreta outros significados e sentidos implícitos que enriquecem a sua perceção e fruição da obra. Deste modo, em cada obra de arte incidem diferentes olhares que resultam numa panóplia de várias perceções e significados. Por sua vez, para cada recetor, a fruição permite-lhe sonhar, imaginar e viver uma realidade que só existe no seu interior (Nunes, 2004).

Mas para vivermos o nosso interior não temos que nos restringir apenas à fruição de uma obra de arte. Também na experimentação de produzir arte o mesmo acontece. E não é preciso sermos artistas.

No ato criador, através da experimentação livre do pensamento, da expressão das emoções e da nossa imaginação, desenvolvemos a nossa identidade pessoal e despertamos em nós uma maior atenção ao nosso próprio processo de sentir. Ganhamos uma maior noção dos nossos limites e potenciais, o que faz com que nos tornemos mais seguros de nós próprios, mais autênticos, independentes e realizados (UNESCO, 2007).

Muitas vezes, a expressão artística é utilizada como terapia pois a ajuda a aliviar tensões e “aumenta as possibilidades de realização pessoal que fazem parte integrante do processo de mudança” (Leite, 2000). A expressão artística desempenha também um papel muito facilitador no que diz respeito à integração e desenvolvimento de crianças com necessidades especiais (UNESCO, 2006).

Nas crianças, o processo de criar ajuda-as a celebrar os seus próprios sentidos e a viver a sua realidade em relação ao mundo que as rodeia. A criação artística mantém-lhes acesa a criatividade e a liberdade de expressão, ajudando-as a descobrir o seu caminho e a desenvolver aptidões para um eventual futuro profissional (UNESCO, 2006). É também importante para estimular a autoestima, a autonomia e a confiança pois estão numa faixa etária que se encontra em fase de desenvolvimento das capacidades intelectuais e em plena formação da sua personalidade (Santos, 1992).

Hoje, já existem vários projetos que alargam as oportunidades educativas nas crianças, como por exemplo o Zéthoven¹⁴ e a Orquestra Geração¹⁵, que reconhecem o valor da arte no desenvolvimento humano e aplicam-no no processo educacional enquanto objeto de aprendizagem e instrumento potenciador de outras aprendizagens. Estes projetos reconhecem o papel da arte no equilíbrio do desenvolvimento emocional e cognitivo, principalmente em escolas TEIP¹⁶, generalizando o acesso à criação artística como estratégia de alargamento de população escolar em todos os níveis de ensino (UNESCO, 2007).

A atividade artística convida a imaginação a agir de forma a romper com o espaço reservado pelo quotidiano e como escape aos preconceitos impostos no conhecimento da realidade. É um território de prazer, liberdade, vivência lúdica e afirmação que ajuda no autoconhecimento através da imaginação, da sensibilidade e da espontaneidade individual (UNESCO, 2006).

¹⁴ Criado em 1999 é um projeto que coloca crianças desde os 3 anos de idade em contacto com atividades artísticas que lhes permite o desenvolvimento motor e intelectual.

¹⁵ Criado em 2007, é um projeto que dá apoio social a crianças e jovens de risco, oriundos de bairros sociais cujo ambiente é de marginalidade e o seio familiar muito complicado, através da prática coletiva de orquestra.

¹⁶ Território Educativo de Intervenção Prioritária, cujos alunos pertencem a um meio social muito baixo e a tecidos familiares muito frágeis que não têm tradições culturais nem práticas artísticas

2.2 A Educação Artística e o Ensino Artístico

O desafio na Educação Artística é modular eficazmente os valores da cultura, os meios disponíveis para a educação e o desenvolvimento particular e individual dos alunos.

Howard Gardner, 1990

Como vimos, a arte tornou-se numa prática que desempenha um papel importante na educação e no crescimento integral dos jovens (Read, 1982).

Neste sentido, a Educação Estética e Artística¹⁷ inseriu-se nos currículos dos sistemas educativos (Valente & Lourenço, 1999) com o objetivo de formar o homem por completo através do apelo à sensibilidade, à imaginação e à criatividade (Perdigão, 1979). As escolas de hoje já não formam apenas homens racionais mas também estimulam o desenvolvimento natural dos jovens em crescimento, trabalhando-os na sua totalidade: corpo, mente e espírito (Valente & Lourenço, 1999). Tal como refere Damásio, “é necessário reforçar a educação em artes e humanidades, pois além de contribuírem para formar cidadãos capazes de inovar, constituem um elemento fundamental no desenvolvimento da capacidade emocional indispensável a um comportamento moral íntegro”¹⁸.

O conceito de educação através da Arte aparece em 1943 com Read. O seu objetivo era dar a conhecer um modelo de ensino diferente do tradicional utilizando as atividades de expressão artística para estimular a aprendizagem e um desenvolvimento harmonioso da personalidade (Perdigão, 1981).

Segundo Sousa (2003), a história da educação em Portugal respeitante à inserção da arte nos sistemas educativos passou por quatro grandes momentos. O primeiro, “as artes da educação”, aparece em meados do século XX com Henrique Nogueira¹⁹ introduzindo o ensino da música nos estabelecimentos escolares. O

¹⁷ Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986.

¹⁸ Tradução de Paulo Simões Nunes (2007:3)

¹⁹ 1823-1858

segundo, “uma educação incluindo a formação estética”, através de Almeida Garrett²⁰, introduz as artes em geral para iniciação de uma formação baseada na estética e, mais tarde, introduz um ensino artístico mais especializado.

O terceiro momento, “a educação pela arte”, veio defender a educação através das artes, ou seja, as artes como método de ensino e não como objeto de estudo. Nesta altura, foi criada a Associação Portuguesa da Educação pela Arte²¹, que acreditava na formação de professores para a introdução das expressões artísticas como método alternativo ao do tradicional no ensino básico. Como referiu Arquimedes Santos, “havia autores que já defendiam que era possível fazer o ensino básico através das expressões artísticas. Aprendia-se a matemática, a física, a química, as ciências naturais, a língua através das expressões artísticas” (Abrantes, 2000).

Com a reforma de Veiga Simão nos anos 70, abriram-se então novas perspetivas para o desenvolvimento das artes na educação implementado no Conservatório Nacional de Lisboa o curso de Educação pela Arte. Pouco tempo depois, o Ministro da Educação da altura, Vítor Crespo, decide terminar com o curso. Nos anos 80, aparecem novas escolas superiores de educação mas sem que esse curso fosse de novo implementado (Valente & Lourenço, 1999).

O quarto e último momento, “a educação artística”, aparece com a Lei de Bases do Sistema Educativo²² que veio oficializar o papel da arte na formação integral dos jovens afirmando que a educação artística é “parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino que venha a ter”²³.

Então, quando se fala da inserção da arte nos sistemas educativos é preciso destacar a diferença entre Educação Artística e Ensino Artístico, pois é importante perceber que se tratam de dois conceitos distintos (UNESCO, 2007).

A Educação Artística é a utilização da arte como instrumento pedagógico “no plano do desenvolvimento cultural, contribuindo para facilitar o acesso às obras de arte e à participação ativa das diferentes camadas de população na vida cultural da comunidade” (Perdigão, 1981:287). Ou seja, não serve para formar artistas nem

²⁰ 1799-1854

²¹ Criada em 1965 com João dos Santos, Calvet Magalhães, João de Freitas Branco, Adriano Gusmão, Alice Gomes, Almada Negreiros, António Pedro, Cecília Menano, entre outros (Fernandes da Silva, 2009).

²² Lei nº47/86 de 14 de Outubro

²³ Decreto-Lei nº344/90 de 2 de Novembro, Diário da República nº253, Série I

aprender a produzir obras de arte, mas sim para formar cidadãos mais conscientes, livres, criativos, autónomos e críticos, despertando na criança em crescimento a vontade de aprender e descobrir (UNESCO, 2006). Através da educação artística, é assegurada a transmissão dos valores humanistas, espirituais e estéticos que a arte sempre incorporou (Perdigão, 1981).

Pode ser aplicada em três dimensões: ensinada como disciplina individual em que se desenvolve nos alunos aptidões artísticas e o apreço pelas artes; incluída na aprendizagem de outras matérias, através da utilização de formas de arte como instrumento de compreensão dessas matérias; e encarada como método de ensino em que a abordagem da dimensão cultural e artística é incluída em todas as matérias. Em qualquer uma das dimensões, o aluno é capaz de ler e analisar o mundo em que vive, dando respostas mais criativas aos obstáculos que lhe são impostos e desenvolvendo capacidade de reflexão e de leitura crítica (UNESCO, 2006).

Caldas²⁴, referiu no Ciclo de Conferências de Educação Artística no Século XXI²⁵, que no primeiro ano em que o Ministério da Educação decide como instrumento final de avaliação os exames nacionais para o Ensino Secundário, a Escola de Dança já exigia uma carga horária diária bastante completa, o que daria pouco tempo aos seus alunos para as horas de trabalho em casa. Mas de fato, a Escola ficou em 2º lugar no *ranking* nacional de melhores classificações. Conclui-se com isto que os seus alunos, apesar do escasso horário para o estudo, tinham disciplina e mantinham o exercício intelectual com as áreas artísticas.

Está provado que crianças em exercício intelectual em paralelo com a sua atividade diária, têm mais capacidade de atenção. Por exemplo, quando aprendem a tocar um instrumento, aprendem a estar mais concentrados, a apresentarem-se perante um público, a contar os tempos e a memorizar, ou seja, a treinar a memória, referiu Caldas. Esta educação valoriza também outras formas de raciocínio, tais como as sete inteligências múltiplas²⁶ de Gardner (Santos, 2000).

Em Portugal, apesar de haver legislação para a Educação Artística, não se executa da forma como deveria ser executada. Segundo Caldas, “a Educação Artística

²⁴ Ana Pereira Caldas. Presidente do Clube UNESCO de Educação Artística (em 1985 assumiu o cargo de presidente do Conselho Diretivo da Escola de Dança do Conservatório Nacional e em 1995 foi eleita para a presidência da Comissão Coordenadora da Reconversão do Conservatório Nacional)

²⁵ 29 de Maio de 2013 no Centro Nacional de Cultura

²⁶ Inteligência Linguística, Musical, Lógica/Matemática, Visual/Espacial, Corporal/Cinestésica, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalista e Existencialista.

nunca aconteceu de fato no terreno. O poder político e as autarquias precisam de acreditar que é essencial a Educação Artística no desenvolvimento dos jovens”.

O Clube UNESCO de Educação Artística há alguns anos que debate a importância das artes na educação escolar mas parece que não teve muitas consequências para as políticas educativas dos últimos governos institucionais.

Portugal recebeu a 1ª Conferência Mundial da UNESCO sobre Educação Artística em 2006 e a 1ª Conferência Nacional de Educação Artística da responsabilidade do Ministério da Educação e Ministério da Cultura em 2007. Nesses encontros, foi reconhecida a função que a arte desempenha nos currículos educativos nas dimensões emocional, ética e moral, ou seja, na formação equilibrada do indivíduo (Nunes, 2007). Mas, “ao que tudo indica, as recomendações das duas conferências apresentadas aos dois ministérios ficaram na gaveta” (Fróis, 2010).

O envolvimento da educação artística nas escolas portuguesas deverá ser sistemática e facultada durante vários anos pois trata-se de um processo que traz consequências a longo prazo (UNESCO, 2006). Este fenómeno processa-se continuamente ao longo da vida em ambientes formais e informais, podendo dele derivar o ensino artístico (Fróis & Marques, 1999).

Quando falamos de Ensino Artístico, referimo-nos a um ensino vocacionado para aqueles que querem seguir carreiras artísticas (Perdigão, 1981). A aparente inutilidade da prática artística é revogada através do “reconhecimento da importância pessoal, social e económica do sector artístico e cultural (a prática das artes como fator de satisfação, equilíbrio e enriquecimento pessoais mas também como geradora de riqueza e de emprego e potencializadora de identidades regionais) ” (Santos, 2000). Nos pontos mais à frente deste trabalho será analisada a formação artística que Portugal oferece atualmente.

Um dos problemas sérios que afeta a Educação Artística e o Ensino Artístico no nosso país é a falta de formação dos professores. Em relação à Educação Artística, muitos professores ainda não sabem como a incluir nas salas de aula nem como esta pode gerar benefícios para os seus alunos sendo, portanto, importante formá-los de como inseri-la nas salas de aula e de que modo esse ensino se aplica. (UNESCO, 2006).

Em relação ao Ensino Artístico, muitos professores têm uma formação inferior ou sem correspondência aos padrões hoje exigidos pelo sistema de ensino e não

conseguem acompanhar as exigências atuais dos alunos e da sociedade. Nestes casos, deve-lhes ser exigido uma realização permanente de investigação e de formação contínua com exposição pública (Silva, 2000). Segundo Moura (2012), “os problemas que decorrem dessa carência tão preocupantes são agravados pelo fato dos próprios professores já terem sido, em grande parte, vítimas dessa situação” (p.136-137).

Concluindo, na Educação Artística insere-se a arte para ajudar no desenvolvimento equilibrado da criança; no Ensino Artístico, ensina-se uma arte como vocação. Estes dois processos integram na educação as faculdades que alimentam as criações culturais futuras e que permitem desenvolver capacidades inovadoras e competências específicas que fortalecem os recursos humanos necessários às diversas atividades e práticas culturais (UNESCO, 2006). Tal como refere Nunes, “as sociedades do século XXI exigem cada vez mais cidadãos criativos, flexíveis e inovadores e os sistemas de ensino têm de responder positivamente a estas novas necessidades” (2007:2).

2.3 O Sistema Educativo artístico em Portugal

*Esquecer as Artes e as Humanidades no novo currículo
é equivalente a um suicídio sociocultural.*

António Damásio

Para analisar o sistema educativo em Portugal, no que diz respeito à oferta de formações e estabelecimentos de cariz cultural e artístico existente nos programas curriculares de hoje, não nos foi possível fazer um levantamento detalhado e exaustivo.

Os estudos estatísticos publicados sobre a educação apresentam muito pouca referência detalhada às formações e estabelecimentos deste sector e, os que apresentam, contêm alguma dispersão da informação, nomeadamente no que respeita à diversidade de cursos, o que torna a análise pouco credível e rigorosa. Os estudos mais detalhados que foram encontrados na pesquisa deste trabalho datavam os anos letivos entre 2003 e 2006, o que não nos permitiu uma análise atual da oferta. Para o

devido levantamento, os recursos eram escassos e, também, não era esse um dos objetos de estudo deste trabalho.

Como tal, iremos então apontar algumas tendências presentes na formação deste sector no ensino básico e secundário, no ensino artístico especializado, no ensino profissional e no ensino superior. No entanto, foram encontrados dados estatísticos atuais (referentes ao ano letivo 2010/11) do Instituto Nacional de Estatística²⁷ e da Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência²⁸ que apenas nos forneceu o número de matrículas em relação ao ensino secundário e ao ensino artístico especializado. Em relação ao ensino superior, também um estudo do Instituto Nacional de Estatística nos permitiu analisar mais detalhadamente as tendências deste sector em números e percentagens.

2.3.1 O Ensino Básico e Secundário

Atualmente, o Ensino Básico é de nove anos de escolaridade obrigatória composto por três ciclos: o 1º de quatro anos (primária), o 2º de dois (5º e 6º ano do Liceu) e o 3º e último de três (7º, 8º e 9º ano do Liceu).

As abordagens às questões do património e artes podem-se concretizar através de uma multiplicidade de disciplinas. Ao longo dos três ciclos, a dimensão cultural atravessa todo o currículo do ensino através de expressão plástica e educação visual, expressão e educação musical, expressão dramática/teatro e expressão físico-motora/dança. 1º Ciclo: Expressão artística e Expressão física-motora; 2º Ciclo: Educação Artística e Tecnológica (Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical) e 3º Ciclo: Expressões e Tecnologias (Educação Visual). Já na pré-escola (idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico), se praticam atividades espontâneas e lúdicas que estimulam o desejo de criar, explorar e transformar (Xavier, 2004).

Após a conclusão do 3º Ciclo (do 9º ano como último ano de escolaridade obrigatória), segue-se o Ensino Secundário com mais três anos de ensino, sendo

²⁷ Anuário Estatística da Região de Lisboa 2011

²⁸ Estatísticas da Educação 2010 | 2011

obrigatória a escolha de um Curso Científico-Humanístico como fase de entrada num universo formativo mais especializado. Atualmente existem quatro Curso Científico-Humanístico: de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais (Xavier, 2004).

Este ensino já é de opção individual de cada aluno e permite o “desenvolvimento de capacidades de raciocínio e curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica, que constitui suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida ativa” (Silva, 2000:51).

O curso de Artes Visuais é composto por cinco unidades curriculares gerais (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física e TIC), duas a quatro unidades curriculares científicas e duas a cinco técnico-artísticas (com duração de 12 a 14 horas por semana). As unidades curriculares específicas do curso são: Desenho A, Geometria Descritiva A, História da Cultura e das Artes, Oficina de Artes, Oficina de Multimédia, Materiais e Tecnologias. No 12º ano existem, como optativas: Antropologia, Aplicações Informáticas B, Ciência Política, Clássicos da Literatura, Direito, Economia C, Filosofia A, Geografia C, Grego, Língua Estrangeira I, II ou III, Psicologia B, consoante a oferta formativa de cada escola (Anexo IV, Diário da República, 1ª série—Nº155—10 de Agosto de 2012).

A opção por Artes Visuais dá-se quando os jovens reconhecem para si próprios o desejo do início de uma formação artística, que resulta de uma preferência puramente individual através da manifestação de uma vocação artística até então vivida como talento (Xavier, 2004).

No ano letivo 2011/12, pode-se observar através da Tabela 1, que 8,5% dos alunos inscritos no ensino secundário são do curso científico-humanístico de Artes Visuais e 7,9% desses alunos transitaram de um ano para o outro. Em relação aos alunos que terminaram o 12ºAno, ou seja, que concluíram o ensino secundário e estão aptos para ingressar no ensino superior, 6,4% pretendem ingressar numa formação artística.

Tabela 1: Número matrículas e transições (10º, 11º e 12º Anos) no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais no Ensino Secundário (público e privado), no ano letivo de 2010/2011

	C.C.H. Artes Visuais	Total C.C.H
Matrículas	15783	186008
Transições	11442	143986
Transição Ensino Superior*	2385	37403

* Alunos que terminaram o 12ºAno

Fonte: DGEEC

Para além das unidades curriculares de frequência obrigatórias, as escolas de ensino público e privado oferecem também atividades extracurriculares de cariz artístico e cultural. Estas atividades²⁹ são espaços de tempos livres com ocupações criativas (em áreas que não estão habitualmente presentes nas atividades letivas) que contribuem para a vivência de experiências cognitivas, tendo um papel importante na sensibilização dos jovens para as artes e a cultura (Xavier, 2004). Segundo Gusmão (2010), dever-se-ia alargar a iniciação artística ao invés de se adotar “atividades que se denominam de “enriquecimento curricular” com pouca qualidade cultural, técnica e pedagógica”.

Ambos os ensinos, básico e secundário, dispõem também de atividades complementares como visitas de estudo a museus, idas a peças de teatros, espetáculos, eventos e espaços culturais, entre outras. Estas atividades de enriquecimento curricular de âmbito artístico e cultural devem ser promovidas através de um

²⁹ Após um breve levantamento, foi possível verificar que a oferta é muito maior no ensino privado do que no público. Verificou-se que nos colégios as atividades extracurriculares são, na educação musical: Formação Musical, Orquestra, Música Especial, Educação da Voz, Coro, Música de Câmara, Instrumento (Piano, Violino, Violela, Violoncelo, Flauta de Bisel, Flauta Transversal Contrabaixo, Guitarra, Bateria); na educação visual: Pintura, Artes Plásticas, Atelier das Artes, Meios Audiovisuais; na expressão físico-motora: Ballet, Dança Jazz, Dança Criativa, Dança Clássica, Hip-hop, Sevilhanas, Mímica e Expressão Corporal; na expressão dramática: Teatro. Verificou-se que nas escolas públicas (não propriamente denominadas atividades extracurriculares mas atividades anuais, clubes, concurso ou projetos) são: na educação visual: Desenhos, Atelier de Expressão Plástica, Clube Arte Verde, Um artista por mês, Atelier das Ideias, Clube de Animação e Multimédia, Clube/Concurso de Fotografia; na expressão dramática: Teatro; Oficina da Escrita; Círculo das Ideias; Clube de Leitura; Jornal Escola aberto à Cultura; Semana Cultural; Sessões de Cinema.

programa específico, devendo-se regulamentar a figura de um professor coadjuvante de forma a facilitar a implementação destes projetos de iniciação às artes. Por exemplo, na Pré-escola e no 1º Ciclo do Ensino Básico, é muito importante que o professor tenha capacidade, sensibilidade e motivação para integrar a iniciação artística no ensino global. Estes ciclos de ensino são caracterizados pela monodocência mas é importante que contem com o apoio de um professor coadjuvante (Xavier, 2004).

Outra questão importante aqui falada é o reforço da presença de disciplinas artísticas como opções possíveis em todos os agrupamentos do ensino secundário (Xavier, 2004).

É muito importante na idade de aprendizagem até à idade adulta incentivar a criatividade ao limite. É preciso que haja liberdade de expressão, mas com ordem e disciplina. Um dos problemas do sistema de ensino português é ser muito teórico e pouco prático, para além de que ainda existe um número significativo de escolas em todo o país que não têm como opção o curso de Artes Visuais no ensino secundário (Xavier, 2004).

2.3.2 O Ensino Artístico Especializado

Para além do ensino geral, existem cursos de Ensino Artístico Especializado no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário. As escolas que ministram este tipo de ensino acompanham a sequência de escolaridade do 5º ao 12º ano (IQF, 2006).

Em relação ao Ensino Básico, existe uma oferta formativa em curso de Artes Visuais, Audiovisuais, Dança³⁰, Música³¹, Canto gregoriano³² e Teatro (este último entrou em vigor em 2007/08). É um ensino destinado a jovens com talentos e vocações específicas que os formam como profissionais de nível intermédio em funções especializadas dos diversos ramos artísticos (Xavier, 2004).

³⁰ Disciplinas: Técnicas de dança, Música, Expressão Criativa, Educação Visual, Práticas Complementares de Dança.

³¹ Disciplinas: Educação Visual, Formação Musical, Instrumento, Classes de Conjunto.

³² Disciplinas: Educação Visual, Formação Musical, Prática Instrumental, Classes de Conjunto, Iniciação à prática vocal.

Estes modelos de formação podem ser frequentados em Regime integrado³³, Regime articulado³⁴ e Regime supletivo³⁵. No entanto, a grande maioria destas escolas estão inseridas em regime supletivo. Têm como objetivo assegurar formação artística vocacional na área da criação e da interpretação, e são predominantemente orientados para uma futura profissionalização (apesar de, muitas vezes, acabe por ser uma formação a um nível mais amador) ou, também, para o prosseguimento de estudos em cursos pós-secundários não superiores ou no ensino superior (IQF, 2006). Ajudam e facilitam também a responder a algumas das diversas procuras culturais da nossa sociedade (IQF, 2006) e não conferem nenhum tipo de qualificação profissional (IQF, 2006).

Como se pode observar na Tabela 2, o número de alunos matriculados neste tipo de ensino no ensino básico, no ano letivo 2010/2011, é ainda muito reduzido. No 1º Ciclo as inscrições no ensino artístico especializado representam apenas 0,05% do total de inscritos no ensino básico geral, no 2º Ciclo representa 0,26% e no 3º Ciclo 0,11%.

Tabela 2: Número de alunos matriculados no Ensino Artístico Especializado no Ensino Básico, no ano letivo de 2010/2011

	Ensino Artístico Especializado	Total Ensino Básico
1º Ciclo	222	464620
2º Ciclo	735	278263
3º Ciclo	498	463833

Fonte: INE

Em relação ao Ensino Secundário, na vertente de Artes Visuais, existem apenas duas escolas secundarias públicas, a Escola Secundária António Arroio

³³ Todas as componentes de formação são lecionadas na mesma escola.

³⁴ As disciplinas da componente de formação geral e algumas disciplinas da componente de formação específica são lecionadas num estabelecimento de ensino secundário regular, sendo as restantes disciplinas desta componente e toda a formação técnica/artística lecionadas num estabelecimento de ensino artístico especializado.

³⁵ As disciplinas do ensino artístico são frequentadas numa escola de ensino artístico especializado, independentemente da formação geral que seguem.

(1918), em Lisboa, e a Escola Secundária Soares dos Reis (1848), no Porto, dedicadas unicamente ao Ensino Artístico. Estas duas escolas optam por várias vertentes de ensino e apresentam planos curriculares muito idênticos (IQF, 2006). Para além de se poder optar pela via de ensino geral (curso científico-humanístico de Artes Visuais), existe também a possibilidade de optar por um técnico-profissional ou profissional.

As escolas oferecem cursos de Comunicação Audiovisual, Design de Comunicação, Design de Produto e Produção Artística. O Instituto das Artes e da Imagem é o único estabelecimento de Ensino Artístico Especializado que pertence à rede de Escolas Secundárias do Ensino Público-Privado e oferece os cursos de Conservação e Restauro do Património, Desenho de Arquitetura e Imagem Interativa. Esta escola apostou, logo de início, em formações pouco exploradas na altura (Xavier, 2004). Na vertente da Música e da Dança existe já um número significativo de estabelecimentos públicos e privados por todo o país que oferecem formação de nível secundário (Xavier, 2004).

Como se pode observar na Tabela 3, o número de alunos matriculados neste tipo de ensino no ensino secundário, no ano letivo 2010/2011 também é muito reduzido. Apenas 0,5% do total de alunos no ensino secundário frequenta o ensino artístico especializado.

Tabela 3: Número de alunos matriculados no Ensino Artístico Especializado no Ensino Secundário, por área, no ano letivo de 2010/2011

	Ensino Artístico Especializado	Total Ensino Secundário
Total	2283	440895
Artes Visuais e Audiovisuais	2116	
Dança	51	
Música	116	

Fonte: DGEEC e INE

A oferta de escolas permanece regionalmente assimétrica, sendo maioritariamente visível em Lisboa e Porto. “Deverá ser equacionada a possibilidade

de, por evolução de Escolas Secundárias atualmente existentes, serem fundadas outras noutros pontos do país”, conquistando um estatuto de escolas vocacionadas para o ensino de artes e ofícios (Silva, 2000:11).

Nos anos 90 houve um aumento significativo de escolas artísticas. A área da música é a área em que a oferta é maior, e, em contrapartida, a área da dança e do teatro ainda está bastante reduzida (Xavier, 2004). No ano letivo de 2006/07 foram registadas 85 escolas de música e 11 escolas de dança, públicas e privadas (GIASE). Apesar de já existir alguma oferta neste tipo de ensino, existe ainda uma percentagem residual de escolas que não oferece qualquer opção artística (um fator muito importante para esta consolidação da diversificação da oferta artística é a qualificação dos docentes, referida no ponto 2.2 deste trabalho) (Xavier, 2004).

As escolas artísticas têm desenvolvido um conjunto de atividades assumindo-se como polos dinamizadores de cultura, “produtores e reprodutores de culturas juvenis alternativas, onde os alunos vêm procurar a experiência de um sentimento de liberdade e de marginalidade dentro do sistema de ensino em geral, num meio que proporciona a construção, afirmação e reconhecimento social como artistas num círculo pericial mais alargado.” (Silva, 2000:96-97).

Nestas escolas a ação pedagógica mistura-se com a cumplicidade, pois a relação professor-aluno é bastante próxima e informal e verifica-se um contacto maior com produções artísticas em áreas pouco tradicionais. É também neste tipo de estabelecimento que é dada a oportunidade ao aluno de cultivar relações e de desenvolver coletivamente uma identidade artística (Xavier, 2004). Segundo Joana Vasconcelos, “nunca teria concluído o liceu se não fosse a António Arroio. Na António Arroio senti-me em casa. Foi a primeira vez que me senti integrada no mundo” (Tavares, 2013).

Em Portugal tem se visto um recente desinvestimento e descrédito da profissionalização artística (Pinho, 2012). A política para o Ensino Artístico Especializado é cada vez mais destruturada e desvalorizada. O Governo, que deveria regular este ensino com o Ensino Regular, profissionalizar e formar os professores, e colocar mais meios disponíveis às escolas, adota uma postura de desresponsabilização comprometendo o funcionamento e a missão do mesmo (PCP, 2010).

Há três anos atrás, o Despacho nº12522/2010 publicado a 18 de Agosto, determinou os cortes no financiamento (corte de meio milhão de euros) e no universo

de candidaturas impostas ao Ensino Artístico Especializado, o que veio demonstrar o empobrecimento deste importante pilar do sistema de ensino (PCP, 2010). Por exemplo, as escolas privadas do Ensino Artístico Especializado de Música que não tinham celebrado contrato de patrocínio com o Ministério da Educação deixaram de receber uma significativa fonte de financiamento por parte do Estado, mesmo que tivessem prestado um serviço de igual qualidade que as restantes escolas (PCP, 2010). Esta medida, que pôs em causa a continuidade das escolas, tornou este ensino mais caro, o que trouxe como consequência a desistência de muitos alunos que não tinham possibilidades financeiras para pagar as mensalidades (Pinho, 2012).

Mais recentemente, outra medida foi a desvalorização das médias das disciplinas do Ensino Artístico Especializado para a entrada no Ensino Superior. Antes, os alunos podiam-se candidatar com as notas da Prova de Aptidão Artística mas hoje obrigam os alunos a “prepararem-se para mais dois exames nacionais cujo conteúdo de nada serve para o contexto do curso”, diz um aluno da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (Pinho, 2012).

Estas consequências vão ao encontro a um descrédito na profissionalização artística e no papel que as escolas desempenham e que o Estado se nega a cumprir. O Governo deveria colaborar com um conjunto de políticas que apoiem o seu papel na sociedade. Deveria criar bases para o seu alargamento e não fragilizá-las com a imposição de constrangimentos financeiros que debilitam a prestação dos seus serviços, a qualidade do ensino e o acesso a todos este tipo de ensino (PCP, 2010).

O Ensino Artístico Especializado tem assim, cada vez mais, uma percentagem residual no âmbito do ensino público (PCP, 2010). Este sistema de ensino deveria ser considerado uma área fundamental de formação básica e ter o mesmo mérito e dignidade que as outras matérias de formação (Rosa, 2010). Tal como refere Ribeiro “será absolutamente necessário que se crie uma tradição de Ensino Artístico, o que Portugal nunca teve” (2000:48)

2.3.3 O Ensino Profissional

Os cursos profissionais consistem num subsistema alternativo fora do sistema educativo institucionalizado, ou seja, do sistema oficialmente instituído, e processam-se autonomamente (administrativa, financeira e pedagogicamente) (Xavier, 2004).

Academicamente falando, é uma opção não qualificante mas que certifica uma formação específica e especializada cujo valor das competências transmitidas são bem reconhecidas e com maior probabilidade de aceitação no mercado de trabalho (Xavier, 2004). Tal como disse Guilherme d'Oliveira Martins, “é indispensável que qualquer jovem possa, sempre que quiser, encontrar perspetiva de valorização, seja no sistema formal seja no sistema informal de educação” (Abrantes, 1999).

É caracterizado por ser um ensino multidisciplinar menos moroso e mais especializado, destinado a formação de técnicos qualificados numa vertente mais prática. Proporciona ao aluno maior flexibilidade devido à sua temporalidade (podem ser cursos ocasionais, de curta duração ou de maior continuidade), devido ao regime livre (avaliação não contínua) e à carga horária (normalmente são pós-laborais ou com horário parcial). A gestão dos planos curriculares e disciplinares é feita em função da velocidade das dinâmicas culturais e estéticas da sociedade pois jogam com a indeterminação do campo de produção cultural em que intervêm (Xavier, 2004).

Segundo Conde (1990:186) são “escolas que se apropriam de domínios criativos mais inovadores, de legitimação cultural recente, decorrentes da, e concorrendo para, a própria redefinição do estatuto cultural de certos objetos nas sociedades contemporâneas”. Não fazem parte da rede pública de ensino, o que faz com que estejam descomprometidas das pressões institucionais e das tradições académicas, mas que as exigências profissionais das sociedades modernas tornaram apelativas (Xavier, 2004).

Oferecem cursos nas mais variadas áreas desde Produção Artística, às Artes do Espetáculo, Artes Gráficas e Património Cultural e recaem fora das tradicionais trajetórias formativas até então asseguradas pela grande parte dos estabelecimentos escolares do sistema de ensino regular. Assim, quem passa por este tipo de ensino encara-o como uma plataforma de prosseguimento de estudos a priori orientados para uma inserção direta no mercado de trabalho (Xavier, 2004).

2.3.4 O Ensino Superior

Após a conclusão do ensino secundário ou profissional, o prosseguimento de estudos dá-se através do ensino superior. Este sistema de ensino tem como objetivo formar futuros profissionais numa área específica, oferecendo uma garantia de certificação que em qualquer momento pode ser convocada a funcionar como meio de acesso ao mercado de trabalho cada vez mais diversificado e alargado. Essa certificação aumenta a credibilidade nos processos de reconhecimento social de relevância do trabalho no sentido de favorecer uma mais fácil integração no mercado de trabalho. As sociedades contemporâneas valorizam o prestígio do diploma e a ilusão da segurança deste (principalmente pelos riscos associados à profissionalização artística como a precariedade, desemprego, etc.) (Santos, 2003).

É composto por três ciclos: Licenciatura (ou Pós-Graduação), Mestrado e Doutoramento. Estes baseiam-se principalmente em métodos de ensino históricos e teóricos com muito pouca, ou nenhuma, evidência em “aprender a fazer” através de trabalhos práticos (Hasan, 2009). Os programas curriculares dos cursos são elaborados maioritariamente através de ensinamentos muito clássicos e ainda se manifesta uma noção de academismo na estrutura curricular (por exemplo, a Faculdade de Belas Artes na Universidade de Lisboa ainda conserva) (Santos, 2003).

Embora o ensino superior neste sector permaneça ainda em menor escala comparativamente às restantes ofertas formativas, tem mostrado um crescimento impressionante e tem feito progressos muito rápidos na última década. Esse crescimento reflete as mudanças das necessidades da sociedade pós-industrial e o crescimento das economias digitais, do design e da música e diz respeito tanto ao número de alunos inscritos, como dos programas curriculares, estabelecimentos de ensino e professores (Hasan, 2009).

Em relação à média europeia, o volume de ensino é, em geral, pouco desenvolvido relativamente a doutoramentos. No entanto, relativamente aos outros níveis de ensino, não está em desvantagem. A percentagem de matrículas nesta área em relação ao número total de matrículas em todo o ensino superior, foi, em 2006, de 4,58% comparado com a média da UE27 de 3,98% (Hasan, 2009).

Por ser o último nível de estudos e considerado o mais importante, analisaremos as tendências atuais deste ensino mais pormenorizadamente do que os outros níveis de ensino maioritariamente através do estudo *Estatísticas da Cultura* elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística.

No ano letivo de 2010/11 havia 44 mil alunos inscritos nas áreas culturais e criativas, o que representa 11,5% do total de alunos inscritos no ensino superior (mais 3,8% face ao ano anterior). Desses alunos, uma grande parte (60%) estava em áreas como Arquitetura e Urbanismo, Informação e Jornalismo, Audiovisuais e Produção nos media, tal como se pode observar na Tabela 4. No que diz respeito à área de Artes do Espetáculo, os cursos mais destacados, com mais de metade das inscrições, foram Animação Cultural, Dança, Estudos Artísticos, Música e Teatro.

Em relação aos alunos do ensino cultural, os diplomados desse ano letivo representavam 11,3% do total de alunos do ensino superior (por sua vez, em 2000, representava 8,2%). Dos cursos de artes representavam 46,8%, de jornalismo 17,5% e de arquitetura 27,8%. Nesse mesmo ano, o número de cursos superiores em Artes distribuídos por 188 Licenciaturas, 130 Mestrados e 43 Doutoramentos (GPEARl).

Tabela 4: Número de inscritos e matriculados em cursos nas áreas culturais e criativas no ano letivo de 2010/11

	Inscritos	Diplomados
Belas Artes	3509	642
Artes do Espetáculo	4175	733
Audiovisuais e Produção Multimédia	7456	1415
Design	5583	1283
Artesanato	363	100
História e Arqueologia	4104	702
Informação e Jornalismo	7505	1561
Arquitetura e Urbanismo	11318	2475
	44013	8911

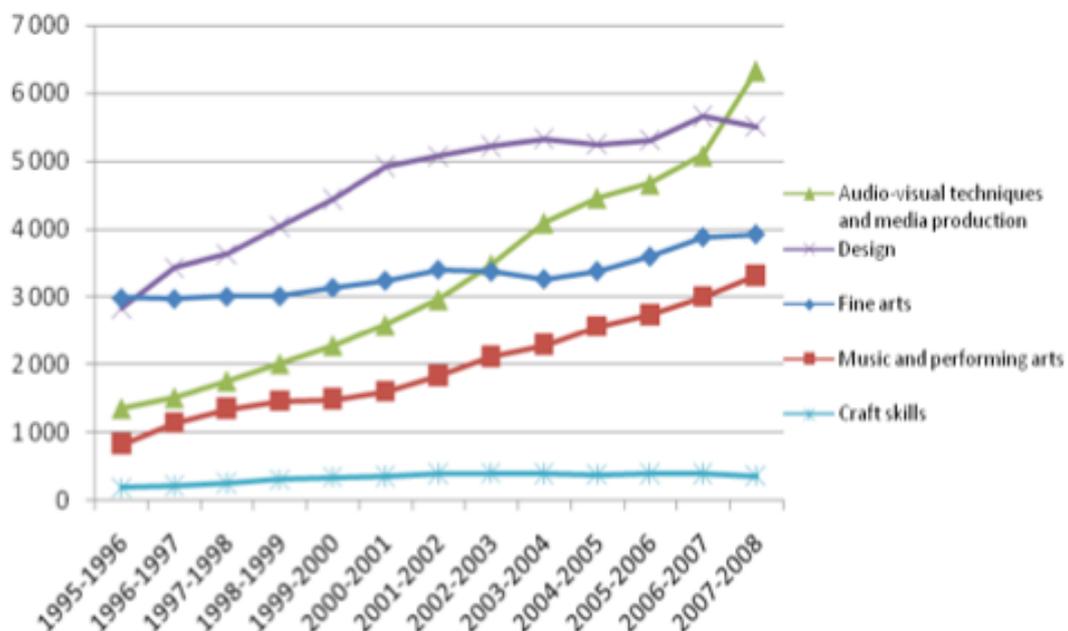
Fonte: INE

Nesse ano letivo, havia 10084 vagas em cursos de Artes e Humanidades (representava 11,2% do total de vagas) e no ano letivo de 1995/96, 6249 vagas (representava 8,7% do total). Estes valores demonstram um crescimento do interesse dos jovens de nível superior por profissionalização nesta área (GPEARI).

Como mostra Gráfico 3, houve uma evolução significativa no número de alunos matriculados em Artes, por disciplina, entre os anos letivos 1995/96 e 2007/08.

Apesar deste verificado crescimento no ensino superior nos últimos anos, este ainda não integra os instrumentos e os utensílios de análise das práticas artísticas contemporâneas e sustenta-se por uma legislação pouco eficaz (Silva, 2000). É caracterizado por ser um sistema de ensino fechado e standardizado em que a relação professor-aluno é diferente da anterior e a vivência entre os alunos é bastante mais competitiva e individualista do que no ensino secundário (Santos, 2003).

Gráfico 3: Alunos matriculados em Artes, por disciplina, entre os anos letivos 1995/96 e 2007/08



Fonte: Reformar as Artes e a Cultura, Ensino Superior em Portugal, GPEARI/MCTES

A oferta é predominantemente pública, distribuída entre universidades, institutos e escolas politécnicas e concentra-se maioritariamente na Grande Lisboa e

Grande Porto (IQF, 2006). Existe uma falta de apoio por parte do Estado no que diz respeito às condições, lógicas e mecanismos de funcionamento inerentes às estruturas de ensino. Muitos estabelecimentos ainda são carenciados de equipamento tecnológico que viabiliza o desenvolvimento do trabalho criativo dos alunos e as instalações e infraestruturas (tais como o espaço, a diversidade e a qualidade dos equipamentos, materiais e ferramentas de trabalho) deixam os alunos em geral insatisfeitos (Santos, 2003).

Este sistema de ensino também é fundamental na formação de professores (Silva, 2000). Como vimos nos pontos anteriores deste trabalho, existe ainda no sistema de ensino português uma falta de formação a nível dos professores, principalmente para a educação artística no ensino básico.

Para que continue a evoluir, necessita de articular os conteúdos e as disciplinas no sentido de as adequar a uma realidade profissionalizante, bem como às correntes e práticas artísticas contemporâneas (Santos, 2003) e dar relevância ao impacto que este sector tem na economia portuguesa e se vai ou não de encontro às necessidades reais e atuais dos alunos (Hasan, 2009).

Parte II

Metodologia do trabalho

Capítulo 3

Estudo Empírico

- 3.1 Definição do problema
- 3.2 Investigação e Método de Estudo
- 3.3 Técnicas de recolha de informação
- 3.4 Análise de resultados
- 3.5 Limitações do estudo

Capítulo 3: Estudo Empírico

3.1 Definição do problema

Neste capítulo, realizar-se-á um estudo empírico fundamentado na breve revisão da literatura apresentada nos capítulos anteriores. Um estudo empírico tem como objetivo compreender e observar um determinado fenómeno de forma a conseguir construir explicações e conclusões que o justifiquem (Hill, 2000).

Após a análise da crescente desvalorização que se tem dado ao setor cultural e criativo por parte do Estado e, por sua vez, da evolução da oferta formativa para a profissionalização do setor, deparamo-nos com a seguinte problemática: há profissionais para o setor mas há cada vez menos mercado de trabalho, então, que futuro se espera para os jovens recém-formados no setor cultural e criativo em Portugal? Esta investigação dedica-se então a analisar as trajetórias e os respetivos percursos escolares e profissionais dos jovens deste setor de modo a perceber qual a dimensão populacional de formados e/ou trabalhadores, o papel da família e da escola sobre a produção de talento, a construção social de subjetividade artística, a estruturação de uma carreira profissional e quais as dificuldades conjunturais em trabalhar numa atividade que não é de fácil inserção ou de se manter no mercado de trabalho atualmente.

“Quando se pretende refletir sobre a produção de indicadores estatísticos no domínio da cultura, impõe-se, desde logo, salientar o carácter fluido e intersticial das práticas que agrupa” (Lopes, 1998:121). O campo cultural ganhou uma enorme variedade de áreas de intervenção e de profissões, o que tornou difícil delimitar o seu campo de ação. Para o compreender, teremos de percorrer todas as áreas que vão “da produção até ao consumo/receção, passando pelos circuitos de difusão/distribuição/descentralização” (Lopes, 1998:124).

3.2 Investigação e Método de Estudo

A natureza da presente investigação recai num estudo quantitativo. Um estudo quantitativo fornece conteúdos fatuais e concretos com validade e relevância estatística. Uma vez que se pretende perceber um fenómeno com base num conhecimento prévio (a situação e as dificuldades atuais dos jovens do setor), a pesquisa é descritiva pois assenta no princípio da representatividade e na quantificação de informação específica que nos permite tirar conclusões e, sobretudo, tendências gerais dos fenómenos e da sua respetiva dimensão. Assim, consegue-se descrever características das variáveis que a pesquisa fornecerá para chegar a medidas de tendência central, através da média, mediana e moda (Hill, 2000).

3.3 Técnicas de recolha de informação

Para a realização da pesquisa, a técnica de recolha de informação escolhida foi a realização de um inquérito por questionário. A informação obtida num questionário com base em perguntas diretas e anónimas oferece quantificação e taxamento de dados, através de respostas padronizadas e comparáveis entre inquiridos.

O questionário deste estudo (Anexo 5) foi inspirado e construído com base no “Guião de Entrevistas a Jovens criadores”, (pp.257-263) do livro “O Mundo da Arte Jovem” (2003) com o objetivo de recorrer a várias dimensões de análise: a identidade e social, o enquadramento familiar, a formação, circuitos de difusão e carreira profissional mas adaptado em termos de tamanho e tipo de pergunta. Também o “Inquérito aos Jovens Artistas em Portugal”, (p.247-273), do livro “Inquérito aos artistas jovens portugueses” (1995) ajudou à construção do questionário deste estudo.

A população-alvo são jovens portugueses dos 15 aos 35 anos de idade com formação artística (em qualquer área), recém-formados em Portugal (no máximo nos últimos três a cinco anos) e a viverem em Portugal Continental e Ilhas. O fato de

termos estendido o nível etário superior até aos 35 anos prende-se com uma tendência geral para o alargamento da condição juvenil³⁶. (p.13)

O questionário esteve online durante 28 dias, de 12 de Junho a 9 de Julho de 2013, e foi enviado à população-alvo maioritariamente via Facebook, através de grupos e páginas de faculdades com cursos artísticos, escolas profissionais, associações de estudantes, grupos com interesses em comum e entre amigos, passando a palavra.

É composto por 52 perguntas, nem todas respondidas pelos inquiridos pois algumas eram questões de respostas-chave, ou seja, eram apresentadas consoante a resposta dada à questão anterior. Algumas perguntas são de escolha múltipla, dicotómicas (“Sim” ou “Não”), outras utilizaram escalas nominais e ordinais, escalas de pontuação itemizada como a de Likert, outras por categoria e listas (Hill, 2000).

Foi feito um questionário-piloto (enviado a alunos de Pintura e Artes Plásticas) para detetar possíveis falhas de raciocínio, erros de lógica e incoerências de modo a que a estrutura final não deixasse algum aspeto importante esquecido, não fosse incoerente ou redundante. Serviu também para perceber quanto tempo o inquirido demorou a responder e se as questões estavam claras.

3.4 Análise de Resultados

Após a aplicação do instrumento de recolha de informação, torna-se necessário a apresentação e análise dos resultados. Através do processo de amostragem, ou seja, da recolha de informações da população inquirida, podem-se extrair algumas ilações e tirar as conclusões para todo o conjunto da população-alvo.

A recolha da amostra é não-probabilística. A seleção dos elementos não é efetuada com base em procedimentos aleatórios mas com base no julgamento e na conveniência, pois é selecionada por critérios específicos de acordo com o objetivo de estudo.

Os dados serão analisados e apresentados segundo as diferentes dimensões de análise: “Construção da identidade social de Artista”, “Enquadramento familiar”,

³⁶ José Machado Pais, **Culturas Juvenis**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993

“Formação”, “Circuitos de Difusão” e “Carreira profissional”. Nenhuma questão era de resposta obrigatória, o que poderá fazer com que haja uma percentagem de resposta para a qual não tenham respondido por opção própria ou por desconhecimento da mesma.

O questionário obteve 435 participações, mas, para que o universo de análise estivesse dentro dos parâmetros previamente definidos pelo estudo, procedeu-se à validação das mesmas e eliminaram-se, desde logo, as que não se enquadravam devidamente na amostra. Então, dos questionários preenchidos, foram descontados 11 que tinham uma idade acima da desejada para o público-alvo e 28 que vivem presentemente no estrangeiro, o que fez com que a amostra final passasse de 435 para 396 participações validadas.

Começamos então por analisar a sociografia dos jovens inquiridos. A distribuição por sexos resulta por uma clara maioria ser do sexo feminino com 64,6% contra 35,1% do sexo masculino (0,3% dos inquiridos não respondeu a esta questão). A idade dos inquiridos varia entre os 17 e os 35 anos, sendo a faixa etária dos 21-25 anos a que reúne uma maior percentagem de respostas (54,8%), como se pode verificar no Gráfico 4. A média de idades dos inquiridos é de 24,7 anos, a moda é de 23 anos e a mediana de 25 anos.

Gráfico 4: Idade dos inquiridos

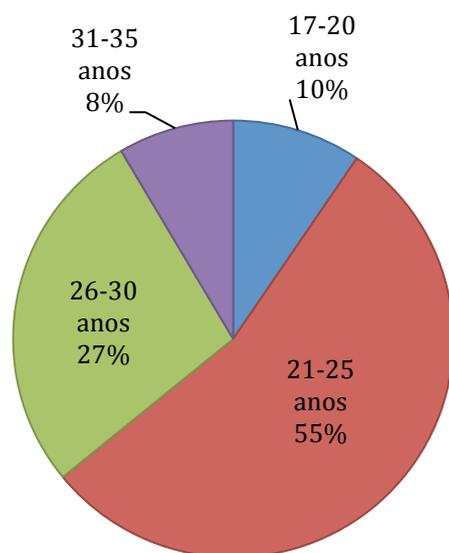
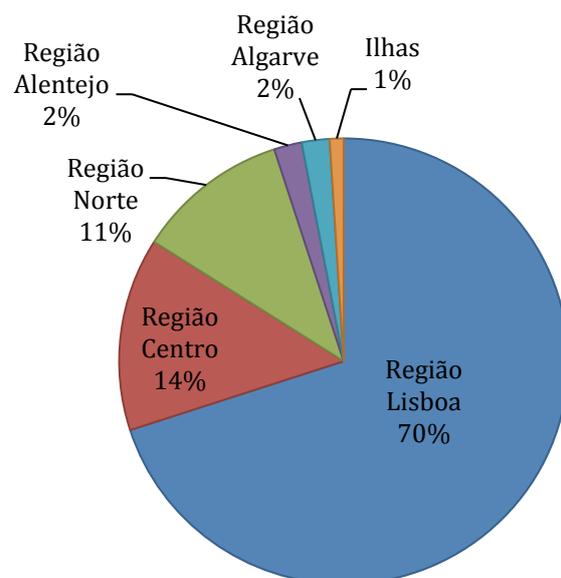


Gráfico 5: Regiões dos inquiridos



O Gráfico 5 demonstra a distribuição geográfica dos inquiridos. A maior parte da amostra vive na Região de Lisboa, com 70% das respostas, seguida pela Região Centro com 14% e Região Norte com 11%. As Regiões Alentejo e Algarve representam 2%, cada uma, e as Ilhas apenas 1%. A cidade com mais aglomeração residencial é a de Lisboa com 240 respostas, seguida pelo Porto com 35. Poderá haver aqui um enviesamento da amostra, uma vez que esta se obteve maioritariamente através de grupos no Facebook, dos quais muitos se caracterizavam por serem de estabelecimentos escolares com sede em centros urbanos, nomeadamente Lisboa.

Construção da identidade social de Artista

Na dimensão de análise “Construção da identidade social de Artista”, tentou-se perceber se os jovens se consideram a eles próprios artistas, fosse de forma profissional ou amadora, e se o eram considerados por outras pessoas. O questionário não só abrangeu jovens em áreas diretamente ligadas à criação artística como também jovens em áreas profissionais envolventes ao meio artístico e cultural e que, à partida, têm interesse pelas artes em geral e podem praticar uma atividade artística por prazer e ocupação de tempos livres. Por isso, também nesta dimensão, se tentou perceber com que idade começou esse interesse e gosto pelas atividades artísticas e culturais na vida dos jovens inquiridos.

Com alguma abundância de respostas, 67% dos jovens inquiridos diz considerar-se artista contra 32% que não se considera e 1% não sabe/não respondeu. Comparando estes valores com a faixa etária com mais percentagem de inquiridos (21-25 anos), é possível sustentar a hipótese de que nesta idade os jovens inquiridos mantêm este desejo pois ainda são maioritariamente estudantes e ainda não se submeteram às difíceis condições de iniciar uma carreira no meio artístico e cultural. A partir dos 30 anos, em que já são trabalhadores ou desempregados, vivem uma situação de independência profissional e têm de assegurar a integração no mundo artístico, talvez esse desejo já não seja tão intenso. Assim, conclui-se que a faixa etária dos 21-25 anos consideram-se artistas mais por vocação do que por inserção no mundo da atividade artística profissionalizada. 71,5% é considerado artista por outras

pessoas, enquanto 27% não é e 1,5% não sabe/não respondeu. Assim, conclui-se que há mais inquiridos que são considerados artistas por outras pessoas do que por eles próprios.

O interesse e gosto por atividades artísticas começaram maioritariamente entre os 5 e os 8 anos para 44,9% dos inquiridos e entre os 8 e os 15 para 36,9%. Mais tarde, entre os 15 e os 20 anos, é representado apenas por 16,4% e a partir dos 20 anos apenas por 1,8%, o que demonstra que para muitos, o interesse começou na infância.

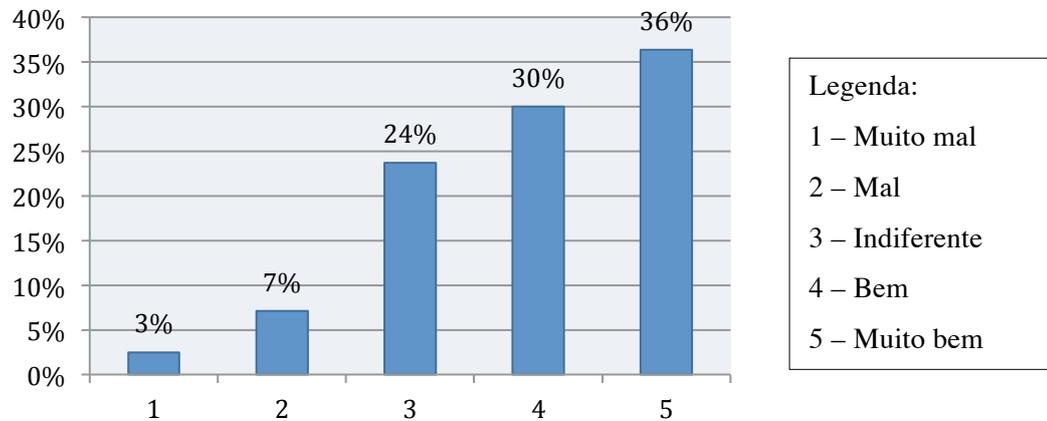
Enquadramento familiar

A dimensão de análise “Enquadramento familiar”, teve como objetivo perceber como a opção artística dos jovens foi aceite e recebida no seio familiar e se este já tinha um enquadramento e/ou envolvimento artístico e cultural. Viver num seio familiar ligado a estas atividades, faz com que, desde muito cedo, o sujeito esteja habituado e educado a apreciar e a manter contacto com obras de arte, seja qual for a forma de expressão (pintura, música, teatro, etc.). Também a descoberta do talento artístico durante a infância não passa tanto pela escola mas sobretudo pela esfera familiar, principalmente quando nesta existem condições culturais favoráveis à emergência e incentivo a vocações. Por isso, quando se tem antecedentes artísticos na família, o desejo por esta área é consideravelmente maior.

Como mostra o Gráfico 6, numa escala de 1 a 5 valores (sendo o valor 1 “muito mal” e o valor 5 “muito bem”), a grande maioria diz que os seus pais/encarregados de educação reagiram “muito bem” quando lhes comunicaram o interesse de frequentar uma formação artística e, posteriormente, seguir essa carreira. 0,3% dos inquiridos não sabe/não respondeu à questão.

No que diz respeito à infância dos inquiridos, 68,6% diz ter tido familiares que se interessavam por artes e cultura em geral e 83,9% diz ter acompanhado e frequentado atividades culturais em família. No que diz respeito à atividade profissional dos pais/encarregados de educação, apenas 10,8% diz ter pais/encarregados de educação que exercem ou exerceram no passado algum tipo de prática artística. 18,9% afirma que praticam apenas de forma amadora, 8,1% afirma que a praticam de ambas as formas e a grande maioria, 61,9%, diz que nenhuma das duas formas é praticada.

Gráfico 6: Reação dos Pais/Encarregados de educação



Formação

Na dimensão de análise “Formação”, o principal objetivo foi delinear o percurso escolar dos jovens que se encontram a concluir os estudos ou que se formaram recentemente, desde o Ensino Básico até ao Ensino Superior. Através desta análise, queríamos também perceber qual a dimensão da existência de formações artísticas, dentro e fora do sistema oficialmente instituído, e de que modo os jovens optaram por segui-las e as encararam face à realidade criada à volta desta área como sendo uma área pouco trabalhosa e sem saídas profissionais.

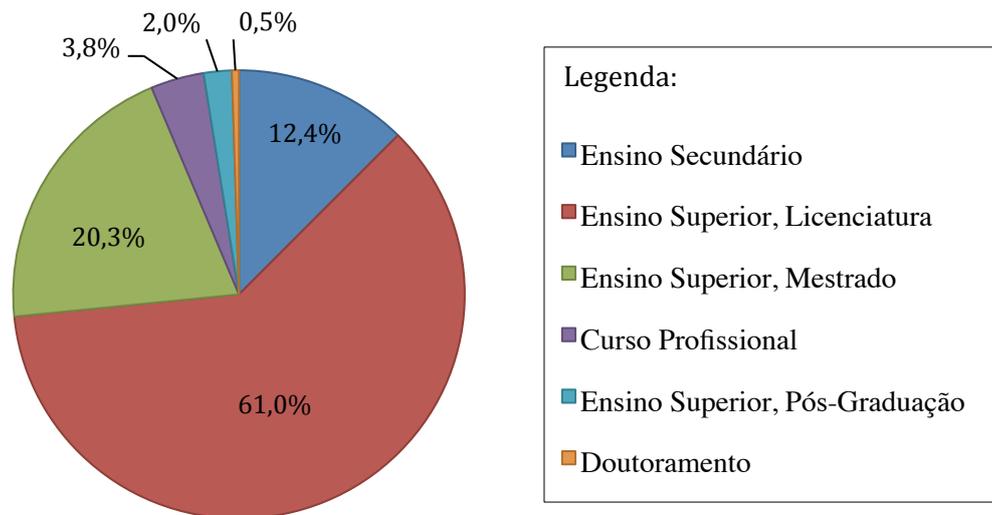
Na questão “Com que idade começou a formação artística?”, a moda de idades foi de 15 anos, sendo que a média foi de 12,5 anos e a mediana de 15 anos. Com 47,5% das respostas, a formação artística dos inquiridos começou no Ensino Básico (dos 5 aos 14 anos), seguida de 33,3% no Ensino Secundário (dos 15 aos 17 anos), 11,9% no Ensino Superior (a partir dos 18) e apenas 4,3% no Ensino pré-escolar. 3% dos inquiridos não sabe/não respondeu à questão.

De acordo com o Gráfico 7, atualmente, 61% da amostra tem a habilitação escolar de Ensino Superior com Licenciatura, 20,3% com Mestrado e 0,5% com Doutoramento. 12,4% é apenas habilitado pelo Ensino Secundário e 3,8% por um Curso Profissional (depois do Ensino Secundário).

Analisemos agora os dados referentes a cada nível de escolaridade.

Durante o Ensino Básico, 85,3% dos inquiridos diz ter frequentado o Ensino Regular e 72,8% confirma que o estabelecimento de ensino costumava ter atividades de expressões artísticas. Essas atividades eram principalmente de forma complementar com 51,6% das respostas, ou seja, que eram praticadas fora do horário das aulas e eram de carácter lúdico. Por outro lado, 30,8% afirma que eram de forma integrada, ou seja, que havia uma educação artística na escola e era dada a mesma importância às expressões artísticas como às ciências e à matemática, incluindo-a na aprendizagem de outras matérias ou encarada como método de ensino. Apenas 17,6% diz ter tido estas atividades de ambas as formas.

Gráfico 7: Nível de habilitação que os inquiridos têm atualmente, ou seja, o último que frequentaram



A importância atribuída em termos de experiência artística que essas atividades, apesar do carácter complementar e lúdico, contribuíram para o desenvolvimento pessoal dos inquiridos durante a infância é gradual sendo que, numa escala de 1 a 5 valores (sendo o valor 1 “pouco importante” e o valor 5 “muito importante”), o valor mais respondido foi o mais elevado.

Durante o Ensino Secundário, 77,8% diz ter frequentado um Curso Científico Humanístico (Ensino Regular). Desses, 44,2% frequentou Artes Visuais, 15,7% Ciências e Tecnologias, 13,4% Línguas e Humanidades e 4,5% Ciências Sócio-

Económicas. 2,3% dos inquiridos respondeu ter frequentado outro tipo de ensino e 3,5% não sabe/não respondeu à questão.

Em relação ao Ensino Artístico Especializado, 49 inquiridos dizem tê-lo frequentado no Ensino Básico e 65 no Ensino Secundário. Mas na pergunta referente ao Ensino Básico, vários inquiridos responderam erradamente, sendo que as suas respostas se referiam ao Ensino Secundário (por exemplo, obtivemos muitas respostas de inquiridos que dizem ter frequentado a Escola Secundária Artística António Arroio na pergunta que se referia ao Ensino Básico). Deste modo, não nos foi possível fazer uma leitura estatisticamente correta em termos de percentagens comparativas entre os dois níveis de ensino, básico e secundário, e entre os dois tipos de ensino, regular e artístico especializado, pois não foi possível sabermos até que ponto as respostas relativas à questão sobre Ensino Básico eram realmente referentes a esse nível de ensino e se as que foram indevidamente respondidas no Ensino Básico se repetiam na questão referente ao Ensino Secundário.

No que se refere ao Ensino Profissional, 18,4% afirma ter frequentado um curso, independentemente da habilitação escolar que tem e de quando o frequentou. Do mesmo modo, 139 inquiridos dizem ter frequentado um curso artístico extraescolar, ou seja, com carácter extracurricular e em paralelo com o sistema educativo oficialmente instituído, que também não são Profissionais (ou seja, por ex.: Curso piano e Formação Musical, no Conservatório de Música; Curso de Ballet, no Fórum Dança, etc.)

Para analisar o Ensino Superior, obtivemos 365 respostas respeitantes a Licenciatura e 110 a Mestrado, sendo que a grande parte diz ter frequentado um estabelecimento público (mas nem todos responderam, o que não se pode com isto generalizar para toda a população).

Como se pode verificar no Gráfico 8 e no Gráfico 9, os cursos superiores mais respondidos pelos inquiridos foram Design, Arquitetura e Música, sendo que no nível de Licenciatura lidera o Design, seguido da Arquitetura e depois da Música e no Mestrado lidera a Arquitetura, seguido do Design e depois também da Música (ver Anexo 7 para ver todos os cursos respondidos pelos inquiridos).

Também neste caso não se pode generalizar esta tendência a toda a população uma vez que o questionário foi publicado via Facebook em grupos de estudantes de vários estabelecimentos de ensino e os inquiridos podem ter sido mais recetivos nuns

grupos do que noutros, o que faz com que a tendência não seja a mais representativa da realidade atual.

No geral, 85,9% dos jovens confirma que gostou das formações que tirou em oposição a 13% que as considerou uma desilusão. 1% dos inquiridos não sabe/não respondeu à questão. No caso dos que gostaram, o aspeto mais positivo da formação e/ou da vivência de uma escola (artística ou não) foi a experiência formativa em si, com 34,4% de respostas. De seguida, com 20,3% “o fato dos professores serem profissionais da área”, 18,7% “o fato de fazer amizades no mesmo meio profissional”, 14,5% afirma “fazer, através dos professores, dos colegas e da escola, bons contactos de empresas/profissionais do mercado de trabalho”, 10,4% “a vantagem de colocar a frequência do curso e da escola no currículo vitae” e apenas 1,6% afirma outras vantagens.

A grande maioria dos inquiridos, 61,9%, considera que o fato de ter frequentado esses cursos/escolas facilitou, de alguma forma, o acesso ao mundo profissional (ou no caso de ainda estar a estudar, pensa vir a facilitar-lhe), contra 36,6% que discorda e 1,5% não sabe/não respondeu à questão.

Gráfico 8: Licenciaturas

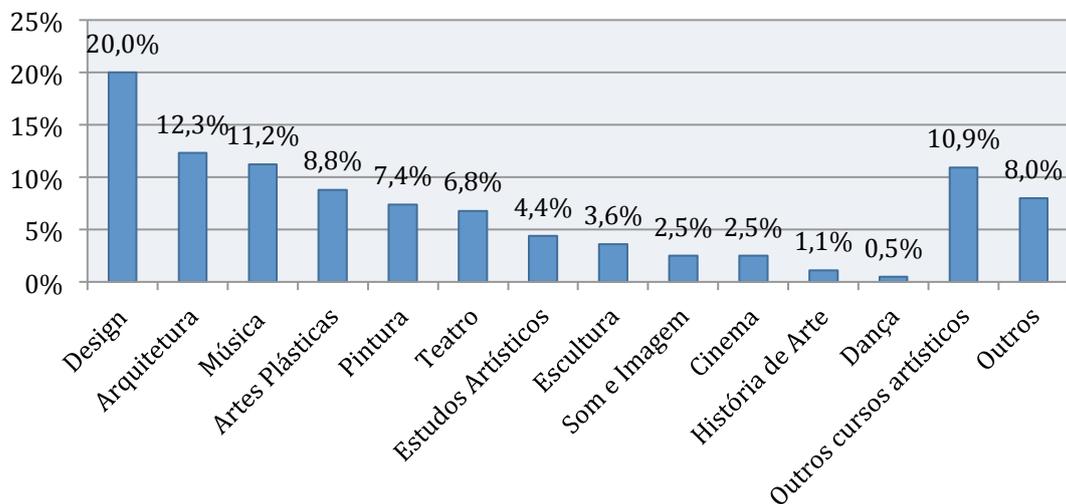
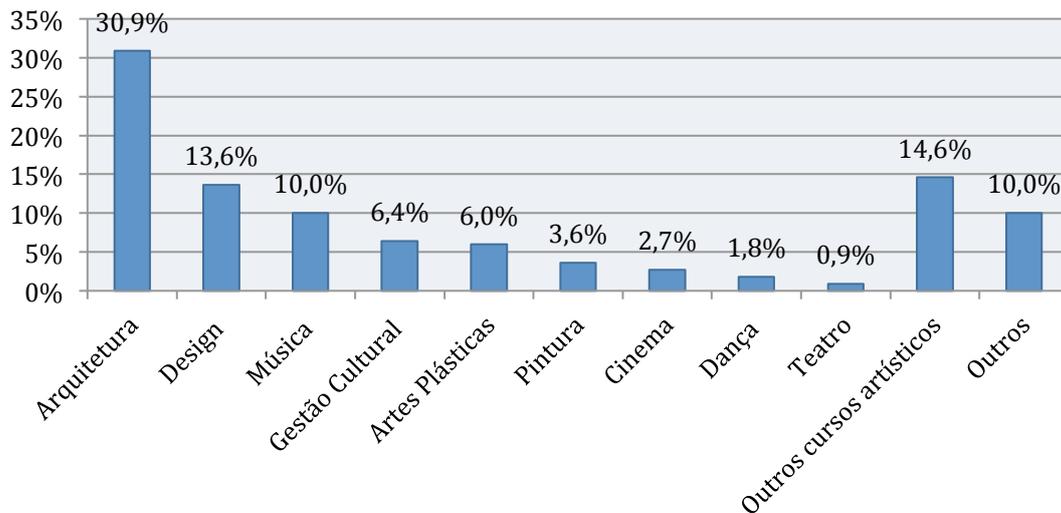


Gráfico 9: Mestrados



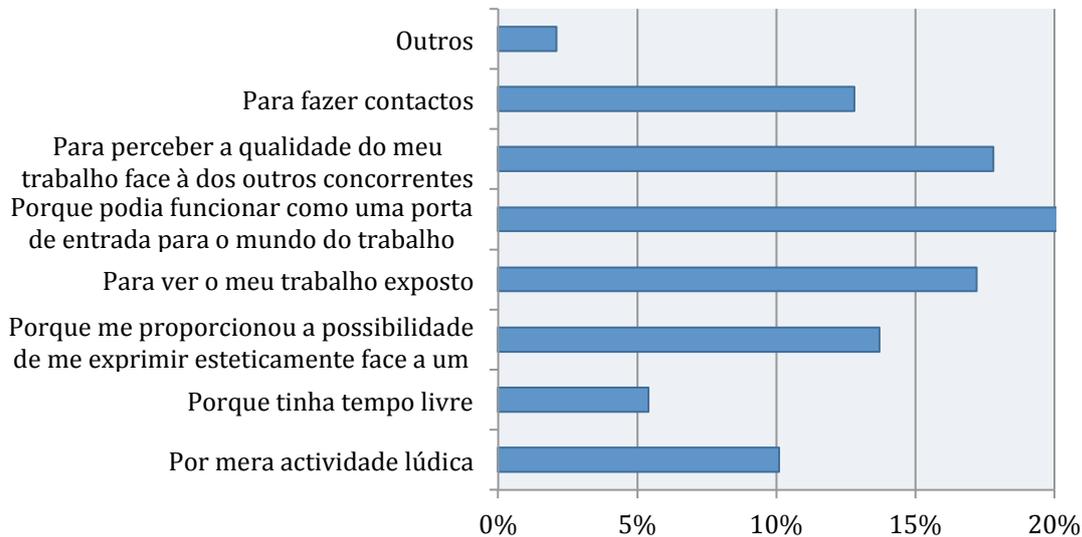
Circuitos de Difusão

A dimensão de análise “Circuitos de Difusão”, teve como objetivo perceber se os inquiridos já tinham ou não participado em concursos e de que modo essa participação os enriqueceu a nível pessoal e de reconhecimento no meio e se foi uma mais valia para projetos no futuro. Com 67,7% das respostas, os inquiridos dizem já ter participado num concurso mas que, a partir deles, não têm sido selecionados para mostras ou outros projetos, com 61,2% das respostas.

Em relação ao porquê da participação nos concursos, ou seja, o que levou os jovens a terem participado, como se pode verificar no Gráfico 10, as percentagens do tipo de respostas são próximas umas das outras. A maior parte afirma que poderia funcionar como uma porta de entrada para o mundo de trabalho, para perceber a qualidade do seu trabalho face à dos outros concorrentes e também para ver o seu trabalho exposto ao público. Dentro das outras opções, alguns também afirmam que era uma possibilidade de se exprimirem esteticamente face a um júri, para fazer contactos, por mera atividade lúdica e porque tinham tempo livre. Em relação às outras razões, alguns inquiridos sublinharam o fato do “prémio do concurso ser bom”, de terem sido “incentivados por professores”, porque “servia de exercício para desenvolver e aprender capacidades”, “dar aos outros a oportunidade de ver trabalhos

com qualidade” e porque “infelizmente tem sido a única maneira que o conhecimento artístico de cada individuo se tem descoberto”.

Gráfico 10: Razões da participação no concurso



No que respeita aos efeitos que a participação trouxe a nível pessoal e profissional, um maior número de indivíduos classifica-os entre o valor 3 e o valor 4, numa escala de 1 a 5 (sendo o valor 1 “muito maus” e 5 “muito bons”). Para quem nunca participou num concurso, 68,7% confessa que se tivesse participado talvez o ajudaria a que o seu trabalho fosse mais facilmente reconhecido ou a uma mais rápida inserção no mercado de trabalho, contra 29,7% dos inquiridos que discorda e 1,6% não sabe/não respondeu à questão.

Também nesta dimensão se tentou perceber, para além da participação em concursos, se os inquiridos alguma vez tinham exposto o seu trabalho em público (através de exposições, mostras, projetos, audições, entre outros) e se, no caso de quererem desenvolver um projeto artístico, se sabem a quem recorrer e pedir apoios (sejam financeiros, de promoção ou difusão). Em relação à exposição ou apresentação de trabalhos em público, 82,6% afirma positivamente e a frequência com que costumavam/costumam foi avaliada entre o valor 2 e o valor 3, numa escala de 1 a 5 (sendo o valor 1 “apenas uma vez” e o valor 5 “várias vezes”). Em relação ao

lançamento de um projeto, 58% afirma não saber a quem recorrer enquanto 41,4% sabe o que fazer nesta situação e 0,5% não sabe/não respondeu à questão.

Carreira profissional

Na dimensão “Carreira profissional”, pretendeu-se principalmente perceber se os inquiridos já estavam ou não empregados, independentemente do trabalho ser de carácter artístico ou cultural, para que fosse possível fazer um ponto de situação atual a nível de emprego da população jovem e de concretização de uma carreira na área de formação. Ou seja, se quem trabalha conseguiu de fato entrar no mercado de trabalho que desejava e se esse trabalho o satisfaz a todos os níveis: pessoal, profissional e financeiramente.

Atualmente, a percentagem dos jovens que respondeu a este questionário e que estão empregados é muito próxima dos que ainda se encontram sem trabalho: 50,5% tem trabalho e 49,2% está desempregado. Dos que afirmam ter uma atividade profissional, 76% diz trabalhar presentemente numa área artística ou cultural, 22,5% afirma trabalhar noutras áreas e 1,5% não sabe/não respondeu à questão.

Dos inquiridos que presentemente não se inserem numa atividade profissional na área artística ou cultural, 82% confessa ter esperança de ainda vir a concretizá-la em Portugal, mesmo que não seja exatamente na sua área de formação. Dos 76% que se encontram a trabalhar na área artística ou cultural, 48% diz ser trabalhador independente, ou seja, remuneração através de recibos verdes, 27% tem contrato de trabalho, 11,8% é estagiário, 6% diz ter outras modalidades de exercício de atividade e os restantes 7,2% não sabe/não respondeu à questão.

Analisando a relação que existe entre o nível de escolaridade e a empregabilidade dos inquiridos numa área artística e cultural, reparámos que 59,9% tem Licenciatura, 23,6% Mestrado, 7,9% Ensino Secundário, 3,9% Pós-Graduação, 3,3% um Curso Profissional e apenas 0,7% Doutoramento e Ensino Básico, cada um. Como se esperava, a maior parte dos inquiridos que estão empregados numa área artística e cultural tem grau de Ensino Superior (83,5% Licenciatura e Mestrado) em contrapartida com os jovens que apenas atingiram o Ensino Secundário. Hoje em dia, essa habilitação é uma garantia de certificação que aumenta a credibilidade e a

segurança do currículo vitae aquando de uma tentativa de integração no mercado de trabalho, principalmente pelos riscos associados à profissionalização desta área, tais como a precariedade, desemprego, entre outros. (Santos, 2003).

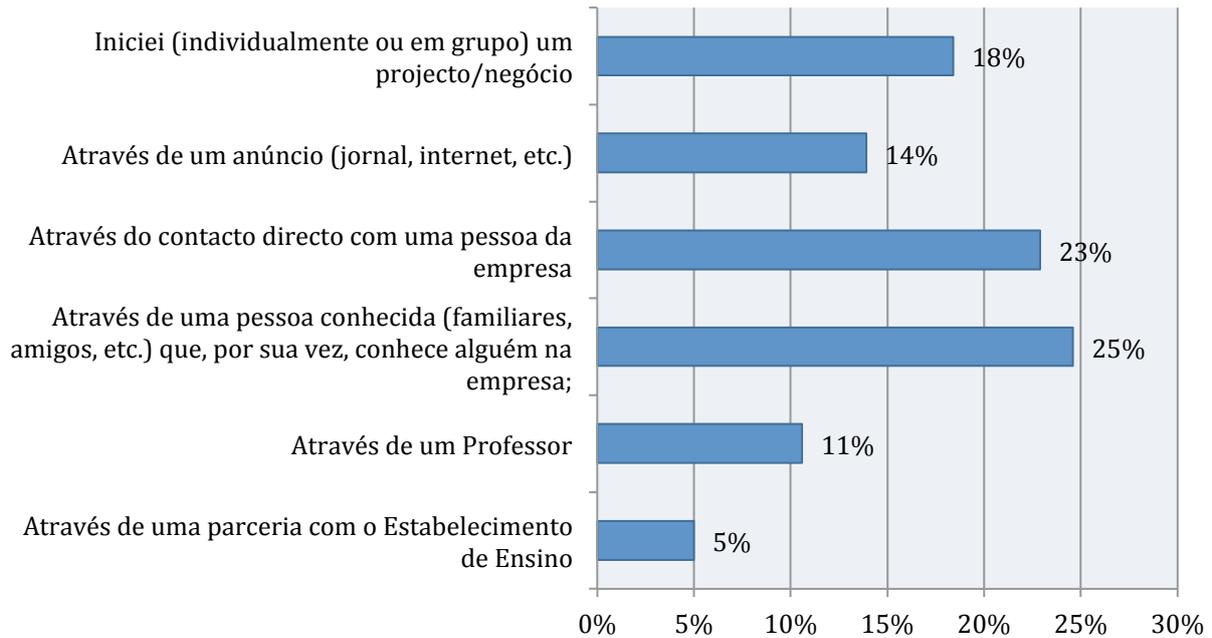
Analisando agora todos os inquiridos com grau de Ensino Superior, repara-se que ainda existe um número considerável, dentro da amostra em estudo, que ainda se encontra sem trabalho. De entre os 241 licenciados, 52% está desempregado e dos 80 mestres estão 41%. Com estas percentagens, pode-se concluir que dentro da amostra, não existe uma grande discrepância de valores entre inquiridos empregados e desempregados com a certificação de um curso superior, deduzindo que para os que se encontram sem trabalho, esta habilitação ainda não serviu de uma mais valia para a entrada no mundo do trabalho.

Para não deixarmos esta análise incompleta em termos de relação entre habilitações escolares e empregabilidade, analisamos também a relação que existe entre os jovens que durante o Ensino Básico e Secundário frequentaram o Ensino Artístico Especializado e os que durante o percurso escolar frequentaram um Curso Profissional (mesmo que estes tenham uma instrução superior) e a empregabilidade dos mesmos. De entre os que frequentaram o Ensino Artístico Especializado e responderam à questão relativa à empregabilidade, as percentagens estão muito próximas, sendo que 56,5% está atualmente empregado e 43,5% desempregado. O mesmo acontece para quem frequentou um Curso Profissional em que 56,4% está empregado e 43,6% desempregado. Com estes resultados, não nos é possível tirar uma conclusão significativa pois os valores que comparam os jovens empregados e desempregados que frequentaram o Ensino Artístico Especializado e um Curso Profissional, são muito próximos.

Continuando com a análise, tentámos perceber como cada inquirido empregado arranjou o trabalho. Como se pode verificar no Gráfico 11, foi principalmente através de um contacto direto na empresa ou de uma pessoa conhecida (familiares, amigos, entre outros), que por sua vez conhece alguém na empresa, que os inquiridos arranjam o trabalho. Também grande parte diz ter iniciado um projeto ou um negócio por conta própria. Com isto, reparamos que hoje em dia os jovens arranjam trabalho não tanto através da colocação de anúncios e de típicos processos de recrutamento, mas sim através de pessoas conhecidas dentro das empresas (através do “fator cunha”) ou através de vontade própria, demonstrando espírito empreendedor

e capacidade de contornar a situação atual de falta de trabalho. Verifica-se uma falta de participação dos estabelecimentos de ensino no que diz respeito à inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Gráfico 11: Como os inquiridos arranjam o trabalho



Visto que a idade dos inquiridos nesta pesquisa ainda não é muito elevada, ou seja, até aos 35 anos quem já tem uma atividade profissional deve ter começado à relativamente poucos anos, foram perguntados aos inquiridos já empregados numa área artística ou cultural quais os principais obstáculos com que se defrontaram no início da sua carreira. Como neste estudo não nos focamos especificamente numa área mas sim no meio artístico e cultural na sua totalidade, vamos apresentar as respostas coletivamente em termos gerais.

Começemos por analisar as dificuldades iniciais que são iguais para todos em qualquer início de carreira: a falta de experiência e conhecimentos devido à idade e por ser o primeiro trabalho (“pedem experiência profissional, mas sem trabalho, não se adquire experiência”), saber acompanhar o ritmo de trabalho, o stress, a adaptação à empresa/instituição/equipa de trabalho, evitar falhas de comunicação, o horário instável e prolongado, incapacidade de ser autossuficiente logo de início, a falta de confiança, insegurança, possíveis fragilidades, falta de rendimento pessoal, entre

outras. Num aspeto também inicial e que não se prende diretamente com esta área, é o fato do “ensino superior estar deslocado da realidade do mercado de trabalho” e de existirem “poucas plataformas de acesso” ao mundo profissional para quem termina os estudos, ou seja, existe uma falta de ligação entre mundo académico e profissional. Alguns comentam também a impossibilidade de fazer um estágio curricular e/ou profissional que seja remunerado.

No que respeita aos obstáculos do meio profissional em estudo, os inquiridos abordaram aspetos muito próprios e característicos das atividades profissionais que o englobam. Relativamente à dimensão do mercado, os inquiridos queixam-se da crise económica que o país atravessa, de existir “pouco trabalho”, de ser “pontual” e de “curta duração” o que incentiva a uma “falta de previsões e planeamento de um próximo trabalho”. Muitos queixam-se da “má remuneração (pouco mais do que o ordenado mínimo)”, da “ausência, incumprimento e atraso de pagamentos”, da “precariedade”, “recibos verdes”, do trabalho ser em grande parte “voluntário” e, claro, da dificuldade de “conseguir uma sustentabilidade financeira”.

Existe uma grande lacuna por parte do Estado no que respeita a “financiamento, apoios e parcerias públicas” a projetos de carácter artístico e cultural e “muito pouca proteção” aos trabalhadores deste meio, o que impossibilita um “trabalho regular de criação com qualidade”. Também a “falta de espaço e de ferramentas de trabalho”, ou seja, de condições, impossibilita a execução de um trabalho contínuo. Os hábitos culturais do país são “reduzidos” e não há “formação de públicos”, o que faz com que a atividade artística seja “desvalorizada”, principalmente para quem “ainda não é conhecido no mercado”, não tenha “crédito” e seja difícil ganhar “visibilidade”, “reconhecimento” e “expor o trabalho em público”. Alguns inquiridos falam também da “dificuldade em iniciar uma atividade própria” e que “ter financiamento e a ajuda de “cunhas” são dois fatores que se sobrepõem à qualidade do trabalho”.

Por fim, perguntámos aos inquiridos se achavam que estas resistências ainda se continuam a verificar ou se já se tinham dissipado: 42% afirma que ainda se verificam ao contrário de 30% que acha que se dissiparam e 28% que não sabe/não respondeu à questão.

Como existem muitos fatores externos que influenciam uma carreira profissional, tais como a crise económica, cortes orçamentais, falta de apoios, entre

outros, perguntámos aos jovens até que ponto sentiam que podiam controlar o destino da sua carreira. A maior parte respondeu o valor 3, numa escala de 1 a 5 valores (sendo o valor 1 “nenhum controlo” e o valor 5 “todo o controlo”), ou seja, sentem que não a conseguem controlar mas que de certa maneira não se deixam dominar por esses fatores, mantendo-se numa posição de expectativa de poder contornar a situação.

Em relação aos rendimentos que a atividade profissional proporciona aos inquiridos, 81,6% afirma que os tem, mas desses, 62,2% dos inquiridos confessa ser “esporádico”, 32,3% “salário mensal”, 5,5% “complemento de salário”. Para quem os rendimentos são nulos ou muito baixos, mais de metade, 63,2%, diz que cobram, pelo menos, os custos que têm com a própria atividade contra 36,8% que afirma não cobrarem as despesas da sua atividade profissional.

Também na dimensão da “Carreira Profissional” se tentou perceber o grau de satisfação dos jovens inquiridos no que diz respeito à sua atividade. Mais de metade de metade, 55,3%, diz encontrar-se “satisfeito” e apenas 9,8% “muito satisfeito” com a sua carreira. 3,3% não sabe/não respondeu à questão e dos restantes 28,3% “insatisfeitos” e 3,3% “muito insatisfeitos”, 54,4% dos jovens pensa sair de Portugal para se sentir satisfeito contra 45,6% que pensa em manter-se no país. Como se pode reparar, estes dois últimos valores são muito próximos. Nos últimos anos, tem-se assistido em Portugal à chamada “fuga de cérebros”, em que os mais jovens depois de concluírem os estudos (e até mesmo alguns chegam a estudar no estrangeiro), emigram para países onde conseguem uma carreira profissional estável. Este fenómeno faz com que o país perca bons futuros profissionais e o fato de quase metade dos jovens insatisfeitos da amostra em estudo (45,6%) não pensar sair de Portugal é um valor que contribui para o desenvolvimento da criação artística e cultural no futuro do país.

Para finalizar a análise deste estudo, perguntámos aos inquiridos quais os aspetos negativos de uma carreira na área artística e cultural em Portugal. Deste modo, tentámos perceber como o mundo das artes e da cultura, enquanto sub-universo social, se sente marginalizado e desvalorizado pela sociedade (Pais, 1995). Neste ponto, muitos dos obstáculos iniciais analisados anteriormente se continuam a verificar e, devido às características específicas deste meio, existem bastantes aspectos menos positivos que se associam à atividade profissional.

As respostas dos inquiridos foram, na maioria das vezes, iguais ou muito parecidas e quase todas foram consensuais. Todos caracterizaram o trabalho como intermitente e temporário por quase sempre se tratar de projetos de curta/média duração e, algumas vezes, sazonais. Estes fatores trazem instabilidade, imprevisibilidade, descontinuidade e insegurança que não deixam planear o futuro, definindo-o como incerto, sem garantias e pouco positivo, o que condiciona a criatividade e o desenvolvimento de projetos a longo prazo.

A grande maioria dos jovens salienta o fato do trabalho ser mal pago, do trabalho a recibos verdes, da precariedade e de normalmente existir uma associação de trabalho e produção artística a trabalho gratuito (voluntariado). Muitos falam também da falta de mercado e da sua instabilidade, da falta de espaços para a criação e divulgação da atividade, de desemprego, dos estágios curriculares e/ou profissionais serem pouco ou nada remunerados, da dificuldade em arranjar trabalho e das poucas ofertas de emprego que, quando há, oferecem condições precárias.

Em algumas áreas, os inquiridos falaram do *downside* da evolução tecnológica, nomeadamente através dos *downloads* na internet que possibilitaram o acesso de produtos artísticos de forma gratuita (maioritariamente na área da Música e do Cinema), fez com que para muitos profissionais desta área, os lucros das vendas tenham caído para patamares quase nulos.

Nos últimos anos, assistimos a um *boom* de cursos superiores artísticos e culturais com bastante adesão mas dos quais os jovens inquiridos dizem ainda existir uma falta de ligação entre o sistema de ensino e o mundo de trabalho. Trata-se de uma área muito prática e as formações ainda não oferecem experiência profissional final (comparativamente com outras áreas também práticas, como por exemplo a Medicina, onde os estudantes têm a possibilidade de terminar o curso com um estágio final).

Em relação ao ensino não superior, os níveis de escolaridade pré-escolares, básicos e secundários sofrem da ausência de uma educação artística ao longo do percurso escolar e o Ensino Artístico Especializado carece de uma falta de políticas que apoiem o seu papel na sociedade e o seu respetivo alargamento.

“Não haver em Portugal mecanismos que estimulem jovens artistas a iniciar o seu percurso profissional. Exemplifico desta forma: nenhum dos meus colegas de turma conseguiu estabelecer-se profissionalmente como artista. Se bem me lembro, só 3 ou 4 colegas da escola é

que o conseguiram. De referir que a escola tinha 5 turmas de artes plásticas com mais ou menos 40 alunos por turma.”

Jovem da área de Artes Plásticas, 28 anos

“O Estado promove artistas estrangeiros ou portugueses com dinheiro, dando-lhes projetos que podiam muito bem ser explorados a um custo zero através de alunos que têm muita vontade de trabalhar e que desesperam por oportunidades.”

Jovem da área de Pintura, 31 anos

Para os inquiridos não só existe uma falta de empenho por parte do sistema de ensino como também do próprio papel do Estado. Os inquiridos referem-se bastante à falta de apoios e financiamentos públicos que incentivam as artes e a cultura em Portugal e, nomeadamente, da falta de apoios na divulgação de novos artistas. Falam de uma falta de visão e perspetivas por parte do Estado e falta de interesse por parte das entidades reguladoras da atividade artística.

Esta ausência de apoios, desvalorização e o não reconhecimento do trabalho artístico e cultural como vital para a sociedade, dificulta o desenvolvimento, a evolução e a sustentabilidade da atividade artística e de projetos criativos independentes dentro do país e põe em causa a sobrevivência de companhias e de instituições culturais.

As políticas culturais estão mal definidas e aplicadas e existe pouco interesse da sociedade em geral, ou seja, há pouca formação de públicos. O público não é intelectualmente instruído para certas áreas de criação artística (não tem cultura artística) fazendo com que o trabalho seja menosprezado por quem não entende a sua profundidade. Os inquiridos queixam-se que existe pouca abertura para a arte, que não é levada a sério, a menos que seja vista e entendida como lúdica.

“Falta uma educação cultural para o público em geral, para que se compreenda que o papel das artes plásticas e performativas tem um impacto positivo na sociedade, nomeadamente ajudando a ser criado pensamento crítico que permitirá um desenvolvimento intelectual superior. Para já os artistas continuam a ser marginalizados, pouco compreendidos e principalmente pouco valorizados (social e financeiramente).”

Jovem da área de Escultura, 25 anos

Esta falta de investimentos na cultura proporciona uma carreira com diversos problemas sociais e económicos. Existe uma enorme falta de condições sociais mínimas que garantam aos profissionais deste setor subsistirem e desenvolverem a sua profissão. A legislação é mal definida e não há um estatuto que proteja os artistas que têm exatamente as mesmas necessidades de sobrevivência financeira como qualquer outra pessoa. Os inquiridos falam maioritariamente de “injustiça social”, da “inexistência de uma reforma”, da “precariedade através dos recibos verdes” e o “período de férias ser um desemprego calculado e não de descanso”.

“Como o meu principal objetivo é conseguir ter o meu espaço para criar como artista plástica preocupa-me saber que não irei ter um ordenado por trabalhar por conta própria, nem um rendimento regular previsível, não conseguindo ter uma gestão equilibrada na minha vida financeira. Isto porque nem de uma loja ou um negócio artístico em si isto se trata, é algo que requer um financiamento exterior (quando não há possibilidades de ter o nosso), a nossa pesquisa para o projeto está ao mesmo nível da de um cientista, no entanto ainda não é bem visto desta forma. E como a nossa profissão não é vista propriamente como um trabalho, sem a especificação por artes plásticas, falo da profissão na área das artes como o espetáculo também, não temos direito a subsídios, sejam de desemprego ou férias, trabalhamos a recibos verdes na maioria das vezes, e por não podermos descontar justamente depois não temos também direito a reformas ou a qualquer tipo de apoio dado pelo estado, e isso é revoltante. Penso termos todos noção que não somos o único setor que está em desvantagem neste momento mas nós sempre assim estivemos e não se sente esforço por melhorar ou respeitar mais o setor das artes se não por nossa iniciativa.”

Jovem da área de Artes Plásticas, 20 anos

“É absolutamente essencial que a carteira profissional seja reconhecida aos olhos da constituição portuguesa. Se fizermos um estudo muito básico ao surgimento das expressões artísticas nos nossos antepassados, não se consegue perceber o porquê de, em pleno século XXI, uma das áreas profissionalizantes mais antigas do mundo (falando nos números que "eles" tanto gostam), não estar devidamente regularizada nos direitos sociais e nos apoios estatais quando expostos às mais diversas situações a que um profissional das artes, tal como qualquer outro profissional, está exposto. Mais concretamente, falo, por exemplo, do susto que é ter de assumir e de aceitar trabalhar a recibos verdes o resto da vida, sem direito a segurança social, subsídio de desemprego; reforma; etc. Tanto havia a dizer aqui...”

Jovem da área de Estudos artísticos, 23 anos

Nestas condições de uma grande instabilidade financeira e inconstância de rendimentos fixos, torna-se muito difícil gerir uma vida autossuficiente. Muitos dos jovens inquiridos colocaram a criação artística em paralelo com um emprego principal, pois não conseguem viver apenas da carreira artística e tiveram de recorrer a outros empregos por razões económicas. Infelizmente, colocaram os objetivos financeiros à frente dos objetivos artísticos e criativos, fazendo da sua vocação um mero *hobbie*. Dizem ser “difícil viver desta atividade de forma digna, sem ter de passar fome, sem ter de pedir ajuda a terceiros”. Já outros, levam a atividade artística em paralelo por opção própria uma vez que não querem colocar a sua produção artística a condicionalismos externos.

“Quando se tenta ter uma carreira artística, ou seja, ganhar a vida apenas com a produção regular de objetos artísticos, esta produção estará condicionada pela necessidade de se ganhar a vida. Como prefiro pensar na arte como uma manifestação de liberdade, sem esse tipo de condicionalismos, opto por ganhar a vida com atividades paralelas e financiar a minha atividade artística como puder. Por vezes não é fácil, mas prefiro isto a ter de criar objetos artísticos por dinheiro.”

Jovem da área de Cinema e Música, 30 anos

Todos estes fatores fazem com que seja bastante difícil ganhar mérito e conhecimento, sendo a carreira “mal definida” e “pouco promovida”. Muitos dizem que é preciso esforço e dedicação, caso contrário, é muito difícil vingar neste meio. Outros, confessam ter de se expor em sítios com os quais não se identificam para que possam ganhar mais notoriedade.

“O envolvimento é muito intenso, vives e dormes para os teus próprios projetos e não consegues ter vida própria senão te envolveres a sério para que tudo dê certo.”

Jovem da área de Produção e Direção Artística, 24 anos

“O fato de termos que aparecer em sítios que nada têm a ver com as preferências da nossa carreira, mas que nos dão visibilidade e nos ajudam a não cairmos no esquecimento do público”

Jovem da área de Teatro e Televisão, 29 anos

Estas condicionantes trazem algumas vezes consequências no foro psicológico devido ao sentimento de falta de concretização, desmotivação e às angústias inerentes

ao trabalho e desenvolvimento pessoal. Alguns jovens falam mesmo de “depressões” e “solidão” por causa de uma “carreira ingrata”. Neste meio é preciso estar sempre em constante inovação e geração de ideias e, sem uma dedicação a *full time*, é muito difícil evoluir mas, como já apresentamos anteriormente, existem necessidades e obrigações económicas.

“É frustrante visto que ainda sou uma jovem com os meros 23 anos e não vejo nenhuma perspectiva de ingressar no mundo das artes e é algo que sempre quis e sonhei, mas não vou baixar os braços tão facilmente. Sei que isto ainda vai mudar, mas não agora! Enfim acho que também há poucas iniciativas e divulgações do mundo artístico em Portugal, o que é triste, visto que a cultura é o berço da nossa sociedade e formação pessoal. É uma desilusão tremenda ver como têm tratado a nossa cultura.”

Jovem da área de Pintura, 23 anos

Como analisámos, ter uma carreira no mundo artístico e cultural tem muitos “riscos associados” e uma “aceitação de sacrifícios para enriquecimento pessoal”. Em muitos casos, o trabalho é demais para o lucro que se recebe, é se “ditado por modas e interesses económicos” e o futuro incerto e instável faz com que se viva num constante “limbo”, numa “corda bamba” e “ainda sem pés na terra, e com medo do que está para vir”. “Para se trabalhar neste meio é preciso ser por amor à causa, trabalhar muito e ter alguma sorte”.

Para concluir o estudo, quisemos perceber quais as dimensões com que os inquiridos se sentem menos satisfeitos. Como se pode observar no Gráfico 12, as dimensões mais mencionadas foram o “mercado/dinheiro”, as “condições de produção” e o “reconhecimento do público”. Por outro lado, o “reconhecimento do seu nome/reputação”, o “reconhecimento da crítica” e o “reconhecimento da instituição” são as dimensões com o que os inquiridos menos insatisfeitos.

Com esta análise, podemos concluir que as dimensões com que os jovens se encontram mais insatisfeitos são aquelas que dependem de fatores externos, que, neste caso, se resumem à situação atual que as artes e a cultura sofrem atualmente em Portugal, devido à crise económica, à falta de apoios, cortes orçamentais por parte do Estado e por parte das entidades reguladores (“mercado/dinheiro”), da consequente falta de condições para um trabalho contínuo de criação artística (“condições de

produção”), da falta de formação de públicos (“reconhecimento do público”), entre outras; e que condicionam previamente a atividade profissional, ou seja, que alteram as condições iniciais com que os inquiridos podem dispor para a sua atividade. Já as dimensões menos mencionadas, são dimensões de “reconhecimento” que resultam da reconção dos outros sobre as envolventes resultantes da atividade profissional (o nome da Instituição, o próprio nome/reputação e a crítica). São dimensões com as quais os inquiridos conseguem lidar mais facilmente pois não influenciam tanto as condições de produção artística e cultural e que não os impedem de desempenhar uma atividade de qualidade

Gráfico 12: Dimensões com que os inquiridos se encontram menos satisfeitos



3.5 Limitações do Estudo

O estudo realizado sofreu de algumas limitações durante a investigação.

A pesquisa assentou num estudo quantitativo descritivo, através da observação de um fenómeno com base em fatos concretos, onde pudemos tirar conclusões e tendências gerais dos fenómenos e da sua respetiva dimensão, mas que não pudemos estender a toda a população. Os resultados obtidos não são estatisticamente projetáveis para o resto do universo pois é impossível representar a profundidade e

complexidade do campo cultural sem cobri-lo num intervalo de tempo adequado à sua dimensão e sem os recursos disponíveis.

Neste estudo apenas descrevemos variáveis de tendência central, através da média, mediana e moda, e não se recorreu a nenhum programa informático de estatística para se apresentar mais resultados. Poderiam ter sido incluídas outras variáveis importantes para que a análise resultasse mais completa e compacta. Deste modo, existe falta de representatividade em alguns métodos, podendo haver um erro de enviesamento que não permite generalização e exploração estatística.

Relativamente à questão sobre a frequência no Ensino Artístico Especializado durante o Ensino Básico e Ensino Secundário (que foi um dos aspetos analisados na revisão da literatura), o erro de respostas que obtivemos em relação à frequência em cada nível de ensino não nos permitiu fazer uma análise correta como gostaríamos. Dessa forma, poder-se-ia ter recorrido a uma outra pesquisa quantitativa para perceber a dimensão do fenómeno em causa.

O fato da pesquisa se basear na totalidade da área artística e cultural também foi uma limitação para o presente estudo pois não nos permitiu obter informações específicas de cada área, nomeadamente sobre as dificuldades conjunturais da atividade profissional e, posteriormente, compará-las.

Como em qualquer outro estudo empírico, as limitações devem ser vistas como oportunidades e caminhos para investigações futuras.

Conclusão

Portugal é um país com tradições culturais e artísticas que atualmente sofre uma crise económico-financeira com consequências muito negativas para a cultura. As políticas públicas do país têm demonstrado uma desvalorização, senão mesmo desconsideração, pela Educação e Cultura e conseqüentemente da sociedade portuguesa em geral.

A Cultura começou a ganhar grande importância nas sociedades modernas, tornando-se num fator de desenvolvimento sustentável e de dinamização de economias através de novas áreas de atuação.

Esta transformação do setor proporcionou novas formas de intervenção artística associando as atividades culturais às indústrias culturais e atividades criativas, trazendo para o mercado de trabalho uma grande variedade de novas profissões que “se julgavam ser de ócio e nunca do negócio” (Lopes, 1998:126).

Como consequência, assistimos nos últimos anos a uma evolução significativa da profissionalização deste setor apostando-se fortemente na Educação, sendo que os perfis profissionais anteriormente necessários são hoje objeto de formação académica no âmbito do sistema oficial de ensino português de modo a responder às atuais necessidades do meio artístico-cultural. No entanto, ainda se verifica falta de articulação com o mercado de trabalho e com a vida ativa, não havendo infraestruturas de apoio e de difusão estáveis que ofereçam oportunidades aos jovens e os ajudem numa rápida inserção no mercado de trabalho. Também a educação artística se encontra desintegrada do sistema educativo geral não conseguindo dessa maneira atingir a plenitude dos seus objetivos.

Ainda assim, para aqueles que se encontram profissionalmente ativos, é-lhes difícil perspetivar uma progressão de carreira ou desenvolvimento profissional devido à instabilidade motivada pela ausência de estratégia das políticas culturais agravadas pela atual crise financeira.

Com os resultados desta pesquisa ganhámos consciência dos obstáculos e das dificuldades que impedem o envolvimento e a participação ativa dos jovens portugueses do setor artístico e cultural na nossa sociedade.

No futuro, este estudo poderia ser complementado e aprofundado por uma análise mais intensiva, através de um estudo qualitativo que forneça informação mais

pormenorizada e específica. Por exemplo, através de um recenseamento mais próximo dos jovens, entrevistando-os para analisar casos concretos ou de uma pesquisa focada em cada área artística e/ou cultural de modo a conseguir dados detalhados de cada uma para, posteriormente, compará-las e fazer um estudo mais completo.

Consideramos que também poderá ser interessante elaborar futuramente um novo estudo desta natureza de modo a obter uma análise evolutiva deste fenómeno a nível nacional e até mesmo a nível internacional. Seria igualmente interessante poder comparar este estudo com outros estudos sobre as dificuldades conjunturais dos jovens noutros sectores de atividade em Portugal.

Referências

- Abrantes, José Carlos. 1999. *À conversa com Guilherme d'Oliveira Martins*. Revista Noesis nº52, <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe52/conversa.htm>, publicado em Outubro/Dezembro
- Abrantes, José Carlos. 2000. *À conversa com Arquimedes Santos*. Revista Noesis nº55, <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe55/conversa.htm>, publicado em Julho/Setembro
- Alves, Sofia. 2012. Gestão de Recursos Humanos no Setor Cultural: Quer Perfis e Competências. In *Cultura e Sociedade*: 111-129. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento
- André, Teresa. *A Educação Artística na Escola do Século XXI*. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=14>
- Araújo, Manuel A. 2010. *Cultura 2010 - O baile mandado*. Revista Seara Nova Nº 1712, <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/165/Cultura-2010---O-baile-mandado.htm>, publicado no Verão 2010
- Araújo, Manuel A. 2011. *Para acabar de vez com a Cultura*. Revista Seara Nova Nº 1718, <http://www.searanova.publ.pt/pt/1718/nacional/298/>, publicado no Inverno 2011
- Badia, Montse. 2013. *Trabalhar em Arte*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-33-montse-badia-trabalhar-em-arte>, publicado a 06 de Maio de 2013
- Borja-Villel, Manuel. 2012. *Atenção: risco de amnesia*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-29-manuel-borja-villel-atencao-risco-de-amnesia>, publicado a 12 de Novembro de 2012
- Cambria, Rui. *Educação Artística – uma revolução para fazer*. Artigo publicado na Revista INTERVIR do Sindicato de Professores da Zona Sul em Novembro de 2011, VI Série, nº29, Contribuição para o debate sobre o Ensino Superior no âmbito da 3ª Conferência da Fenprof sobre o Ensino Superior e Investigação. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=23>
- Canavilhas, Gabriela. 2012. Criatividade e Inovação na Cultura – O Caminho para o Futuro. In *Cultura e Sociedade*: 143-148. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento
- Centeno, Mª João. 2009. *A política cultural em Portugal na entrada do novo século*. 6º Congresso SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade

- Lusófona, Abril de 2009. Disponível em:
http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/235/206
- Chalumeau, Jean-Luc. 1997. *As Teorias da Arte. Filosofia, crítica e história da arte de Platão aos nossos dias*. Lisboa, Instituto Piaget
- Coelho, Alexandra P. 2010. *A Cultura pode salvar e Economia?*. Jornal Público, <http://www.publico.pt/cultura/noticia/a-cultura-pode-salvar-a-economia-1429131>, publicado a 24 de Março
- Conde, Idalina .1990. Transformações recentes no campo artístico português. In *A sociedade portuguesa na viragem do século: 186-187*, Atas do I Congresso Português de Sociologia, Vol.II. Lisboa
- Conde, Idalina (coord). 1992. *Percepção Estética e Públicos da Cultura*. Compilação das comunicações apresentadas no Colóquio Percepção Estética e Públicos da Cultura realizado em 11 e 12 de Outubro de 1991. Lisboa, ACARTE Fundação Calouste Gulbenkian
- Costa, António Firmino. 1997. *Políticas Culturais: conceitos e perspetivas*. Artigo da publicação periódica do Observatório das Atividades Culturais, OBS nº2, Outubro de 1997, pp.10-14
- Curvelo, Rita. 2009. *Marketing das Artes em direto*. Lisboa, Quimera
- D'Orey, Carmo. 2007. *O que é a Arte? A Perspetiva Analítica*. Filosofia Pública. Lisboa, Dinalivro
- Damásio, António. [s.d.]. *Brain, Art and Education*, UNESCO Conference on Arts and Education. Disponível em:
<http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=16>
- Domingos Ferreira (coord.) 2007. *Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*. Relatório Final Revisto de Fevereiro 2007. Disponível em:
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5501/1/RelatórioEnsinoArt%C3%ADsticol.pdf>
- Eça, Teresa. 2000. *150 Anos de Ensino das Artes Visuais Em Portugal*. Comunicação apresentada nas IV Jornadas de História de La Educación Artística. Disponível em:
<http://www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html>
- Eco, Umberto. 1995. *A definição de Arte*. Lisboa, Edições 70
- Ferreira, Inês. 2012. Instituições e Políticas Culturais. In *Cultura e Sociedade: 95-104*. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento

- Ferreira, Susana. 2009. *A Abordagem da Obra de Arte, em sala de aula, no Jardim-de-infância, com crianças de 5/6 anos*. Tese de Mestrado em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
- Fróis, João P. & Marques, Elisa B. 1999. *Conclusões da Conferência: Educação Estética e Artística*, Revista Noesis Nº52, <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe52/dossier3.htm>, publicado em Outubro/Dezembro
- Fróis, João P. 1999. *Entrevista com Michael Parsons*, Revista Noesis Nº52, <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe52/dossier4.htm>, publicado em Outubro/Dezembro
- Fróis, João P. 2010. *As artes na escola pública*. Jornal Público, publicado a 16 de Agosto
- Fusco, Renato. 1988. *História da Arte Contemporânea*. Lisboa, Editorial Presença
- Gardner, Howard. 1990. *Arts Educations and Human development*. Los Angeles, Getty Publications
- Gomes, Rui & Lourenço, Vanda & Martinho, Teresa D. 2006. *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*. OBS Pesquisas, Observatório das Atividades Culturais. Disponível em: http://www.oac.pt/pdfs/OAC_DOCS_8_EntidadesCulturais.pdf
- Gomes, Rui & Lourenço, Vanda. 2009. *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos “Serviços Educativos” em Portugal*. OBS Pesquisas, Observatório das Atividades Culturais. Disponível em: http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas15_ecran.pdf
- Gomes, Rui & Martinho, Teresa D. 2009. *Trabalho e Qualificação nas Atividades Culturais*. OBS Pesquisas, Observatório das Atividades Culturais. Disponível em: http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas14_ecran.pdf
- Goulão, M^a José. 1989. *O Ensino artístico em Portugal: subsídios para a história da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Mundo da Arte. Nº 3, 1989, p. 21-37.
- Guedes, Tiago. 2006. *Ser e não ser Artista em Portugal*. Jornal Público, publicado a 15 de Janeiro
- Gusmão, Manuel. 2010. *Dez anos de indigência da política cultural - A urgência da mudança*. Revista Seara Nova Nº 1712, <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/160/>, publicado no Verão 2010
- Hasan, Abrar. 2009. *Artes and Culture. Higher Educations in Portugal*. Report of an International Panel Experts, Ministry of Science, Technolgt, and Higher Education, publicado a 21 de Julho. Disponível em: http://alfa.fct.mctes.pt/apoios/unidades/docs/Final_A_C_Report.pdf

- Hill, Manuela M. & Hill, Andrew. 2000. *Investigação por Questionário*. Lisboa, Edições Sílabo
- Instituto Camões de Cooperação e da Língua. 2010. *Diplomacia: Cultura e economia devem unir-se na promoção de Portugal no exterior*. Publicado a 16 de Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/diplomacia-cultura-e-economia-devem-unir-se-na-promocao-de-portugal-no-exterior>,
- IQF – Instituto para a Qualidade na Formação. 2006. *O Setor das Atividades Artísticas, Culturais e de Espetáculos em Portugal*. Evolução das qualificações e diagnóstico das necessidades de formação, Coleção Estudos Sectoriais, Maio 2005
- Jornal de Notícias**. 2010. Doze portugueses no estrangeiro distinguidos com prémios talento 2009. Publicado a 24 de Agosto de 2010. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1625950
- Jornal Económico**. 2011. Extinção do Ministério da Cultura é "certidão de óbito" de um sector "morto". Publicado a 16 de Maio de 2011. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/extincao-do-ministerio-da-cultura-e-certidao-de-obito-de-um-sector-morto_118168.html
- Jüngens, Sandra. 2011. *Parar e pensar... no mundo da arte*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-21-sandra-vieira-juergens-parar-e-pensar-no-mundo-da-arte>, publicado a 07 de Dezembro de 2011
- Leite, Teresa. 2000. *As Artes e Terapia e Saúde Mental*. Revista Noesis Nº53, <http://area.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe53/dossier3.htm>, publicado em Janeiro/Março
- Lopes, João T. 1998. *As Estatísticas na área da Cultura: uma breve reflexão*. Sociologia – Problemas e Práticas, Nº26, pp.121-129
- Lopes, João T. 2009a. *Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativas de Democracia Cultural*. Escola Superior de Educação Paula Frassanetti, Cadernos de Estudo Nº14, Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/302/S%26E14_Da%20democratizacao%20da%20Cultura%20a%20um%20conceito.pdf?sequence=2
- Lopes, João T. 2009b. *Políticas Culturais públicas: uma proposta para o nosso tempo*. http://www.cm-caminha.pt/pdf/outros/CMS_2009_Politicass_culturais_publicas_uma_proposta_para_o_nosso_tempo_-_Joao_Teixeira_Lopes.pdf
- Machado, José S. 2000. *Prioridade ao Ensino Artístico – Entrevista a Guilherme d'Oliveira Martins*. Revista Arte Ibérica, Nº38 Agosto 2000, Ano 4, p.8-11
- Magalhães, Miguel. 2011. *A extinção do Ministério da Cultura*. Blog Rua Direita, <http://ruadireita.blogs.sapo.pt/419116.html>, publicado a 26 de Maio

- Martinho, Teresa D. 2008. *Agentes e Profissões culturais*. Balanço de um levantamento bibliográfico, e-working paper n°53/2008, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE
- Melo, Alexandre. 1994. *O que é Arte*. Lisboa, Difusão Cultural
- Melo, Alexandre. 1997. *Política Cultural: ação ou omissão?*. Artigo da publicação periódica do Observatório das Atividades Culturais, OBS n°2, Outubro de 1997, pp.8-10
- Melo, Alexandre. 2002. *Globalização Cultural*. Lisboa, Quimera
- Ministério da Educação. [s.d.]. *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico 1º Ciclo, Expressão e Educação: Física-Motora, Musical, Dramática e Plástica*. Direção Geral dos Ensino Básico e Secundário
- Ministério da Educação. [s.d.]. *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico 3º Ciclo. Educação Visual*. Direção Geral dos Ensino Básico e Secundário
- Ministério da Educação. 1979. *Plano Nacional de Educação Artística*
- Miranda, M^a Amélia. 2012. Política Cultural. In *Cultura e Sociedade*: 45-65. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento
- Morais, Domingos. 1992. Educação Com, Para e Pela(s) Arte(s). In *Educação pela arte pensar o futuro*: 17-26. Lisboa, ACARTE, Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian
- Moura, Vasco G. 2011. *Tirar teimas*. Jornal Diário de Notícias, publicado a 12 de Outubro
- Moura, Vasco G. 2012. Educação e Cultura in *Cultura e Sociedade*: 133-142. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento
- Neves, José S. 2005. *Despesas dos Municípios com Cultura [1986-2003]*. Observatório das Atividades Culturais
- Nunes, Paula. 2010. *Professor-Artista. A Influência dos Professores de Educação Visual e Tecnológica com Prática Artística na Criatividade dos alunos do Ensino Básico (2º ciclo)*. Tese de Mestrado em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
- Nunes, Paulo. 2004. *História das Artes Visuais no Ocidente e em Portugal*. Lisboa, Lisboa Editora.
- Nunes, Paulo. 2007. *A Pedagogia de Projeto como estratégia essencial no campo da Educação Artística*. Comunicação apresentada no Painel: Artes: novos desafios pedagógicos, na Conferência Nacional da Educação Artística, 29, 30 e 31 de Outubro, Porto

- Nunes, Rui (coord). 2012. *Cultura e Sociedade*. Lisboa, Fundação da Ciência e Desenvolvimento
- Oliveira, Daniel. 2013. *Entrevista a António Victorino de Almeida*. Programa Alta Definição, SIC. Publicado a 25 de Maio. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/Programas/altadefinicao/videos/2013/05/27/victorino-d-almeida-em-alta-definicao>
- Oliveira, Maria. 2009. *Porque temos de continuar a justificar importância das artes e do seu desenvolvimento na educação das crianças?*, Invisibilidades #0, Revista Ibero-americana de pesquisa em Educação, Cultura e Artes, Dezembro 2009
- Pais, José M. (coord.) & Ferreira, P. & Ferreira, V. 1995. *Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Pais, José M. (coord.) & Nunes, João S. & Duarte, M^a P. & Mendes, F.1994. *Práticas Culturais dos Lisboaetas*. Resultado do Inquérito realizado em 1994 aos habitantes da Grande Lisboa. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Dezembro 1994
- Pais, Natália. 2007. *A democratização da Cultura*. Jornal de Letras, publicado a 24 de Outubro
- Palma, Eduardo V. [s.d.]. *Notas sobre a Educação Artística*. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=6>
- PCP - Partido Comunista Português. 2010. *Cortes no financiamento ao Ensino Artístico – Despacho n.º 12522/2010*, Disponível em: <http://www.pcp.pt/cortes-no-financiamento-ao-ensino-art%C3%ADstico---despacho-nº-125222010>, publicado a 18 de Agosto de 2010
- Perdigão, Madalena. 1979. *Da Educação Artística: perguntas e algumas respostas*. Revista Raiz e Utopia, N° 9/10, p.232-234
- Perdigão, Madalena. 1981. *Educação Artística, Sistema de Ensino em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Pestana, Isadora. 2010. *A importância da aquisição de uma cultura artística no futuro desempenho profissional dos alunos*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
- Pimenta, Paulo. 2008. *Novo regime de trabalho dos artistas entra em vigor*. Jornal Público, <http://www.publico.pt/cultura/noticia/novo-regime-de-trabalho-dos-artistas-entra-em-vigor-1318904>, publicado a 07 de Fevereiro
- Pinho, Liliana. 2012. *O Ensino Artístico em Portugal também está em crise*. Jornal digital da Licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto,

http://jpn.c2com.up.pt/2012/11/20/o_ensino_artistico_em_portugal_tambem_est_a_em_crise.html, publicado a 20 de Novembro

Pinto, Mariana. 2012. *Ser ator em tempos de crise, uma “profissão de manutenção”*. P3, Jornal Público, <http://p3.publico.pt/actualidade/economia/3305/ser-actor-em-tempos-de-crise-uma-profissao-de-manutencao>, publicado a 11 de Junho de 2012

Porto24. 2011. Ideia de extinguir Ministério da Cultura recebida com receios no Porto. Publicado a 16 de Maio de 2011. Disponível em: <http://porto24.pt/vida/16052011/ministerio-cultura-psd/#.UcHfRI6ip-w>,

Queirós, Luís M. 2009. *A maldição do Ministério da Cultura*. Jornal Público, publicado a 11 de Maio

Read, Herbert. 1982. *A Educação pela Arte*. Tradução Ana Maria Rabaça e Luís Filipe Silva Teixeira, 2007, Lisboa, Edições 70

Rego, Guilhermina. 2012. Prefácio. In *Cultura e Sociedade*: 5-6. Lisboa: Fundação da Ciência e Desenvolvimento

Ribeiro, António P. 1998. *A Cultura em Portugal no final do século: entre a abundância e a miséria*. Publicação periódica do Observatório das Atividades Culturais, OBS n.º3, Março, pp.4-6. Disponível em: http://www.oac.pt/pdfs/OBS_3_A%20cultura%20em%20Portugal%20no%20final%20do%20século.pdf

Ribeiro, António P. 2011a. *O Ministério dos Assuntos Culturais*. Ípsilon, Jornal Público, <http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=285914>, publicado a 30 de Maio

Ribeiro, António P. 2011b. *A Cultura é cara? Experimenta a ignorância*. Ípsilon, Jornal Público, <http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=292590>, publicado a 31 de Agosto

Robinson, Ken. 1992. Developing the Artes in School. In *Educação pela arte pensar o futuro*: 27-36. Lisboa, ACARTE, Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian

Rodrigues, Dalila. 2002. *A infância da arte, a arte da infância*. Porto, Edições Asa

Roland, Craig. 1991. *Creativity and Art Educations: A new look at an old relationship*. The national Arte Education Association, Department of Art, University of Florida at Gainesville. Disponível em: <http://www.artjunction.org/archives/creativity91.pdf>

Rosa, Manuel. [s.d.]. *A Educação Artística no Século XXI - Ciclo de Conferências 2010: A Educação Artística e o Sistema Educativo*. Clube UNESCO da Educação Artística, 16 de Dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=19>

- Santos, Arquimedes S. 1992. Entre Educação e Arte – Uma perspetiva psicopedagógica?. In *Educação pela arte pensar o futuro*: 11-16. Lisboa, ACARTE, Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian
- Santos, M^a Emília B. 2000. *Melhor Ensino Artístico, Melhor Educação*. Revista Noesis N^o53, disponível em: <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe53/dossier2.htm>, publicado em Janeiro/Março 2010
- Santos, M^a Lourdes L. (coord.). 2003. *O Mundo da Arte Jovem. Protagonismos, lugares e lógicas de ação*. Estudos sobre juventude. Coleção coordenada pela secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Oeiras, Celta Editora
- Santos, M^a Lourdes L. 2007. *Políticas Culturais em Portugal*. Comunicação apresentada na Mesa Redonda "Políticas culturais no Espaço Iberoamericano" integrada no V Campus Euroamericano de Cooperação Cultural – encontro promovido pela Organização dos Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI. e pela Fundação INTERARTS de Barcelona, tendo como parceiros, em Portugal, o Município de Almada e a CultIdeias, Lda, Almada, 10 de Maio de 2007. Disponível em: [http://www.oac.pt/pdfs/OAC Comunicação MLLS VCampusEuroamericano.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20MLLS%20VCampusEuroamericano.pdf)
- Sasportes, José. [s.d.]. *Um Empenho Vital*. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=4>
- Schafer, D. Paul. 1998. *Culture. Beacon of the Future*. Estados Unidos da América, Praeger Publishers
- Seabra, Augusto M. 2008a. *Um ministro, óbices e possibilidades*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-6-augusto-m-seabra-um-ministro-obices-e-possibilidades>, publicado a 20 de Fevereiro de 2008
- Seabra, Augusto M. 2008b. *Arte do Estado?*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-9-augusto-m-seabra-arte-do-estado->, publicado a 21 de Maio de 2008
- Seabra, Augusto M. 2008c. *Crítico excelentíssimo I*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-10-augusto-m-seabra-cr%C3%ADtico-excelent%C3%ADssimo-i>, publicado a 30 de Junho de 2008
- Seabra, Augusto M. 2008d. *Gosto e Ostentação*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-12-augusto-m-seabra-gosto-e-ostentacao>, publicado a 15 de Setembro de 2008
- Seabra, Augusto M. 2008e. *Crítico excelentíssimo II – O discurso no poder*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-11-augusto-m-seabra-cr%C3%ADtico-excelent%C3%ADssimo-ii-o-discurso-no-poder>, publicado a 05 de Outubro de 2008

- Seabra, Augusto M. 2008f. *Património – um escândalo*. Blog Letra de Forma, <http://letradeforma.blogs.sapo.pt/tag/património>, publicado a 17 de Dezembro
- Seabra, Augusto M. 2009. *Uma nova ministra*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-16-augusto-m-seabra-uma-nova-ministra>, publicado a 11 de Novembro de 2009
- Seabra, Augusto M. 2010. *O Buraco negro*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-19-augusto-m-seabra-o-buraco-negro>, publicado a 29 de Outubro de 2010
- Silva, Augusto S. (coord.). 2000. *A Educação Artística e a Promoção das Artes na Perspetiva das Políticas Públicas*. Relatório do Grupo de Contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura. Coleção Educação para o Futuro. Lisboa, Editorial do Ministério da Educação
- Silva, Augusto S. 1997. *Cultura: das obrigações do Estado à participação civil*. Sociologia – Problemas e Práticas, Nº23, pp.37-48
- Silva, Levi. 2009. *Educação pela Arte*. Departamento de Artes e Ofícios da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em: http://www.quadernsdigitals.net/datos_web/hemeroteca/r_1/nr_796/a_10728/10728.html
- Silva, Paulo C. 2013. *A Obra de Arte, o Sistema e os seus Donos. Meta-análise em três tempos I*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-30-paulo-cunha-e-silva-a-obra-de-arte-o-sistema-e-os-seus-donos-meta-analise-em-tres-tempos-i->, publicado a 07 de Janeiro de 2013
- Silva, Paulo C. 2013. *A Obra de Arte, o Sistema e os seus Donos. Meta-análise em três tempos II*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-31-paulo-cunha-e-silva-a-obra-de-arte-o-sistema-e-os-seus-donos-meta-analise-em-tres-tempos-ii->, publicado a 12 de Fevereiro de 2013
- Silva, Paulo C. 2013. *A Obra de Arte, o Sistema e os seus Donos. Meta-análise em três tempos III*. Arte Capital, <http://www.artecapital.net/estado-da-arte-32-paulo-cunha-e-silva-a-obra-de-arte-o-sistema-e-os-seus-donos-meta-analise-em-tres-tempos-iii->, publicado a 11 de Março de 2013
- Sousa, Aberto B. 2003. *Educação pela Arte e Artes na Educação - Bases Pedagógicas*. Vol.1o, Lisboa, Instituto Piaget
- Sousa, Ana. 2007. *A Formação de Professores de Artes Visuais em Portugal*. Tese de Mestrado em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
- Tavares, Pedro. 2013. *O professor que levou Joana a ser artista*. Diário de Notícias, http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3190626, publicado a 29 de Abril de 2013

- Toscano, Suzana. [s.d.]. *A Educação Artística no Século XXI - Ciclo de Conferências 2010: A Educação Artística e o Sistema Educativo*. Clube UNESCO da Educação Artística, 16 de Dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=20>
- UNESCO. 2006. *Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as capacidades criativas para o Século XXI*
- UNESCO. 2007. *Qualificar a Educação Artística*. Recomendações da Conferência Nacional de Educação Artística, Comissão Organizadora: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Comissão Nacional da UNESCO. Porto, Casa da Música, 29 a 31 de Outubro
- Vale, Leonor. 2010. *Como desenvolver a criatividade do aluno em artes visuais*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
- Valente, L. & Lourenço, C. 1999. *É a Educação pela Arte uma experiência datada?*. Revista Noesis Nº52, <http://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe52/dossier7.htm>, publicado em Outubro/Dezembro
- Vargas, Carlos. 2011. *Cultura e Poder Político: a impossibilidade da mudança*. 2º Ciclo de Tertúlias “Entre nós e Mundos”, Almada, 17 de Novembro de 2011
- Vilar, Emílio R. 2007. *Sobre a Economia da Cultura*. Comunicação e Cultura, Nº3, pp.131-144, disponível em: http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/03_07_Emilio_Rui_Vilar.pdf
- Wacquant, Loïc. 2005. *Mapear o campo artístico*. Sociologia – Problemas e Práticas, Nº48, pp.177-123
- Xavier, Jorge B. (coord.). 2004. *Relatório do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação e Ministério da Cultura*. Despacho do Conjunto Nº1062/2003 DR-II Série de 27 de Novembro.
- Xavier, Jorge B. 2012. *A Arte não deve ser usada como um remédio*. Revista Pública, publicado a 8 de Janeiro, pp.16-17
- Xavier, Jorge B. 2013. *A Cultura não tem de se justificar com parâmetros de mercado*. Jornal Expresso, publicado a 21 de Setembro

Estatísticas:

- Augusto Mateus & Associados. 2009. *O setor Cultural e Criativo em Portugal*. Estudo para o Ministério da Cultura. Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais
- Conselho Nacional de Educação. *Estado da Educação 2012. Autonomia e Descentralização*. Ministério da Educação e Ciência
- DGES - Direção Geral de Ensino Superior. 2009. *Bolonha: Grandes Números - Estudo 1*. Outubro 2009
- DGES - Direção Geral de Ensino Superior. 2010. *Bolonha: Grandes Números - Estudo 2 – Distribuição por áreas científicas e distritos*. Fevereiro 2010
- DGEEC - Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência. 2013. *Atividades de Enriquecimento Curricular 2012/13, Dados Provisórios*. 26 Abril 2013
- DGEEC - Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência. 2011. *Principais resultados do RAIDES 11 – Diplomados 2010/11*
- DGEEC - Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência. 2012. *Educação em Números, Portugal 2012*
- DGEEC - Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência. 2011. *Estatísticas da Educação 2010/11*. Ministério da Educação e Ciência: Direção de Serviços de Estatísticas da Educação
- DGEEC - Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência. *Número de Matrículas e Transições no 12º Ano em Cursos Científico-Humanísticos do Ensino Secundário, por Nuts II e III, no Continente. Dados Provisórios 2011/2012*
- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. 2010. *Educação em Números, Portugal 2010*. Ministério da Educação
- Gepac - Gabinete de Estratégia, planeamento e avaliação culturais. 2012. *Estatísticas Culturais do Ministério da Cultura 2010*. Observatório das Atividades Culturais
- GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais. 2011. *Vagas, Alunos e Diplomados no Ensino Superior. Apresentação de dados: Destaques*. Ministério da Educação e Ciência
- GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais. 2011. *A Procura de Emprego dos Diplomados com Habilitação Superior, 8º Relatório 2010*. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTE).

GPEARI - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais.
Cursos de Artes 2007

INE - Instituto Nacional de Estatística. 2009. *50 Anos de Estatísticas de Educação, Volume I*. Ministério da Educação, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

INE - Instituto Nacional de Estatística. 2011. *Anuário Estatística da Região de Lisboa*. Lisboa, Edição 2012

INE - Instituto Nacional de Estatística. 2011. *Estatísticas da Cultura 2010. Destaque: Informação a Cultura*

INE - Instituto Nacional de Estatística. 2013. *As Pessoas 2011*, Edição 2013

Secretaria-Geral do extinto Ministério da Cultura. 2011. *Balanço Social do Ministério da Cultura, com referência a 31 Dezembro de 2010*. Secretaria-Geral do extinto Ministério da Cultura: Divisão de Recursos Humanos e Expediente

Fontes Documentais Históricas:

Programa do XVII Governo Constitucional 2005-2009, Presidência do Conselho de Ministros. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais/cg17/programa-do-governo/programa-do-xvii-governo-constitucional.aspx>

Legislação:

Anexo IV, Diário da República, 1ª Série—Nº155—10 de Agosto de 2012

Decreto de Lei nº139/2012 de 5 Julho. Diário da República, 1ª série – Nº129 – 5 de Julho de 2012

Decreto de Lei nº344/90 de 2 de Novembro. Diário da República, 1ª série – Nº253 – 2 Novembro de 1990

Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, Diário da República Nº 237 - I Série

Portaria nº 225/2012. Diário da República nº 146, Série I de 30 de Julho de 2012

Portaria nº 243-A/2012 de 13 de Agosto. Diário da República, 1ª Série – Nº 156 – 13 de Agosto de 2012

Webgrafia:

Augusto Mateus & Associados

<http://www.amconsultores.pt/destaques>

Clube UNESCO da Educação Artística

<http://clubeunescoedart.pt/>

Conselho Nacional de Educação

<http://www.cnedu.pt/>

Direção Geral do Ensino Superior

<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/AssuntosDiversos/Estudos/>

Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

<http://www.dgeste.mec.pt/>

Direção-Geral da Educação

<http://www.dgide.min-edu.pt/>

Direção-Geral de Estatística da Educação e da Ciência

<http://www.dgeec.mec.pt/np4/home>

Inspeção Geral da Educação e Ciência

<http://www.ige.min-edu.pt/>

Inspeção Geral das Atividades Culturais

<http://www.igac.pt/>

Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE

Ministério da Educação e da Ciência

<http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>

Observatório das Atividades Culturais

<http://www.oac.pt/docslectronicos.htm>

Orquestra Geração

<http://www.orquestra.geracao.aml.pt/>

Zéthoven

<http://zethoven.acbi.pt/zethoven.html>

Conferências:

Ciclo Educação Artística no Século XXI e as Famílias

Maio a Novembro 2013

Clube UNESCO de Educação Artística

Centro Nacional de Cultura

29 de Maio:

Duarte Ivo Cruz (Centro Nacional de Cultura)

Jorge Ascensão (Presidente da Confederação Nacional de Associação de Pais)

Bárbara Wong (Jornal Público)

Ana Pereira Caldas (Clube UNESCO de Educação Artística)

26 de Junho:

Leonor Keil

Lira Keil

José Manuel dos Santos (Director Cultural da Fundação EDP)

Anexos

Anexo 1

Quadro da Dimensão e Contributo do Setor Cultural e Criativo para a Criação de Riqueza entre 2000 e 2006

Domínio	Sector	Valor Acrescentado Bruto (VAB)						Crescimento Acumulado 2000/2006	Taxa média crescimento anual 2000/2006	
		2000		2005		2006				
		Euros	%	Euros	%	Euros	%			
SECTOR CULTURAL E CRIATIVO	Actividades Culturais Nucleares	Artes Performativas	69.179.646	2,2%	138.185.967	3,8%	143.757.183	3,9%	107,8%	13,0%
		Artes visuais e criação literária	60.260.845	1,9%	99.800.670	2,8%	101.365.606	2,7%	68,2%	9,1%
		Património Histórico e Cultural	19.741.261	0,6%	31.700.414	0,9%	32.372.417	0,9%	64,0%	8,6%
	Actividades Culturais Nucleares (Total)	149.181.752	4,8%	269.687.052	7,5%	277.495.207	7,5%	86,0%	10,9%	
	Indústrias Culturais	Cinema e vídeo	114.197.227	3,7%	160.930.515	4,5%	164.747.885	4,5%	44,3%	6,3%
		Edição	1.134.385.700	36,5%	1.213.460.978	33,7%	1.263.546.144	34,2%	11,4%	1,8%
		Música	8.238.870	0,3%	7.003.560	0,2%	7.299.921	0,2%	-11,4%	-2,0%
		Rádio e Televisão	462.144.539	14,9%	476.910.165	13,3%	488.177.453	13,2%	5,6%	0,9%
		Bens de equipamento*	317.343.331	10,2%	380.972.709	10,6%	375.658.624	10,2%	18,4%	2,9%
		Distribuição/Comércio*	326.628.603	10,5%	382.951.788	10,7%	387.855.586	10,5%	18,7%	2,9%
Turismo Cultural*	173.380.774	5,6%	209.272.463	5,8%	220.873.371	6,0%	27,4%	4,1%		
Indústrias Culturais (Total)	2.536.319.044	81,5%	2.831.502.179	78,7%	2.908.158.984	78,8%	14,7%	2,3%		
Actividades Criativas	Arquitectura	14.290.931	0,5%	25.002.608	0,7%	25.440.449	0,7%	78,0%	10,1%	
	Design	4.803.925	0,2%	7.344.508	0,2%	7.473.124	0,2%	55,6%	7,6%	
	Publicidade	14.040.639	0,5%	17.790.594	0,5%	18.102.140	0,5%	28,9%	4,3%	
	Serviços de software	19.108.049	0,6%	22.529.601	0,6%	24.652.049	0,7%	29,0%	4,3%	
	Componentes Criativas em outras actividades	373.439.653	12,0%	421.787.226	11,7%	429.356.640	11,6%	15,0%	2,4%	
Actividades Criativas (Total)	425.683.197	13,7%	494.454.538	13,8%	505.024.404	13,7%	18,6%	2,9%		
SECTOR CULTURAL E CRIATIVO (Total)	3.111.183.994	100%	3.595.643.769	100%	3.690.678.594	100%	18,6%	2,9%		
% no VAB Nacional		2,9%	2,8%	2,8%						

* Actividades transversais de suporte ao Sector, automatizadas p/ efeitos de cálculo

Fonte: Augusto Mateus % Associados, 2009

Anexo 2

Empregos artístico, técnico-artísticos e de mediação

Artísticos

Os empregos que estão ligados à criação e interpretação das obras

Artes do Espetáculo

Aderecista Cenógrafo/a Cenografista Arquitecto de cena Compositor/a Coreógrafo/a Encenador/a de dança Desenhador/a de Luz Iluminador/a Desenhador/a de Som Criador/a de espaço sonoro Dramaturgista Adaptador/a musical Dramaturgo/a	Director/a cénico Figurista Actor/actriz Intérprete <i>performer</i> Artista de Circo Artista de rua Animador/a de rua Bailarino/a Dançarino/a Maestro/Maestrina Director/a Musical Encenador/a Director/a de actores	Director/a de Orquestra Director/a Coral Arranjador/a Musical Regente de coros Marionetista Actor/actriz Marionetista Bonecreiro/a Fantocheiro/a Titereteiro/a Músico Cantor/a Instrumentista
---	---	---

Artes Visuais e Património

Pintor/a Escultor/a Ilustrador/a Cartoonista	Artista de banda desenhada <i>Sound Artist</i> Fotógrafo/a	Videasta Webartist Artista multimédia
---	--	---

Bibliotecas e arquivos

Escritor/a
Autor/a

Artes Visuais e Património

Designer de Exposições
Desenhador/a de exposições
Criador/a de exposições

Técnico-artísticos

Os empregos relativos aos materiais, equipamentos, processos produtivos e expositivos

Artes do Espetáculo

Arquivista Musical
Director/a de Cena
Assistente de Direcção
de Cena
Director/a Técnico
Coordenador/a Técnico/
a
Mestre de Bailado

Professor/a de Dança
Secretário/a de
Orquestra
Afinador/a de Piano
Técnico/a de
Equipamento de
Espetáculo
Ajudante de Teia
Auxiliar de Varanda

Auxiliar de Camarim
Contra Regra
Operador/a de
Maquinaria
Operador/a de Teia
Zeladora de Guarda-
Roupa
Responsável pelo
Guarda-Roupa

Artes do Espetáculo e Artes Visuais

Técnico/a Audiovisual
Técnico/a Multimédia
Técnico/a de Luz
Luminotécnic/a
Técnico/a de Iluminação
Técnico/a de Som
Sonoplasta
Operador/a de Som
Engenheiro/a de Som

Património

Técnico/a de Museografia
Técnico/a de Museologia
Assistente de Conservador de
Museu
Técnico/a de Montagem
de Exposições

Mediação

a) Organização, gestão, promoção e venda de serviços;

Artes Visuais
Artes do
Espetáculo

Agente Artístico/a

Artes Visuais

Galerista
Art Dealer
Marchand

Artes do Espetáculo
Artes Visuais
Bibliotecas e Património

Gestor/a Cultural

b) Investigação, valorização e classificação das obras;

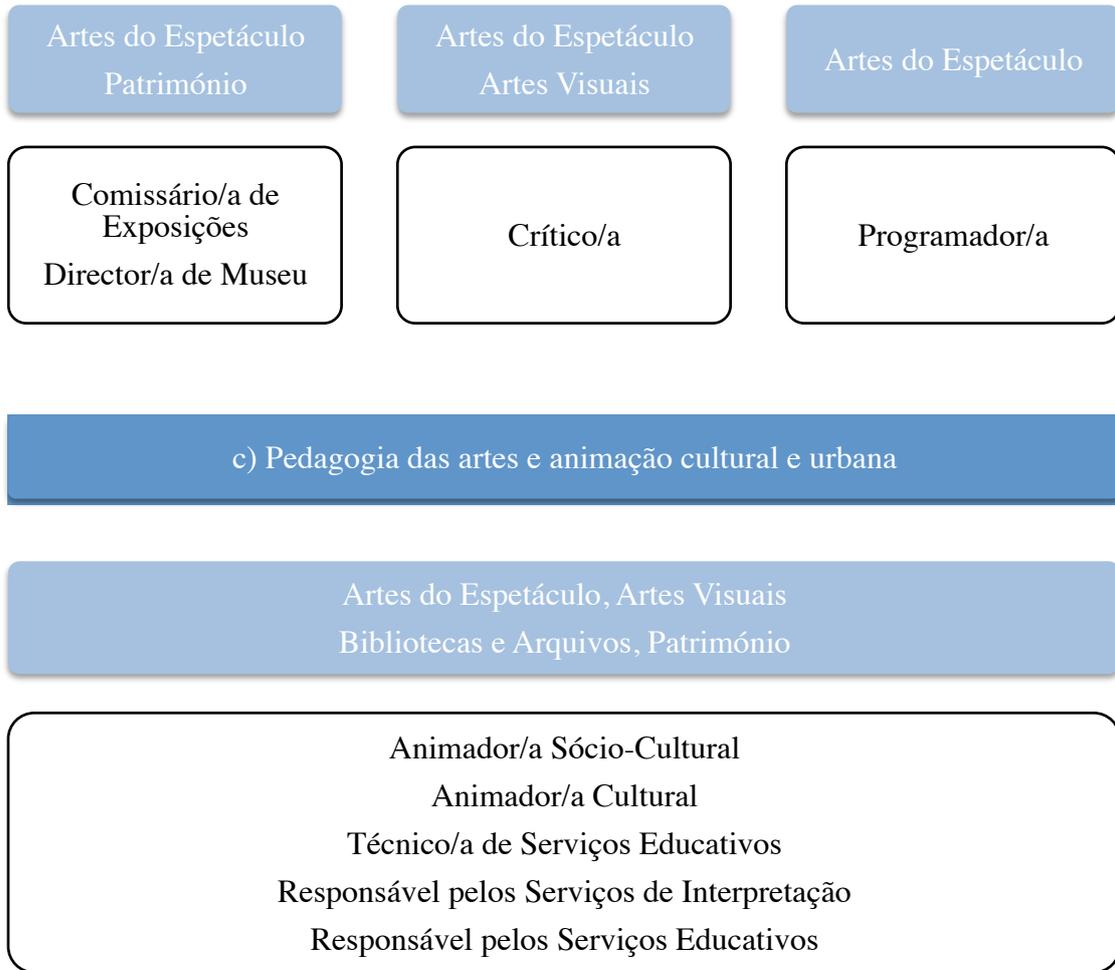
Bibliotecas e Arquivos
Património

Documentalista
Arquivista
Bibliotecário/a
Técnico/a Superior de
Biblioteca e
Documentação
Técnico/a Superior de
Arquivo
Bibliotecário/a -
Arquivista
Técnico/a
Documentalista

Técnico/a de Biblioteca
e Documentação
Auxiliar de Biblioteca
Classificador/a -
Arquivista
Adjunto/a de Biblioteca
Técnico/a -
Documentação
Técnico/a adjunto/a de
Arquivo
Programador/a

Património

Conservador/a de
Museu
Curador/a
Conservador/a
Gestor/a de Coleções
Responsável de Acervo/
Espólio Histórico



\

Fonte: O setor das Atividades Artísticas, Culturais e do Espetáculo em Portugal, IQF, 2006

Anexo 3

Algumas transformações induzidas nos empregos das atividades artísticas, culturais e de espetáculo



Caracterização

Capacidade de utilização dos novos recursos tecnológicos para a implementação de dispositivos cénicos, de iluminação e de som.

Reforço da capacidade de análise e descodificação das linguagens criativas permitindo uma maior integração/aproveitamento dos recursos técnicos.

Crescente polivalência no uso de novas tecnologias.

Crescente recurso à integração de tecnologias para a organização de soluções técnicas.

Especialização na utilização de alguns dispositivos tecnológicos de utilização mais contextualizada.



Caracterização

Crescimento dos empregos associados às atividades expositivas e de programação de conteúdos.

Crescimento dos empregos associados à apresentação de espetáculos ao vivo.

Emergência de novas competências no domínio da abordagem comunicacional quer reforçando as componentes criativas na encenação de obras, objetos e apresentação de conteúdos, quer reforçando as componentes de carácter pedagógico com vista à descodificação dos discursos artísticos subjacentes.

Crescimento dos empregos ligados às vertentes de marketing e disseminação de informação.

Perfil

Técnico/a
Documentalista

Técnico/a de Serviços
Educativos

Técnico/a de
Comunicação e
Marketing

Gestor/a Cultural

Documentalista

Conservador/a de
Museus

Caracterização

Apelando no essencial a uma maior polivalência, as transformações enunciadas distinguem a necessidade de desenvolver competências associadas à comunicação e marketing e à organização.

Desenvolvimento da capacidade de planeamento estratégico que permita criar um projecto de intervenção próprio.

Reforço do conhecimento e capacidade de interlocução no âmbito das várias vertentes de intervenção cultural.



Caracterização

Emergência de novas áreas de criação artística, nomeadamente no domínio do multimédia exigindo conhecimentos associados à produção de obras/elementos artísticos através da utilização do vídeo e do multimédia.

Conhecimento dos novos domínios de concepção artística de forma a permitir a sua integração em vários contextos de produção cultural.

Crescente exigência ao nível dos conhecimentos, que permitam planear a utilização de dispositivos tecnológicos como elemento de criação artística.

Inovação nos conceitos artísticos que permitam executar o trabalho criativo através da mobilização de recursos tecnológicos enquanto plataforma de distribuição ou como recurso associado à implementação de espetáculos.



Caracterização

Crescimento de empregos técnicos e de gestão associados à expansão da rede de equipamentos culturais e salas de espetáculo.

Difusão de contextos individuais de exercício da atividade.

Tendência para uma maior integração funcional entre algumas figuras profissionais associadas ao funcionamento de salas de espetáculo.

Apelo à polivalência na mobilização de recursos técnicos (palco, luz e som) associados à produção de espetáculos artísticos de vários géneros e linguagens.

Apelo a modelos de prestação individual de serviços mais adaptados a contextos de exercício descontínuos e referidos a um conjunto de equipamentos/espacos de apresentação.

Importância do desenvolvimento de linguagens artísticas propícias a estratégias de disseminação de ofertas e de formação de públicos.

Aprofundamento de competências em domínios tecnológicos que permitam sofisticar e diferenciar produções.

Perfil

Ator/atriz

Músico

Gestor/a Cultural

Cenógrafo/a

Produtor/a

Técnico/a de
Audiovisuais

Bailarino/a

Agente Artístico

Compositor/a

Técnico de
Comunicação e
Marketing

Caracterização

Exigência de maior polivalência criativa/interpretativa, acompanhando o desenho de trajetórias artísticas muito itinerantes relativamente aos diversos meios de expressão artística e de difusão.

Exigência de polivalência em alguns domínios de atividade de suporte à produção, reduzindo-se a necessidade de recurso a profissionais especializados em alguns domínios.

Reforço e integração de competências nos domínios da comunicação e marketing.

Esta é uma variável de mudança com forte significado no que se refere à evolução qualitativa dos empregos e à reconfiguração da estrutura profissional do setor. Constitui principal dinâmica de transformação referida a esta dimensão a acrescida relevância atribuída às componentes criativas.

Perfil

Documentalista

Conservador/a
de Museu

Técnico/a de
Comunicação e
Marketing

Técnico/a de
Atendimento
Público

Produtor/a

Gestor/a Cultural

Técnico/a
Documentalista

Caracterização

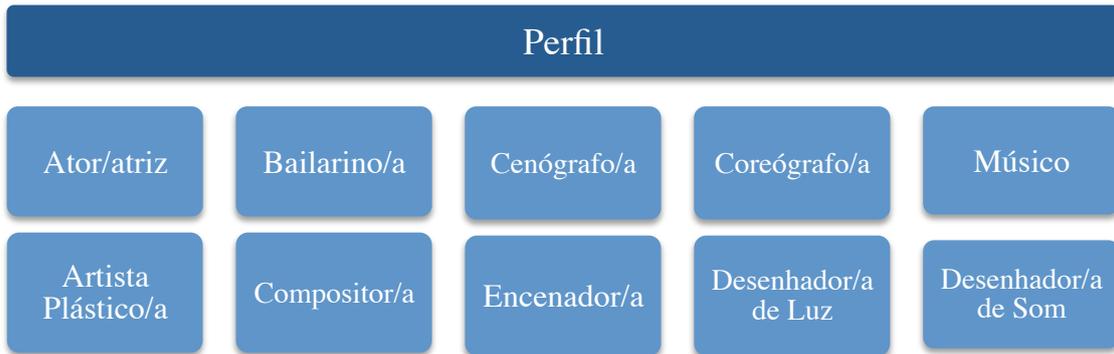
Conhecimentos informáticos no domínio das bases de dados numa ótica de utilização.

Capacidade de planeamento de sistemas de informação adaptados à organização e gestão de registos bibliográficos e documentais.

Domínio da internet e familiaridade ao potencial de utilização de recursos multimédia.

Domínio das TIC associadas à comercialização de entradas (informatização de bilheteiras e venda de bilhetes on-line).

Organização e gestão de bases de dados de suporte à comunicação com públicos potenciais.



Caracterização

Crescente interdependência entre domínios artísticos como, por exemplo, a dança, o teatro, a música, as artes visuais.

Transversalização das linguagens comunicacionais próprias aos diferentes géneros/vertentes criativas implicando o conhecimento dos vários contextos performativos e das novas linguagens artísticas emergentes.

Exigência de maior polivalência criativa/interpretativa.

Menor preponderância do exercício da atividade no âmbito de equipas estáveis associadas a um determinado equipamento e/ou espetáculo, promovendo contextos de exercício itinerantes quer espacialmente, quer no que se refere ao género artístico.

Reforço da polivalência na utilização de dispositivos tecnológicos na área do som e da luz.

Reforço da especialização criativa na utilização de determinadas soluções tecnológicas associadas a produções muito específicas.



Caracterização

Difusão de competências no domínio da gestão

Profissionalização e estabilização das estruturas de gestão

Desenvolvimento das funções comercial e marketing.

Fonte: O setor das Atividades Artísticas, Culturais e do Espetáculo em Portugal, IQF, 2006

Anexo 4

Apresentação dos perfis profissionais construídos para o sector das atividades artísticas, culturais e de espetáculo

Perfil	Caracterização
Ator/atriz	Comum
Aderecista	Comum
Agente Artístico/a	Comum
Animador Sócio-Cultural	Comum
Arquivista Musical	Comum
Artista de Circo	Comum
Artista Plástico	Comum
Bailarino/a	Comum
Cenógrafo/a	Comum
Comissário de Exposições	Comum
Compositor/a	Comum
Conservador/a de Museu	Específico
Coreógrafo/a	Específico
Crítico/a	Específico
Desenhador/a de Luz	Comum
Desenhador/a de Som	Comum
Designer de Exposições	Específico
Director/a de Cena	Específico
Director/a Técnico	Comum
Documentalista	Comum
Dramaturgista	Comum
Dramaturgo/a	Comum
Encenador/a	Específico
Escritor/a	Comum
Figurinista	Comum
Técnico/a de Serviços Educativos	Específico
Técnico/a de Som	Comum
Técnico/a de Guarda-Roupa	Comum

Galerista	Específico
Gestor/a Cultural	Comum
Maestro/Maestrina	Comum
Mariotenista	Específico
Mestre de Bailado	Específico
Músico	Comum
Produtor/a	Comum
Programador/a	Específico
Secretário de Orquestra	Comum
Técnico/a de Audiovisuais	Comum
Técnico/a de Atendimento Público	Comum
Técnico/a de Comunicação e Marketing	Comum
Técnico/a Documentalista	Comum
Técnico/a de Equipamento de Espetáculo	Comum
Técnico/a de Iluminação	Comum
Técnico/a de Museografia	Específico
Técnico/a de Piano	Específico

Fonte: O setor das Atividades Artísticas, Culturais e do Espetáculo em Portugal, IQF, 2006

Anexo 5

Questionário

Jovens Portugueses da Cultura e das Artes

O objetivo deste questionário é perceber o percurso artístico, escolar e profissional, dos jovens portugueses cuja atividade não é de fácil inserção ou de se manter no mercado de trabalho, devido à situação crítica das Artes e da Cultura que se vive atualmente em Portugal.

O público-alvo são jovens portugueses com formação artística (em qualquer área), recém formados em Portugal (no máximo nos últimos três a cinco anos), até aos 35 anos.

Nenhuma resposta é obrigatória, mas todas são importantes para o presente estudo.

Não demora mais de 10min. a responder mas, caso esteja cansado de responder, faça uma pausa. E continue mais tarde (para isso só não pode fechar esta página)!

Obrigada!

1. Que idade tem?

2. Em que cidade vive atualmente?

3. Mulher
 Homem

Construção da identidade social de Artista

1. Considera-se Artista?
 - Sim
 - Não

2. E as pessoas, identificam-no como Artista?
 - Sim
 - Não

3. Quando começou o seu gosto e interesse pessoal pela atividade artística?
 - Entre os 5 e os 8 anos
 - Entre os 8 e os 15 anos
 - Entre os 15 e os 20 anos
 - A partir dos 20 anos

Enquadramento Familiar

4. Como reagiram os seus pais/encarregados de educação quando lhes disse que queria tirar uma formação artística e, posteriormente, seguir essa carreira artística?

1 2 3 4 5

Muito mal Muito bem

5. Algum deles exerce/exerceu algum tipo de atividade artística?
 - Sim, profissionalmente
 - Sim, de forma amadora
 - Sim, amadora e profissionalmente
 - Não

6. Quando era pequeno os seus pais/encarregados de educação (ou outros membros da família próximos) interessavam-se por artes ou cultura em geral?
 - Sim (continuar pergunta seguinte)
 - Não (ir para pergunta 11)

7. Costumavam, ou costumam, levá-lo consigo?

- Sim
- Não

Formação

8. Com que idade começou a sua formação artística?

Por exemplo, se só no Ensino Secundário ou Superior iniciou uma formação artística mas desde pequeno frequentou cursos artísticos fora do sistema de ensino oficialmente instituído, diga com que idade começou.

9. Qual o seu nível de formação que tem atualmente? Ou seja, o último que frequentou.

- Ensino Secundário
- Ensino Superior (Licenciatura)
- Ensino Superior (Mestrado)
- Curso Profissional (depois do Ensino Secundário)
- Outro:

10. Que sistema de ensino frequentou durante o Ensino Básico?

- Ensino Regular (ir para pergunta 15)
- Ensino Artístico Especializado (continuar pergunta seguinte)
- Outro: _____ (ir para pergunta 15)

11. Que Ensino Artístico Especializado frequentou? (ir para pergunta 18)

12. Apesar de ter frequentado o "Ensino Regular", a sua escola costumava ter atividades de expressões artísticas?

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 17)

13. Essas atividades eram de forma integrada ou complementar (ou seja, se era dada a mesma importância que às ciências e à matemática ou se eram apenas de carácter lúdico)?

- De forma integrada
- De forma complementar
- Ambas

14. Que importância atribui a essas atividades em termos de experiência artística no seu desenvolvimento pessoal?

1 2 3 4 5

Nada importante Muito importante

15. Que sistema de ensino frequentou durante o Ensino Secundário?

- Ensino Artístico Especializado (ir para pergunta seguinte)
- Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Artes Visuais (ir para pergunta 20)
- Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Línguas e Humanidades (ir para pergunta 20)
- Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Ciências Socioeconómicas (ir para pergunta 20)
- Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Ciências e Tecnologias (ir para pergunta 20)
- Outro: _____ (ir para pergunta 20)

16. Que Ensino Artístico Especializado frequentou?

17. No caso de ter Licenciatura, qual o curso que frequentou?

Diga pff, se o estabelecimento de ensino era público ou privado. Ex.: Pintura, público; Design, privado.

18. No caso de ter Mestrado, qual o curso que frequentou?

Diga pff, se o estabelecimento de ensino era público ou privado. Ex.: Pintura, público; Design, privado.

19. No caso de ter um Curso Profissional, qual o curso que frequentou?

20. No caso de ter frequentado um curso artístico extraescolar*, qual e onde frequentou?

* Por "Curso Artístico extraescolar" entendem-se os cursos artísticos em paralelo com o sistema educativo oficialmente instituído, que também não sejam "Profissionais" (ou seja, com carácter extracurricular, por ex.: Curso piano e Formação Musical, no Conservatório de Música; Curso de Ballet, no Fórum Dança, etc.)

21. Gostou da sua formação/ões ou achou-a/as uma desilusão?

- Gostei
- Achei uma desilusão

22. Quais são os aspetos mais positivos da formação/ões que obteve e da vivência de uma escola (artística ou não)?

Pode seleccionar mais do que uma opção.

- A vantagem de colocar a frequência do curso e da escola no currículo vitae
- A experiência formativa em si
- O fato dos professores serem profissionais da área
- Fazer amigos do mesmo meio profissional
- Fazer, através dos professores, dos colegas e da escola, bons contactos de empresas/profissionais do mercado de trabalho
- Outro: _____

23. O facto de ter frequentado esses cursos/escolas facilitou-lhe, de alguma forma, o acesso ao mundo profissional? Ou no caso de ainda estar a estudar, pensa vir a facilitar-lhe?

- Sim
- Não

Circuitos de Difusão

24. Já alguma vez participou num concurso?

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 32)

25. A partir desses concursos, tem sido selecionada/o para mostras ou outros projetos?

- Sim
- Não

26. Já ganhou algum tipo de prémio?

- Sim
- Não

27. Porque participou?

Pode selecionar mais do que um opção.

- Por mera atividade lúdica
- Porque tinha tempo livre
- Porque me proporcionou a possibilidade de me exprimir esteticamente face a um júri importante
- Para ver o meu trabalho exposto
- Porque podia funcionar como uma porta de entrada para o mundo do trabalho
- Para fazer contactos
- Para perceber a qualidade do meu trabalho face à dos outros concorrentes
- Outro: _____

28. Os efeitos da sua participação foram positivos ou negativos para si e para a sua carreira artística?

1 2 3 4 5

Negativos Positivos (ir para pergunta 33)

29. Se tivesse participado, acha que a/o ajudaria a que o seu trabalho fosse mais facilmente reconhecido ou numa rápida inserção no mercado de trabalho?

- Sim
- Não

30. Alguma vez um trabalho seu foi apresentado em público?

Uma pintura, uma fotografia, um objeto de design, um projeto artístico, uma peça de teatro, uma dança, uma música, etc.

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 35)

31. Com que frequência costuma/costumava expor ou apresentar os seus trabalhos ao público?

1 2 3 4 5

Apenas uma vez Várias vezes

32. Se quiser desenvolver um projeto artístico, no qual já tem definido o conceito e equipa de trabalho, mas que falta a "rampa de lançamento", sabe a quem deve recorrer e pedir apoios (sejam eles financeiros ou de promoção e difusão)?

- Sim
- Não

Carreira Profissional

33. Atualmente, está empregado (independentemente do trabalho ser de carácter artístico ou não)?

No caso de ter um projeto artístico, mesmo que ainda não tenha rendimentos para considerar um emprego; ou caso esteja a fazer um Estágio, responda "Sim".

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 51)

34. Essa atividade profissional que presentemente desenvolve, está inserida numa área artística ou cultural (mesmo que não seja área da sua formação)?

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 51)

35. Qual é a sua ocupação/cargo principal?

36. É estagiário, trabalhador independente ou tem contrato de trabalho?

- Sou Estagiário
- Tenho contrato de trabalho
- Sou trabalhador independente (recibos verdes)
- Outro: _____

37. Em que área trabalha?

38. Como arranjou o trabalho?

- Através de uma parceria com o Estabelecimento de Ensino
- Através de um Professor
- Através de uma pessoa conhecida (familiares, amigos, etc.) que, por sua vez, conhece alguém na empresa
- Através do contacto direto com uma pessoa da empresa
- Através de um anúncio (jornal, internet, etc.)
- Iniciei (individualmente ou em grupo) um projeto/negócio
- Outro: _____

39. Quais foram os principais obstáculos com que se defrontou no início?

40. E entretanto, pensa que essas resistências dissiparam-se ou continuam a verificar-se?

- Dissiparam-se
- Continuam a verificar-se

41. Até que ponto sente que controla o destino da sua carreira artística?

Quando influenciada por fatores externos, como a crise económica, cortes orçamentais, falta de apoios, etc.

1 2 3 4 5

Nenhum Todo

42. A sua atividade artística proporciona-lhe algum tipo de rendimentos?

- Sim (continuar pergunta seguinte)
- Não (ir para pergunta 47)

43. Se sim, que tipo de rendimento?

- Salário mensal
- Esporádico
- Complemento de salário
- Outro: _____

44. Se os rendimentos são nulos ou poucos, eles cobram pelo menos os custos que tem com a sua atividade?

- Sim
- Não

45. Como tem decorrido a sua carreira até aqui?

No sentido em que sente se as suas aspirações e expectativas estão ou não a realizar-se.

- Encontro-me muito satisfeita/o (ir para pergunta 51)
- Encontro-me satisfeita/o (ir para pergunta 51)
- Encontro-me insatisfeita/o (continuar pergunta seguinte)
- Encontro-me muito insatisfeita/o (continuar pergunta seguinte)

46. Para se sentir satisfeito com a sua carreira, pensa sair de Portugal?

- Sim (ir para pergunta 51)
- Não (ir para pergunta 51)

47. Tem esperança de ainda concretizar uma atividade profissional numa área artística ou cultural (mesmo que não seja exatamente na área da sua formação) em Portugal?

- Sim
- Não

48. Quais são os aspetos negativos de uma carreira artística?

Como encara os riscos profissionais das atividades artísticas, como a intermitência, a descontinuidade, a precariedade, etc.

49. Em que dimensões se encontra menos satisfeito?

- Mercado/Dinheiro
- Reconhecimento do público

- Reconhecimento da crítica
- Reconhecimento do seu nome/reputação
- Reconhecimento da Instituição
- Trabalho em si
- Condições de produção
- Condições de difusão
- Condições de promoção
- Condições de formação

Muito obrigada pela sua participação!!

Para validar, carregue "*Submit*", sff!

Anexo 6

Tabelas de Frequências dos resultados do questionário

I – Dados sociodemográficos

Idade

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
17 – 20 anos	40	10,1%
21 – 25 anos	217	54,8%
26 – 30 anos	106	26,8%
31 – 35 anos	32	8%
Não respondeu	1	0,3%
Total	396	100%

Sexo

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mulher	256	64,6%%
Homem	139	35,1%
Não respondeu	1	0,3%
Total	395	100%

II – Construção da identidade social de artista

“Considera-se artista?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	265	67%
Não	127	32%
Não respondeu	4	1%
Total	392	100%

“E as pessoas, identificam-no como artista?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	283	71,5%
Não	107	27%
Não respondeu	6	1,5%
Total	390	100%

“Quando começou o seu gosto e interesse pessoal pela atividade artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Entre os 5 e os 8 anos	178	44,9%
Entre os 8 e os 15 anos	146	36,9%
Entre os 15 e os 20 anos	65	16,4%
A partir dos 20 anos	7	1,8%
Não respondeu	0	0
Total	439	100%

II – Construção da identidade social de artista

“Como reagiram os seus pais/encarregados de educação quando lhes disse que queria tirar uma formação artística e, posteriormente, seguir essa carreira artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1: muito mal	10	2,5%
2: mal	28	7,1%
3: indiferente	94	23,7%
4: bem	119	30%
5: muito bem	144	36,4%
Não respondeu	1	0,3%
Total	395	100%

“Algum deles exerce/exerceu algum tipo de atividade artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim, profissionalmente	43	10,8%
Sim, de forma amadora	75	18,9%
Sim, amadora e profissionalmente	32	8,1%
Não	245	61,9%
Não respondeu	1	0,3%
Total	434	100%

“Quando era pequeno os seus pais/encarregados de educação (ou outros membros da família próximos) interessavam-se por artes ou cultura em geral?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	272	68,6%
Não	123	31,1%
Não respondeu	1	0,3%
Total	434	100%

“Costumavam, ou costumam, levá-lo consigo?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	229	83,9%
Não	42	15,4%
Não respondeu	2	0,7%
Total	273	100%

III – Formação

“Com que idade começou a sua formação artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1 – 4 anos	17	4,3%

5 – 14 anos	188	47,5%
15 – 17 anos	132	33,3%
18 – 28 anos	47	11,9%
Não respondeu	12	3%
Total	396	100%

“Qual o seu nível de formação que tem atualmente?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ensino Básico	1	0,3%
Ensino Secundário	49	12,4%
Ensino Superior (Licenciatura)	241	60,8%
Ensino Superior (Mestrado)	80	20,2%
Curso Profissional (depois do Ensino Secundário)	15	3,8%
Pós-graduação	8	2%
Dotouramento	2	0,5%
Total	396	100%

“Que sistema de ensino frequentou durante o Ensino Básico?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ensino Regular	338	85,3%
Ensino Artístico Especializado	49	12,4%
Outro	4	1%
Não respondeu	5	1,3%
Total	396	100%

“Apesar de ter frequentado o "Ensino Regular", a sua escola costumava ter atividades de expressões artísticas?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	246	72,8%
Não	86	25,4%
Não respondeu	6	1,8%
Total	338	100%

“Essas atividades eram de forma integrada ou complementar?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
De forma integrada	77	30,8%
De forma complementar	129	51,6%
Ambas	44	17,6%
Total	250	100%

“Que importância atribui a essas atividades em termos de experiência artística no seu desenvolvimento pessoal?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1: nada importante	11	4,4%
2: pouco importante	19	7,6%
3: indiferente	56	22,4%
4: importante	78	31,2%
5: muito importante	85	34%
Não respondeu	1	0,4%
Total	250	100%

“Que sistema de ensino frequentou durante o Ensino Secundário?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ensino Artístico Especializado	65	16,4%
Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Artes Visuais	175	44,2%
Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Línguas e Humanidades	53	13,4%
Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Ciências Socio-Económica	18	4,5%
Ensino Regular, C.C. Humanísticos de Ciências e Tecnologias	62	15,7%
Outro	9	2,3%
Não respondeu	14	3,5%
Total		100%

“Gostou da sua formação/ões ou achou-a/as uma desilusão?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Gostei	340	85,9%
Achei uma desilusão	52	13,1%
Não respondeu	4	1%
Total	396	100%

“Quais são os aspetos mais positivos da formação/ões que obteve e da vivência de uma escola (artística ou não)?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
A vantagem de colocar a frequência do curso e da escola no currículo vitae	91	10,4%
A experiência formativa em si	301	34,4%
O fato dos professores serem profissionais da área	178	20,3%
Fazer amigos do mesmo meio profissional	164	18,7%
Fazer, através dos professores, dos colegas e da escola, bons contactos de empresas/profissionais do mercado de trabalho	127	14,5%
Outro	14	1,6%
Total	875	100%

“O fato de ter frequentado esses cursos/escolas facilitou-lhe, de alguma forma, o acesso ao mundo profissional? Ou no caso de ainda estar a estudar, pensa vir a facilitar-lhe?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	245	61,9%
Não	145	36,6%
Não respondeu	6	1,5%
Total	396	100%

IV – Circuitos de Difusão

“Já alguma vez participou num concurso?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	268	67,7%
Não	128	32,3%
Total	396	100%

“A partir desses concursos, tem sido selecionada/o para mostras ou outros projetos?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	102	38,1%
Não	164	61,2%
Não respondeu	2	0,7%
Total	268	100%

“Já ganhou algum tipo de prémio?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	125	46,6%
Não	139	51,9%
Não respondeu	4	1,5%
Total	268	100%

“Porque participou?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Por mera atividade lúdica	69	10,1%
Porque tinha tempo livre	37	5,4%
Porque me proporcionou a possibilidade de me exprimir esteticamente face a um júri importante	93	13,7%
Para ver o meu trabalho exposto	117	17,2%
Porque podia funcionar como uma porta de entrada para o mundo do trabalho	143	20,9%

Para fazer contactos	87	12,8%
Para perceber a qualidade do meu trabalho face à dos outros concorrentes	121	17,8%
Outro	14	2,1%
Total	681	100%

“Os efeitos da sua participação foram positivos ou negativos para si e para a sua carreira artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1: muito negativos	4	1,5%
2: negativos	11	4,1%
3: indiferente	104	38,8%
4: positivos	93	34,7%
5: muito positivos	55	20,5%
Não respondeu	1	0,4%
Total	268	100%

“Se tivesse participado, acha que a/o ajudaria a que o seu trabalho fosse mais facilmente reconhecido ou numa rápida inserção no mercado de trabalho?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	88	68,7%
Não	38	29,7%
Não respondeu	2	1,6%
Total	128	100%

“Alguma vez um trabalho seu foi apresentado em público?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	327	82,6%
Não	67	16,9%
Não respondeu	2	0,5%
Total	396	100%

“Com que frequência costuma/costumava expor ou apresentar os seus trabalhos ao público?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1: apenas uma vez	33	10%
2: uma a três vezes	106	32%
3: três a cinco vezes	91	28%
4: mais do que cinco	51	16%
5: várias vezes	47	14%
Total	328	100%

“Se quiser desenvolver um projeto artístico, no qual já tem definido o conceito e equipa de trabalho, mas que falta a "rampa de lançamento", sabe a quem deve recorrer e pedir apoios (sejam eles financeiros ou de promoção e difusão)?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	164	41,4%
Não	230	58,1%
Não respondeu	2	0,5%
Total	396	100%

V – Carreira Profissional

“Atualmente, está empregado (independentemente do trabalho ser de carácter artístico ou não)?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	200	50,5%
Não	195	49,2%
Não respondeu	1	0,3%
Total	396	100%

“Essa atividade profissional que presentemente desenvolve, está inserida numa área artística ou cultural (mesmo que não seja área da sua formação)?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	152	76%
Não	45	22,5%
Não respondeu	3	1,5%
Total	200	100%

“É estagiário, trabalhador independente ou tem contrato de trabalho?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sou Estagiário	18	11,8%
Tenho contrato de trabalho	41	27%
Sou trabalhador independente (recibos verdes)	73	48%
Outro	9	6%
Não respondeu	11	7,2%
Total	152	100%

“Como arranjou o trabalho?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Através de uma parceria com o Estabelecimento de Ensino	9	5%
Através de um Professor	19	10,6%
Através de uma pessoa conhecida (familiares, amigos, etc.) que, por sua vez, conhece alguém na empresa;	44	24,6%
Através do contacto direto com uma pessoa da empresa;	41	22,9%
Através de um anúncio (jornal, internet, etc.)	25	13,9%
Iniciei (individualmente ou em grupo) um projeto/negócio	33	18,4%
Outro	8	4,6%
Total	179	100%

“E entretanto, pensa que essas resistências dissiparam-se ou continuam a verificar-se?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Dissiparam-se	45	30%
Continuam a verificar-se	64	42%
Não respondeu	43	28%
Total	152	100%

“Até que ponto sente que controla o destino da sua carreira artística?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
1: nenhum controlo	11	7%
2: pouco controlo	29	19%
3: algum controlo	65	43%
4: muito controlo	37	24%
5: todo o controlo	7	5%
Não respondeu	3	2%
Total	152	100%

“A sua atividade artística proporciona-lhe algum tipo de rendimentos?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	124	81,6%
Não	26	17,1%
Não respondeu	2	1,3%
Total	152	100%

“Se sim, que tipo de rendimento?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Salário mensal	41	32,3%
Esporádico	79	62,2%

Complemento de salário	7	5,5%
Total	127	100%

“Se os rendimentos são nulos ou poucos, eles cobram pelo menos os custos que tem com a sua atividade?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	79	63,2%
Não	46	36,8%
Total	152	100%

“Como tem decorrido a sua carreira até aqui?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Encontro-me muito satisfeita/o	15	9,8%
Encontro-me satisfeita/o	84	55,3%
Encontro-me insatisfeita/o	43	28,3%
Encontro-me muito insatisfeita/o	5	3,3%
Não respondeu	5	3,3%
Total	152	100%

“Para se sentir satisfeito com a sua carreira, pensa sair de Portugal?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	31	54,4%
Não	26	45,6%
Total	57	100%

“Tem esperança de ainda concretizar uma atividade profissional numa área artística ou cultural (mesmo que não seja exatamente na área da sua formação) em Portugal?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sim	197	82%
Não	43	18%
Total	240	100%

“Em que dimensões se encontra menos satisfeito?”

Variável	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mercado/Dinheiro	315	26,6%
Reconhecimento do público	136	11,5%
Reconhecimento da crítica	43	3,6%
Reconhecimento do seu nome/reputação	59	5%
Reconhecimento da Instituição	51	4,3%
Trabalho em si	106	9%
Condições de produção	148	12,5%
Condições de difusão	104	8,8%
Condições de promoção	131	11%
Condições de formação	91	7,7%
Total	1184	100%

Anexo 7

Todos os cursos Superiores respondidos pelos inquiridos no questionário

Licenciaturas

Animação e Produção Cultural
Arqueologia
Arquitetura
Arquitetura Paisagística
Artes do Espectáculo
Artes e Multimédia
Artes Plásticas
Artes Visuais
Audiovisual
Biologia
Bioquímica
Canto
Cenografia
Ciências da Comunicação
Ciências da Informação
Ciências Musicais
Cinema
Cinema, Vídeo e Multimédia
Comunicação, Arte e Património
Comunicação e Artes
Comunicação e Multimédia
Composição
Conservação e Restauro
Dança
Desenho
Design
Design de Ambientes
Design de Cerâmica e Vidro
Design de Comunicação
Design de Equipamento
Design de Moda

Mestrados

Arte e Design para espaço público
Artes Plásticas
Arquitetura
Arquitetura Paisagística
Biodiversidade genética e evolução
Bioinformática
Biotecnologia
Ciências da Documentação e Informação
Ciências da Informação
Cinema
Cinema e Televisão
Composição
Comunicação e Artes
Cultura Visual
Dança
Desenho
Design
Design Editorial
Design de Comunicação
Design de Moda
Design de Produto
Design Social
Educação Artística
Ensino de Artes Visuais para o 3ºCiclo de Ensino Básico e Ensino Secundário
Estudos Clássicos
Estudos da Música
Fashion Marketing
Gestão Artística e Cultural
Gestão Cultural

Design de Produto
Design Gráfico
Economia
Engenharia Informática
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Escultura
Estudos Artísticos
Estudos Clássicos
Filosofia
Fisioterapia
Fotografia
Fotografia e Cultura Visual
Gestão
Gestão Cultural
Gestão Hoteleira
Gestão Sociocultural
História de Arte
Informática
Jornalismo
Língua e Cultura Portuguesa
Literatura
Marketing
Marketing e Publicidade
Medicina Nuclear
Música
Musicologia
Novas Tecnologias da
Comunicação
Pintura
Produção
Promoção Artística e Património
Psicologia
Publicidade
Som e Imagem
Teatro

Gestão de Mercados de Arte
História de Arte
Ilustração
Ilustração e Animação
Marketing
Multimédia, Cultura e Artes
Museologia e Museografia
Música
Musicologia
Práticas e Estéticas
Contemporâneas
Pintura
Programação e Gestão Cultural
Publicidade
Teatro
Televisão

